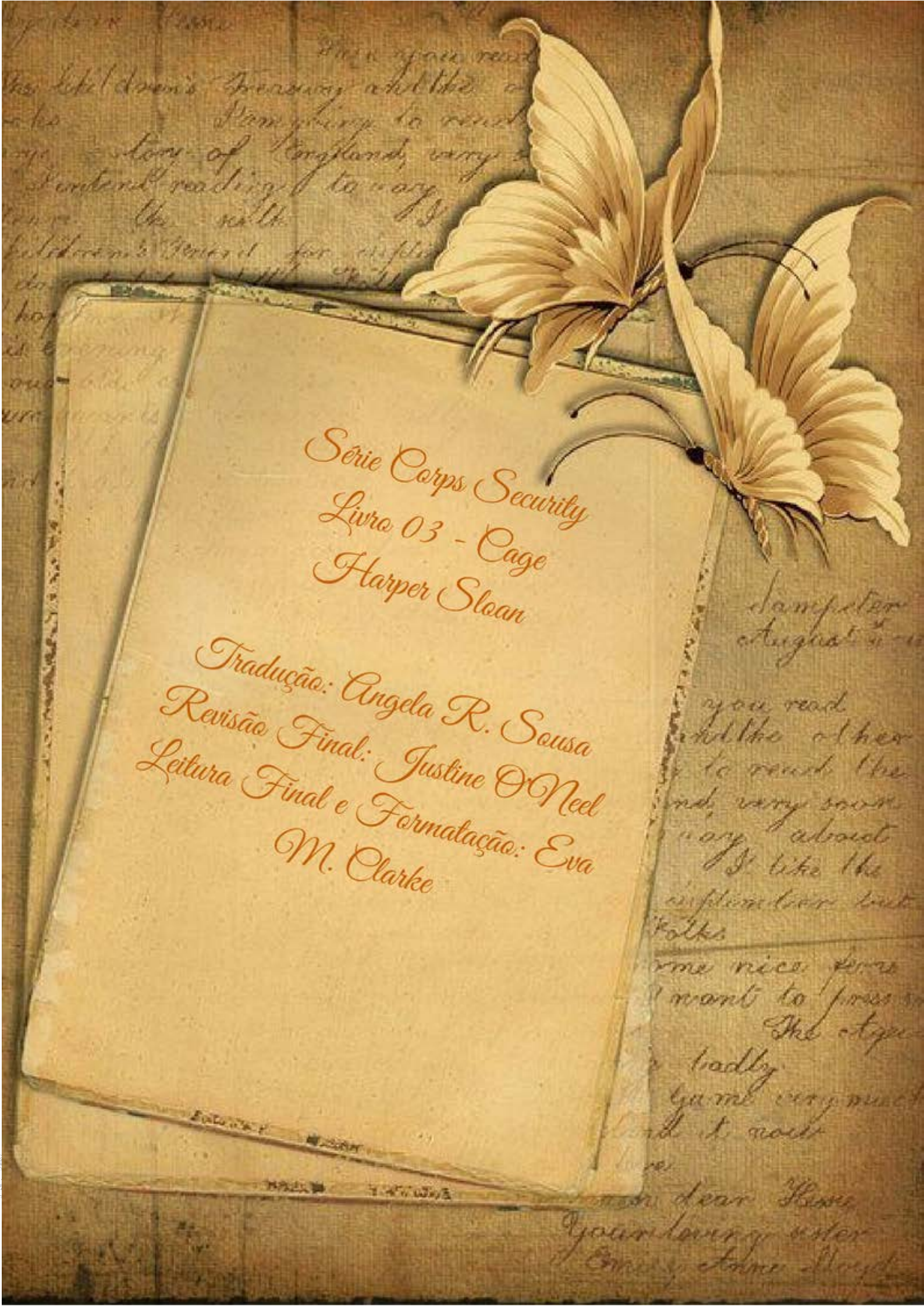
Dad

HARPER SLOAN


Butterfly
Traduções
Apresenta:



Série Corps Security
Livro 03 - Cage
Harper Sloan

Tradução: Angela R. Sousa
Revisão Final: Justine O'Neel
Leitura Final e Formatação: Eva M. Clarke

AVISO

Essa tradução foi feita pelo grupo Butterfly Traduções, de forma a proporcionar ao leitor o acesso à obra, motivando-o a adquirir o livro físico ou no formato e-book. O grupo tem como objetivo a tradução de livros sem previsão de lançamento no Brasil, não visando nenhuma forma de obter lucro, direto ou indireto.

Para preservar os direitos autorais e contratuais de autores e editoras, o grupo, sem aviso e se assim julgar necessário, retirará do arquivo os livros que forem publicados por editoras brasileiras.

O leitor e usuário fica ciente que o download dos livros se destina, exclusivamente, para uso pessoal e privado, sendo proibida a postagem ou hospedagem do mesmo em qualquer rede social, assim como a divulgação do trabalho do grupo, sem prévia autorização do mesmo.

O leitor e usuário, ao acessar o livro disponibilizado, também responderá individualmente pelo uso incorreto e ilícito do mesmo, eximindo o grupo de qualquer parceria, coautoria ou coparticipação em eventual delito por aquele que, por ação ou omissão, tentar ou utilizar o presente livro para obtenção de lucro direto ou indireto, nos termos do art. 184 do Código Penal e da Lei 9.610/1988.



SINOPSE

Greg Cage nasceu para proteger. Enquanto crescia, era o escudo da sua mãe e da sua irmã contra o mundo... até que falhou. Durante a última década, carrega essa culpa e a necessidade de vingança... até que foi despojado dela. Agora, com a sua melhor amiga se casando e sem precisar mais da sua proteção, se sente ainda mais perdido, completamente à deriva e desesperado por algum controle.

Tudo o que sempre soube foi proteger: sua família, seus amigos e seu país.

Pode ir contra tudo o que já havia conhecido e renunciar a esse controle?

Melissa Larson nunca permitirá que alguém tome as rédeas da sua vida. Ela tem sido o esteio da sua família por mais tempo do que consegue se lembrar, e lutar para mantê-la unida é sua principal prioridade no momento. Sempre foi ferozmente independente e orgulhosa. A última coisa que faria na vida seria pedir a ajuda de outra pessoa. Mas quando esta escolha está fora do seu controle, a obrigando

a depender de outros para salvá-la e à sua família, e recolher os pedaços que quebraram, deixará que outra pessoa seja sua força?

No segundo em que os olhos de Greg e Meli se encontram, ele sabe que precisa dela. Que a deseja.

Meli soube, no segundo em que conheceu Greg, que ele só traria problemas e angústia. Sua vida tem uma reviravolta inesperada e a porra do destino volta a causar mais estragos em outro membro da família Corps.

O inferno desaba, deixando Greg sem outra escolha, a não ser pedir um favor. Entra em contato com seu velho amigo, Braxxon Breaker do Breaknek MC e, juntos, se asseguram que nada volte a ameaçar os entes queridos do Greg.

PRÓLOGO
Greg

— Greg Cage — vocifero ao telefone. Estou esperando do lado de fora da maldita clínica de ultrassom durante os últimos trinta minutos. Obviamente, os verdadeiros pais estão atrasados. Aqueles dois não conseguem manter as mãos afastadas um do outro.

Deus, quero isso!

— Alô?

— Sim, Cage. É o Derrick. — O nó no meu estômago cresce. Este filho da puta não tem sido mais que uma dor de cabeça nos últimos dois anos.

— Notícias? — Não tenho tempo para esta merda hoje.

— Hum, sim?

— Derrick, *não* tenho paciência para isto, agora. Você me ligou por alguma razão, e juro por Deus, é melhor que seja uma boa. Finalmente aquele filho da puta asqueroso cometeu um deslize? — Havia colocado Derrick, um policial local, para vigiar meu ex cunhado durante os últimos dois anos, desde que Simon se casou com outra mulher inocente. Sei que algo está acontecendo, mas não consegui colocar uma pitada de sujeira naquele imbecil. Grace vomitaria se soubesse quão profunda é a minha necessidade de vingança.

— Hum. Sim... esta é a razão pela qual estou ligando, Cage. Só não sei como você vai encarar as notícias. — Derrick pode ser um cara forte, mas em momentos como este, só sinto vontade de dar um soco no rosto bonito.

— O. Que. Houve? — Vejo a caminhonete do Axel parar no estacionamento e sei que preciso desligar o telefone antes que Izzy me veja. Eu a amo, mas no instante em que ela sentir meu estresse, não vai aquietar até ter algumas respostas. Me nego a toldar sua felicidade.

—É sobre a esposa dele, Sofia. Bem, veja... houve um acidente ontem à noite.

— Caralho... — falo entre os dentes.

Exatamente igual ao que aconteceu com Grace. Exatamente igual ao que aconteceu com a minha linda irmã.

— Por favor, me diga que tem alguma coisa vinculando o rabo dele a isso, diabos. — Tem que haver. É coincidência demais.

— Isso é tudo. Um acidente. Eu não estava de plantão ontem à noite, assim tudo é extraoficial até que eu chegue à delegacia... merda. — Sei que isto não vai ser bom, simplesmente sei. — Sofia aguentou o suficiente para ser transportada, mas declararam sua morte pouco depois que chegou ao hospital. — Exala profundamente antes de continuar, enquanto meu coração vira pedra. — Declararam sua morte assim que deu entrada, Cage.

Vejo o enorme e deslumbrante sorriso da Izzy através da janela do carro, e meu coração se alegra um pouco.

— Tenho que ir. Me mantenha informado, caralho. Não me refiro a fazer isso de vez em quando. Quero saber cada maldito detalhe, entendeu?

— Sim, Cage. Entendi.

Quando o ouço desligar, enfio o telefone no bolso e me preparo para cumprimentar Izzy. Eu a vejo caminhar na minha direção com o

pequeno estômago arredondado pela evolução da gravidez. Não consigo evitar e sorrio.

O mal-estar que sinto pela ligação do Derrick ainda está me corroendo, mas o empurro de lado e envolvo os braços ao redor da Izzy como cumprimento. — Está pronta, menina? — Ela ergue o olhar e me observa com o sorriso enorme, e lembro quão fácil é para ela ser tão importante para mim. Grace a teria amado.

Seu sorriso ofuscante, tão cheio de amor e felicidade, ajuda a eliminar todas as redes de angústia que acabam de cair sobre mim.

A vida continua.

Agora, preciso descobrir como esquecer aquele filho da puta do Simon Wagner.

CAGE



POUCO MAIS DE UM ANO DEPOIS

O som da cabeceira da cama batendo contra a parede é quase suficientemente alto para abafar o som insistente do meu celular.

— Merda — falo entre os dentes. Retirando a mão do pulso fino que prendi atrás das costas da garota, me estico e pego o telefone em cima da mesa de cabeceira. — Não fale. — Ordeno, sentindo sua boceta se apertar em volta do meu pau. Essa garota ama receber ordens.

— Cage — respondo, empurrando os quadris para frente e a imobilizando embaixo de mim. Minha respiração sai em ofegos rápidos, mostrando simplesmente quão duro a estou fodendo. — Alô?

— Hum, G? — A voz suave da Izzy vem do outro lado da linha. Merda. Não é assim que devo atender uma ligação dela. Ela tem sido como uma irmã nos últimos quatro anos.

— Sim, me dê um segundo, baby. — Silenciando o telefone, retiro o pau duro como uma rocha do corpo da Mandy e dou um tapa forte na sua bunda. — Vá se limpar. A hora da brincadeira acabou. — Se um olhar matasse, estaria morto no chão agora mesmo.

— Você está brincando? — Ela se vira para cima, boquiaberta, bufa e cruza os braços sobre os peitos enormes e muito falsos.

— Não é nenhuma brincadeira, Mandy. Tampouco tenho tempo para as suas merdas. Você já sabe como funciona, e também não fiz nenhuma promessa.

— Você não acha que, só uma vez, poderia, de verdade, agir como se me quisesse por perto? — Faz um beicinho.

Eu a encaro fixamente, saio da cama, retiro a camisinha do pênis e a jogo no lixo antes de sair do quarto.

Assim que entro no escritório, retiro o celular do modo silencioso e respiro fundo antes de falar. — Izzy, sinto muito. O que houve?

— Sinto muito, G! Não achei que você estaria... ocupado. — Podia ter acreditado nela se não fosse pela risada baixa.

— Engraçadinha. E então? Do que se trata essa ligação logo cedo?

— Está bem, está bem. Não vou rir mais. Necessito de um enorme favor. Nate está com um pouco de febre, e não posso levá-lo na consulta. Tenho que me encontrar com a organizadora do casamento em uma hora, e Ax está ocupado no escritório. Acho que são só os dentes nascendo, mas me sentiria melhor, diante do casamento e tudo mais este fim de semana, se tivesse certeza. Mesmo assim, liguei para a Dee, mas ela não pode levar ele porque tem uma reunião esta manhã, tentei o Maddox porque Ax disse que ele estava livre, mas ele disse "Não garota", e desligou... Acredito que está com uma amiga, se entende o que quero dizer. — Ela não vai parar de falar se eu não a apressar. Izzy, no modo "noiva frenética e mãe preocupada", é simplesmente um desastre.

— Iz, desembucha. Se puder ajudar, o farei.

— Ok. Você pode levar o Nate ao médico daqui a uma hora?

— Sim, baby. Não foi tão difícil, certo?

Ela sorri antes de responder, mas ainda escuto o estresse no meio das suas palavras. — Não foi difícil G. Sinto como se estivesse perdendo a cabeça.

— Apenas se mantenha firme. Quando o fim de semana terminar, tudo terá valido a pena.

— Eu sei. Mas ainda sinto que algo vai dar errado a qualquer momento.

— Pare de se preocupar. Você acredita, de verdade, que Axel deixaria algo se interpor no caminho de torná-la sua esposa? Não. Não vai acontecer. Ele moveria montanhas por você. É hora de relaxar.

—Está bem. Vou tentar. Te devo uma.

— Não, não deve nada. Você sabe que amo passar um tempo com o nosso homenzinho. Estarei aí em torno de meia hora. Tenho algumas coisas para resolver primeiro.

— Hum, sim... posso imaginar. — Sua risada é a última coisa que ouço antes de encerrar a ligação. Quando me viro, Mandy está parada no batente da porta, nua, e o cenho franzido fortemente.

— O quê?

— Quem diabos era essa? Você atendeu uma ligação enquanto seu pau estava no meu corpo. Uma ligação de outra mulher?

Por que eu aguento essa cadela? Ah, certo, porque se esperasse um pouco mais para ter algo, meu pau definharia. — Amanda. — Seu nome completo sai com um grunhido. — Ouça bem. Você não entra aqui e fala essas merdas. Minha irmã liga e eu atendo. Enfie isso na cabeça agora, se alguma vez planeja visitar minha cama de novo.

— Você terminou? O seu pau está duro ainda — me provoca.

Não preciso baixar o olhar para ver que o meu pau está implorando para que eu termine. Abaixo a mão e acaricio minhas bolas, tentando, sem êxito, aliviar a dor que invade minhas entranhas. *Caralho... preciso tanto disso.*

— Garota. Não posso demorar. Você quer terminar? Tudo bem, mas vai ser duro e rápido.

A boca e o cenho franzidos, imediatamente relaxam. O sorriso que toma conta do seu rosto me lembra porque perco tempo com Mandy. Ela é bonita pra caralho, e se eu não fosse um bastardo cínico, poderia querer alguma coisa além de fodê-la.

Ela se aproxima da escrivaninha, arreganha as pernas longas e tonificadas, e revela a visão da sua boceta molhada. — Vamos, bebê. Estou chorando por ti. — Acaricia a vagina com as unhas pintadas de vermelho, esfregando o clitóris algumas vezes, antes de enfiar os dedos profundamente na boceta. Com certeza, quando retira os dedos, estão brilhando com seus fluidos.

— Quer provar, bebê? — Sua voz me traz de volta do transe induzido pela luxúria, me lembrando porque ela está aqui.

— Quieta. — Falo entre os dentes, antes de enfiar os braços sob as pernas dela e puxar sua boceta até os meus lábios. Ela agarra o meu cabelo, segurando-o com força, enquanto me levanto com ela ainda na minha boca, comendo como um homem faminto.

— Oh... Greg, bebê! Amo a sua boca, amo quando você me come.

Solto um grunhido contra sua vagina, desejando que ela cale a boca.

Caminhando às cegas pelo corredor, me abaixo algumas vezes para que ela não bata a cabeça no batente da porta, e a jogo novamente na cama bagunçada.

Ela rasteja rapidamente até a borda e, antes que eu possa detê-la, toma o meu pau profundamente em sua garganta. Fico quieto e desfruto da boca pervertida pra caralho por um segundo, então me afasto suavemente dela. — Não tenho tempo, Mandy. Tenho um monte de merda para resolver.

Alcanço a mesa de cabeceira, pego outra camisinha e a desenrolo sobre o pau duro. *Vou gozar a qualquer segundo se não a penetrar logo.*

— Vire. — Ela volta a franzir o cenho, mas se vira e levanta a bunda no ar. Agarrando o quadril delgado com a mão, acaricio os lábios com a ponta do meu pau. Cada vez que a cabeça roça o seu clitóris, ela se retorce com impaciência.

— Me fode! — Grita e empurra o quadril na minha direção.

— É melhor se segurar, Mandy. Vou foder você com força. — Penetro sua boceta com uma única e profunda investida. Ela grita de prazer, se movendo para trás, contra as minhas estocadas duras. Não há nada de carinhoso nisso; somente um homem e uma mulher satisfazendo suas necessidades.

Demora poucos minutos antes das paredes da sua vagina apertarem o meu pau com força, ordenhando até a última gota do meu

corpo. Com um tapa firme na sua bunda, me afasto dela e caminho até o banheiro.

— Tenho que ir, Mandy. Se vista. Está na hora de mover o rabo para casa.

Fecho a porta bem a tempo de evitar o objeto que ela lança do outro lado do quarto.

Cadelas loucas. Este é o motivo pelo qual tenho evitado relacionamentos por tanto tempo.

CAGE

2
Greg

Estacionando em frente à casa do Axel e da Izzy, subo as escadas correndo e entro com a minha chave. — Iz? — Grito, minha voz ecoando através da casa.

— Aqui, Greg. Estou preparando a bolsa. — Assumindo que sua voz vem da cozinha, caminho até lá.

Virando no corredor que leva até a cozinha, quase derrubo Izzy no chão em seu frenesi de atividade. — Pequena, você tem que se acalmar. O que pensa, exatamente, que vai acontecer, hein?

— Oh, Greg... não sei. Simplesmente sinto que alguma coisa vai acabar mal. Agora, com o Nate doente e o casamento neste fim de semana, não consigo simplesmente deixar de me preocupar.

— Você tem que relaxar. Prometo para você que nada vai acontecer. — Eu a abraço, esperando que a respiração agitada se acalme um pouco. — Onde está o meu pequeno companheiro do dia de hoje?

— Parado na porta dos fundos. Está obcecado em olhar pela janela, agora. Saio, deixando-a continuar com os preparativos ao redor da cozinha.

Sim, ali está ele. O dia em que Nathaniel Gregory Reid nasceu foi um dos melhores da minha vida. Não porque é meu filho, não. Mas porque a garota que se tornou uma irmã para mim, não somente deu à luz a ele, mas também combateu seus demônios e ganhou. Além disso, ajuda que o belo menino tenho o nome do seu tio favorito.

— Nate! Como está o meu menino bonito hoje? — Ele desvia o olhar da janela e me dá um enorme sorriso babado. Eu o levanto e mantenho perto do meu corpo, simplesmente desfrutando da sensação do pequeno corpo junto ao meu.

— Aqui está a bolsa. Lanches, seu copo de canudinho e a chupeta. Fraldas, lenços umedecidos e qualquer outra coisa que possa precisar. A consulta é com o Dr. Shannon. Você sabe como chegar ao consultório do pediatra, certo?

CAGE

— Sim, Izzy. Sei. E tenho que ir, ou perderemos a consulta. Quer que eu vá no seu carro para que você não tenha que mudar a cadeirinha de bebê?

— Está bem, e Greg... obrigada. — Se coloca na ponta dos pés e me dá um beijo na bochecha antes de abraçar Nate com amor. Inclusive posso ter visto a pobre criança implorando com os olhos, para que eu o levasse daqui. Tio Greg ao resgate.



Chegamos ao consultório médico com minutos de antecedência. Retirar Nate do carro e entrar no consultório é a parte fácil; tirar a boca da minha placa de identificação, é outra coisa. Sei que Izzy odeia quando ele faz isso com o Axel, mas, porra, o pobre garoto está infeliz. Ele vai de super feliz para o choro, em dois segundos. Odeio ver o pequeno sentindo dor, então sei que isso deve matar Izzy e o Axel, também.

Caminhando para a mesa da recepção, sorrio para a bonita loira. — Olá, tenho uma consulta para Nate Reid com o Dr. Shannon. — Ela levanta o olhar, os olhos arregalados, e juro que quase baba. Odeio esse tipo de reação. Sim, sou um homem grande, mas cacete... — Senhorita? Nate. Para uma consulta.

— Ah, sim. Desculpe. — Faz algumas anotações, me olhando algumas vezes antes de corar e quase esconder a cabeça atrás do monitor. — Você tem o cartão de seguro do seu filho? Acabamos de instalar um sistema novo, então precisamos ter certeza que correspondem.

A dor profunda que sempre invade meu organismo diante do simples pensamento de ter meu próprio filho, parece nunca desaparecer. Algum dia.

— Nate é meu sobrinho. Sua mãe, Izzy, não me deu o cartão, mas posso lhe garantir que nada mudou com respeito ao seguro. — Já que a garota ainda está babando, acredito que é seguro apostar que não escutou nem uma fodida coisa do que eu disse. Baixando o olhar para a identificação com seu nome, me preparo para ajudá-la a se concentrar, verificando seu nome, Lauren, antes de falar com ela: — Lauren, querida? — Ela pisca algumas vezes e, por fim, entra no sistema. Verifica os dados do Nate e me diz para sentar e esperar alguém nos chamar. Ótimo.

Seguindo suas instruções, pego Nate e me sento em uma das duras cadeiras da sala de espera. Jesus, essas coisas devem ter sido feitas para

mulheres e homens extremamente pequenos. Ajeitando Nate para ter certeza de que, pelo menos, posso deixá-lo feliz e em silêncio por enquanto, pego o telefone para mandar uma rápida mensagem à Izzy, para que ela saiba que já estamos aqui. Nate, outra vez, decide que minhas placas de identificação são os melhores brinquedos para os seus dentes. Izzy pode chutar a minha bunda, mas de jeito e maneira vou tirá-las dele, agora que está feliz. De forma nenhuma.

Trinta minutos depois e com a camiseta, as placas de identificação e Nate encharcados, alguém chama o nome dele. — Nate Reid? — Escuto a voz que vem de fora da sala. Levanto o olhar, e agora é a minha vez de engolir a língua. Puta merda. Faz muito tempo desde que simplesmente olhar para uma mulher me deixou nocauteado. Esta não é uma mulher comum. Não, esta mulher grita sexo.

O uniforme cor de rosa se molda ao seu corpo como se tivesse feito sob medida para ela. Deve ser uns bons quinze centímetros mais baixa, em comparação ao meu um metro e noventa e dois, com pernas tão atraentes que nem sequer o horrível uniforme pode ocultar, e seus seios... porra, aqueles seios fartos. Tenho que me controlar para não colocar a língua para fora e lamber os lábios. Assim que posso,

finalmente, tirar os olhos atordoados do seu peito, levanto o olhar e encontro uma sobrancelha castanha escura erguida e olhos azuis mordazes. Merda.

— Sr. Reid? — Diabos, até sua voz é sexy pra caralho. Tão baixa e rouca, que até o meu pau repara.

Pigarreio para limpar a garganta, antes de tentar falar. — Cage.

— O quê? — Hein? Merda... o que acabei de dizer? *Cage*. Baixo, muito baixo.

— Não sou o Sr. Reid. Sou o tio dele, Greg Cage. — Me sinto como um adolescente que acaba de ter sua primeira ereção por causa da melhor amiga da sua mãe. Isto poderia ficar mais incômodo?

— Está bem, tio Greg Cage, como está este bebê hoje?

Vou responder, mas antes que as palavras saiam, Nate faz um estranho som na garganta. Noto que a enfermeira "Sonho molhado" ofega, e dou um passo para trás, exatamente antes do Nate cobrir meu corpo inteiro com vômito. Que maneira de ajudar um homem, Nate.

Depois de uma ridiculamente longa e muito incômoda consulta médica, Nate finalmente está pronto para sairmos. Izzy vai ficar louca. Infecção nos dois ouvidos. O médico explicou que essa era a razão pela qual Nate decidiu me cobrir carinhosamente com seu vômito de bebê. E para piorar as coisas, tive que ajudar a segurar o pequeno, enquanto a enfermeira furava a perninha forte com uma injeção de antibiótico. Não vi mais a enfermeira sexy como o pecado, desde que o médico me deu as prescrições do Nate e saiu. Nem percebi que não sabia seu nome até estar caminhando com Nate e seu vômito, para o carro. Bom, Nate já não está com cheiro de merda.

Decidindo que é melhor não deixar a Izzy saber quão grande é infecção do Nate, dirijo até o escritório para entregar o pequeno ao seu pai, assim posso ir para casa e tomar um banho. Ao menos dessa maneira, se o Sway aparecer para me atacar, posso me proteger com um escudo de vômito de bebê.

— Ohhhhh! — Ouço um grito parecido com o de um maldito porco, antes mesmo de sair do carro da Izzy. É engraçado ter pensado que conseguiria evitar o Sway. Juro que esse homem nunca trabalha, só

fica sentado na frente da janela, à espera que alguém da Corps passe andando ou dirigindo.

— Gregory, traga aqui seu belo traseiro – O BEBÊ! — E agora, tenho o Sway em toda a sua glória correndo para o carro. Como um homem tão gordo como ele pode correr com saltos de dez centímetros sem arrebentar o traseiro, está além da minha compreensão.

— Não, Sway. Aquiete o seu traseiro agora mesmo.

— Gregory, porque você está todo *molhado*? — Ofega, parando tão perto quanto possível, sem se arrastar sobre o meu corpo. Dou um passo para trás e movo o Nate nos meus braços. Para longe do homem perturbado.

— Você poderia, por favor, parar de me chamar de *Gregory*? Parece a minha mãe, maldição. — Sway se estica de novo, para tirar o Nate do meu colo.

— Não, Sway. Hoje não.

— Mas, Gregory! — Ofega e leva a mão gorda ao peito. Jesus.

— Tenho que ir, Sway. Se você quer pegar o bebê, então vá atacar o Ax. — Posso escutar os saltos do Sway atrás de mim, através do

estacionamento. Este homem, mulher, o caralho que seja... podia fazer com que ele passasse maus bocados, mas é engraçadíssimo. — Te vejo por aí, Dilbert!

Entrar no escritório nunca falha em me dar um enorme sentimento de orgulho. Orgulho de mim mesmo, e orgulho dos meus rapazes. Antes de unir forças com Axel e os caras, estava indo bem pra caralho nos negócios, mas quanto mais clientes conseguia, as coisas ficavam mais esmagadoras. Ainda mais, que foi na mesma época em que Izzy estava passando por demasiados problemas... simplesmente não podia me permitir ficar longe muito tempo. Ela precisava de mim, e nunca mais falharia com outra mulher que gostasse.

Izzy e eu temos uma amizade das melhores. Muitas pessoas acham que é louco o fato de ser tão próximo a uma garota, mas Izzy não é, simplesmente, qualquer pessoa para mim. É do meu sangue... mesmo que na verdade não seja. Ela tem uma grande parte do meu coração, assim como Grace teve uma vez.

Maldição, sinto saudades da Gracie.

— Oi, Greg. — Escuto uma voz me chamando baixinho, atrás da mesa da recepção.

— Emmy. Como têm estado as coisas por aqui, menina?

— Está tudo bem, Greg. Embora Axel esteja correndo por todos os lados como um louco. Creio que está estressado por causa deste fim de semana.

— Aposto que sim — sorrio, movendo o corpo do Nate em meus braços. — Tenho que deixar o pequenino. Não vou ficar, mas vejo você no fim de semana.

— Está bem, Greg. — Se não a tivesse visto derrubar um cara com um chute nas bolas, juraria que a garota pequena e tímida é totalmente frágil.

Balançando a cabeça, continuo caminhando pelo corredor até a sala do Axel. Posso escutar ele gritando ordens através da porta fechada. Merda, alguém deve tê-lo irritado de verdade hoje de manhã.

— Eu não faria isso se fosse você. — Me virando, vejo o rosto estoico do Beck. Nunca é bom quando esse cara amável começa a agir como uma pequena cadela.

— Problemas?

— Sim. Tipo dois metros de irritação. Que diabos há com ele? — Se levanta e esfrega o pescoço, outro sinal que Beck está estressado pra cacete.

— Suponho que é o mesmo que está comendo a Izzy viva. Depois de toda a merda que eles passaram, estão até com medo de piscar antes da cerimônia do casamento terminar. — O que é uma pena, também. Axel e Izzy não tiveram o início de conto de fadas que a maioria dos casais, tão perfeitos como eles, merecem. Pode ser que tenham demorado para se reencontrar, mas estão preocupados por nada. Nenhum de nós permitiria que acontecesse alguma coisa que viesse a adiar esse evento.

— É só isso que está chutando o seu traseiro hoje, Beck?

— Só mais algumas merdas com a Dee. Não sei porque insisto tanto, sinceramente, não sei. — Olhando para ele mais atentamente, vejo que o estresse está por todo seu corpo. Ele vibra com frustração, o que não lhe dá uma boa aparência.

— Qual o problema desta semana? — Pergunto, sabendo bem pra caralho, o que ela o fez passar na maior parte dos últimos anos. Não creio

que alguém saiba o que aconteceu, mas eles se tornaram difíceis e intensos, e depois Dee quebrou os laços realmente rápido.

— Diabos, como se eu soubesse. Parece que vai levar algum idiota do seu trabalho ao casamento. Não sei qual é o fodido problema em simplesmente admitir que tínhamos algo. Embora, tenho que dizer, estou farto e cansado de esperar que ela tome alguma atitude.

— Concordo. Não vou me meter nessa merda. Você pode ser meu irmão, mas essa garota sempre vai te superar. — Me viro e bato na porta do Axel, sem esperar que ele responda, antes de entrar. O drama entre o Beck e a Dee não é algo no qual eu queira me envolver. Diabos, não.

— Que m...? — Grita Axel antes de ver quem entrou no seu escritório.

— Maldito imbecil. Seu filho decidiu me brindar com o vômito dele hoje, então esse é o seu turno. Amo esse bebê, mas não gosto de ficar cheirando ao leite do peito da sua mulher.

— Porque você está com meu filho? Onde está a Iz? Ela está bem? — Se levanta, como se fosse sair correndo do escritório para verificar sua mulher. Porra, está se transformando em um covarde medroso.

— Fique calmo. Jesus Cristo. O que está acontecendo com vocês dois? Você está agindo como uma pequena cadela que acaba de ter seu período e está no limite, simplesmente esperando que aconteça outra tragédia. Nada vai acontecer, entende?

Ele suspira e cai pesadamente sobre a cadeira. — Sim. Sinto que a qualquer momento ela vai desaparecer de novo, e nada consegue tirar essa imagem da minha cabeça. Nem uma maldita coisa. — Balança a cabeça, coloca os pensamentos em ordem e olha novamente para mim. Determinação brilha em seus olhos. — Me dê o meu filho e não fale palavrões quando estiver perto dele, imbecil.

— Você é um idiota, Axel. Izzy está preocupada com o casamento e um monte de outras coisas. Nate vem tendo febre, assim, acabo de vir do médico. Ela não queria *preocupar você*, mas tenho certeza absoluta que não há nenhuma forma de o levar para casa e explicar tudo isto, quando ela já está ficando louca.

— Sim, ela falou alguma coisa sobre ele não se sentir bem, ontem à noite, mas estava tranquila quando saí para trabalhar hoje de manhã. Ele está bem? Merda, porque ela não me ligou? Você não deveria ter que

levar o meu filho. — Aproxima seu corpo do Nate e o abraça. Aquela dor no meu coração atinge um pouco mais fundo diante dessa visão.

— Não sei, talvez porque você está agindo como um louco, exatamente como ela tem agido nas últimas duas semanas. Ele está bem, de qualquer forma. Infecção de ouvido, nos dois. Mas expliquei ao médico o que ia acontecer neste fim de semana, então aplicou uma injeção de antibióticos nele para acelerar o processo.

Jogo a receita do Nate sobre a mesa, beijo a cabeça do pequeno e dou um tapa nas costas do Ax. — Respire fundo e se acalme de uma vez, caralho. Nada vai acontecer. Mas, se puder me dizer o nome da enfermeira sexy, te dou cem dólares. Merda, homem.

A risada do Axel atravessa a sala, fazendo com que Nate dê um sorriso desdentado para o seu pai. — Sei exatamente de quem você está falando, e se você disser à Izzy que falei isso, vou cortar suas bolas, mas, porra... aquela mulher. Você viu o tamanho dos seios dela?

— Inferno, como podia não ter visto?

Conversamos por um tempo, antes que o meu cheiro me fizesse querer vomitar também. Axel quase volta a perder a cabeça quando conto o que a ligação da Izzy interrompeu hoje de manhã. Axel nunca

foi um grande fã da Mandy. Acha que ela é uma cadela querendo dar o golpe do baú, e chegando nesse ponto, não posso dizer que esteja muito em desacordo com ele. Saindo do escritório, me assegurando que a Emmy tenha verificado que o caminho até a caminhonete estava livre do Sway, caminho com a esperança de me limpar e relaxar por algumas horas, antes que algo mais apareça.

CAGE

3 Melissa

Outro longo dia que acho que nunca vai terminar. Os pacientes entram uma e outra vez, e o Dr. Shannon se nega a fechar as portas até quase às oito e meia. Odeio pôr fim aos planos com Cohen, mas de maneira alguma vai poder jantar comigo agora. Luto contra a necessidade de abrir um buraco na parede e continuo a percorrer o caminho até o banheiro, retirando o jaleco no percurso.

Minha mente vagueia até o homem que trouxe o bebê da Izzy hoje. Parecia tão natural com o Nate que era óbvio que estava acostumado com crianças, mas Iz nunca o mencionou. Tive sorte de desenvolver uma amizade com Izzy West durante os últimos dez meses. Quando a encontrei pela primeira vez, estava do outro lado da porta do Dr. Shannon, entrando com o Cohen, em vez de estar trabalhando.

Desenvolvemos uma amizade, e naquele momento, era o que necessitava.

Me lembro de não pensar nos acontecimentos que me levaram a ser amiga da Izzy. Minha irmã chutaria minha bunda se derramasse uma lágrima por ela. De forma alguma. Estou usando minhas calcinhas de garota crescida há mais de um ano, agora, e de maneira nenhuma deixaria que as lembranças me derrubassem.

Afastar a dor que sinto só de olhar para o rosto do Cohen, ou pensar na minha irmã, é a única realidade que conheço agora. Mas sou malditamente boa nisso. Lidei com a perda da minha irmã, mas isso não faz a dor desaparecer.

Depois do banho e da rotina da noite, me acomodo no velho sofá e pego o telefone. Está na hora de ligar para minha mãe e enfrentar as consequências de perder outro jantar com Cohen.

— Meli-Kate! Está com problemas, meu amor. Tive que explicar ao Cohen, de novo, que *não* podemos utilizar a mesa da cozinha como plataforma de lançamento para seu ataque contra os ninjas imaginários na casa! Você sabe quanto tempo leva para o tranquilizar, quando tem ninjas imaginários atacando a casa da sua avó?

Não posso evitar a risada incontrolável que brota diante do pensamento do Cohen em modo ataque. Sei que isso vai render um sermão por parte da minha mãe, mas diabos, ela está pedindo por isso.

— Fala sério, mamãe! Você o faz parecer um terror! Não é tão ruim assim. Nos encarregamos do Cohen, e temos feito isso desde que a minha irmã morreu, há quase dois anos. Sinto falta dela, mas tê-lo em nossas vidas afasta um pouco da dor. Não dói tanto porque ele nos mantém bastante ocupadas, tanto que não temos tempo para sentir falta dela demais.

— Meli — suspira. — Por favor, me diga que tem uma razão para ter perdido o jantar com ele novamente? Você sabe o quanto ele espera por esses dias. — Parece tão cansada, e odeio não poder estar mais presente, para ela e para ele.

— Eu sei. Acredite em mim, eu sei. Dr. Shannon fez novamente. Os pacientes simplesmente continuaram chegando, e não tinha uma maldita coisa que eu pudesse fazer sobre isso.

— Amanhã. Está de folga, não é verdade? Venha buscá-lo amanhã. — Teria sido capaz de eliminar o leve tremor na voz se não tivesse falhado no final, fazendo meu coração se romper. Sei que Cohen

CAGE

não torna as coisas mais fáceis, mas sendo a única pessoa que tem um trabalho, é o único jeito das coisas funcionarem neste momento. Talvez, algum dia, terei plena custódia dele, mas com a sogra da minha irmã fazendo um escândalo sobre isso, e lutando contra a última vontade da minha irmã, este é o único modo de agir nesse momento.

— Posso chegar cedo pela manhã. Porém, não poderei ficar com ele por muito tempo; tenho a despedida de solteira de uma das minhas amigas, amanhã à noite. Você lembra? Que eu falei que não podia ficar com ele este fim de semana?

— Ah, está certo, querida. Tudo bem, de verdade. Quando a Janie for caminhar, pode vir até aqui e levá-lo ao parque, e talvez queimar um pouco da energia desse menino, diabos. — Ela sorri sempre que um palavrão sai da sua boca. Minha mãe é o exemplo perfeito de uma mulher do Sul. Enquanto crescia, todos os meus amigos diziam que eu tinha uma sorte dos infernos por ter Paula Deen[1] como mãe. É realmente estranho o quanto ela parece e fala como aquela mulher.

[1] Celebridade americana que representa o estereótipo das mulheres do Sul.

CAGE

— Te ligo pela manhã, tudo bem? Só para o caso de você mudar de ideia. Te amo, mãe.

— Também te amo, doce menina.

Desligo e a única coisa na qual posso pensar é em quão encantadora minha cama parecerá quando eu desabar sobre ela.

Na manhã seguinte, a primeira coisa que faço é ligar para minha mãe, para ver se precisa que eu vá ficar com o Cohen durante algumas horas. Porém, quando ligo, Janie atende e diz que estão ocupados construindo fortalezas na sala de estar e travando guerras de pipocas. Parece o dia perfeito para eu estar ausente.

Já que não vou estar com Izzy e suas amigas até a hora do jantar, passo o resto do dia limpando meu pequeno apartamento. Para minha sorte, meu apartamento é tão pequeno que levo poucas horas para deixá-lo perfeitamente impecável. Agora, está na hora de ligar para Izzy.

— Alô? — A voz profunda que atende o celular me confunde por um segundo. Afasto o aparelho do ouvido para ter certeza que liguei para o número certo.

— Uh, a Izzy está?

— Claro que sim, mas não há a mínima possibilidade de atender o telefone neste exato momento. — Escuto Izzy protestar antes de pegar o telefone das mãos do homem e dizer, sem fôlego: — Alô?

— Oh, meu Deus, Izzy! Por favor, diga que não acabei de interromper você!

— Parece ser a semana para isso. — Ela ri.

— Jesus! Sinto muito! Só queria saber, a que horas devo encontrar com você hoje à noite? — Porra, sincronização perfeita, Melissa! Pelo menos alguém está se divertindo estes dias! Provavelmente, vou precisar de um espanador para limpar as teias de aranha, porque já passou bastante tempo desde que minhas pernas estiveram abertas.

— Tudo bem. Axel só está bancando o bebê chorão, esse homem é insaciável. Por que não vem até a minha casa e vamos junto com a Dee e a Emmy?

— Parece perfeito. Nos vemos mais tarde, então! — Desligo o telefone e rapidamente vou me preparar para a noite. Me esforço para bloquear os arrepios de excitação que percorrem a minha pele. Cadela de sorte, maldita seja, preciso gozar.

Minha mente imediatamente volta ao "Tio Greg"; sei que é provável que ele apareça em algum momento desta noite. Não estaria no médico, no lugar da Izzy, se não fosse tão próximo a eles. Então, a pergunta é, quero fazer alguma coisa em relação à atração que cozinha em fogo baixo, somente por alguns segundos, no mesmo aposento com ele? Não. Bom, para ser totalmente honesta, sim, mas sou inteligente o suficiente para não me envolver com alguém tão viril. Depois de ver o que causou à minha irmã, de maneira nenhuma vou conseguir me envolver com o "Sr. Sexo sobre Pernas". Preciso encontrar um homem baixo, franzino e careca. Alguém seguro.

Posso ser muitas coisas, mas também sou inteligente o suficiente para aprender com o passado. Suficientemente inteligente para saber que nenhum homem que exala tanto ar de macho alfa, será feliz com uma mulher forte. Ou não ficará satisfeito até que me torne fraca, e *nunca* serei esse tipo de cadela.

Seja qual for a forma com que olho para ele, ainda assim, não posso ignorar o fato que só de pensar na sua diabolicamente sexy boa aparência e naqueles olhos, aqueles malditos olhos, me excita facilmente, como ligar um interruptor.

CAGE

Saindo do banho e continuando o processo de me preparar, ainda continuo pensando no que quero fazer com toda essa atração reprimida. Paro na frente do "closet", na realidade, um lugar do meu quarto que atesta minha obsessão por roupas, e me debato entre casual ou sexy. Podia ter decidido me manter à margem, mas nunca se sabe o que pode acontecer. É melhor estar preparada para qualquer coisa.

Finalmente me decido por um dos meus novos vestidos. Não é a coisa mais sexy que tenho, mas mostra pele suficiente, o que é perfeito. O vestido frente única, verde escuro, se ajusta firmemente através do meu peito, e o decote é suficientemente profundo para que meus seios fiquem em evidência. Sejamos sinceros; sei que são uma das minhas melhores características, então, por que não os exibir? O vestido desce solto, a bainha perigosamente alta na parte da frente e atrás, a cava embaixo dos braços bastante baixa. Minha mãe gosta de dizer que esse tipo de vestido significa festa na dianteira e negócios na traseira, neste caso, nas costas.

Para concluir o look, pego alguns dos meus grossos braceletes dourados e um par de sandálias douradas de tiras. Meu cabelo cai em ondas desordenadas, aparentando um estilo de "não me importo; sou

CAGE

fabulosa pra caralho". Decido manter uma maquiagem natural e acentuo os olhos azuis com um pouco de sombra dourada.

Tenho que admitir que pareço sexy. Se fosse homem, ficaria interessado diante de tudo isso. Sorrindo para mim mesma, pego uma das minhas clutches sem alças e me dirijo à casa da Izzy, ainda pensando no que acontecerá se Greg Cage se colocar no meu caminho de novo.



Saímos tarde da casa da Izzy porque todas as garotas estão muito ocupadas paparicando o Nate. Podia não ter a urgência de ser mãe, mas até eu posso admitir quão perfeita parece a pequena família da Izzy.

Axel contratou uma limusine para nos levar hoje à noite, e estou grata por não ter que dirigir meu velho Honda 96. Na realidade, é só uma questão de dias antes que a maldita coisa exploda.

Me encontrei anteriormente com Dee e Emmy algumas vezes, não conheço a Emmy tão bem quanto conheço a Dee e a Izzy, mas quando a garota ingere um pouco de álcool, é divertidíssima. Acabamos fazendo uma rápida refeição antes de nos dirigir ao Club Carnal, onde passaremos a maior parte da noite.

— Faça o que fizer, não deixe que comecem a pedir bebidas loucas. — Me aconselha Dee, pela milionésima vez. Izzy revira os olhos outra vez, antes de chamar o barman para outra rodada.

— O que vai ser, damas? — Pergunta, dando uma piscadela. Seus olhos se movem até os da Izzy, antes de olhar para nós. Parece que alguém está à espreita, o que é perfeito para esta pequena cadela no cio.

Empurrando a Dee para fora do caminho, me inclino sobre um lado do balcão, aproximando os lábios da orelha dele. — Que tal me dar um Royal Fuck[2]? — Me inclinando para trás, tenho o privilégio de ver seus olhos resplandecerem com luxúria. Ele não é nada do outro mundo, mas, pelo menos, continua sendo mais alto que eu de salto alto. Poucos homens conseguem isso. O rosto dele é... agradável. Não sinto os lampejos excitantes dos pés à cabeça que sinto com Greg, mas algumas cócegas são melhores que nada.

[2] Drinque à base de uísque, licor de pêssego e suco de cranberry.

Seus olhos, mesmo sob a tênue iluminação da boate, mostram o desejo ardente. — Royal Fuck, hein? Que tal esperar algumas horas e te dou um bom e tradicional Southern Screw[3] (aqui ele faz um trocadilho com o nome do drinque e o ato sexual)? — Seus olhos se movem sobre o meu decote e ele lambe os lábios. Típico dos homens.

— Basta me dar alguma coisa boa. Sou fácil de agradar. — Passo a língua pelo lábio, dou outra piscadela para ele e me viro para falar com uma Dee boquiaberta.

— O quê? — Pergunto.

— Puta merda, até eu fiquei excitada com isso. — Ela sorri e abaixa o olhar para o meu peito. — Você está a ponto de perder um mamilo logo, logo.

Abaixo o olhar para garantir que minhas "meninas" estejam se comportando e, claro, uma das pequenas cadelas escorregadias está a ponto de se unir à festa. Ajeitando os seios, me viro e sorrio para Izzy, que mais uma vez, está olhando para o seu celular.

[3] Drinque à base de vodca, licor de pêssego e suco de laranja.

— Por que simplesmente não diz a ele para vir para cá? Faça isso, já que não consegue manter as mãos longe do celular. — Dou a ela um sorriso caloroso. Ciúme é algo novo para mim. Nunca pensei que invejaria alguém em um relacionamento. Melissa Larson não tem relacionamentos. Mas, ao ver quão apaixonada minha amiga está, e ao observar que esse amor é correspondido... bem, pelo menos uma vez, tenho algumas dúvidas sobre continuar solteira.

— Ele disse que passaria por aqui mais tarde, mas os caras não o deixarão sair sem ao menos uma dança "do colo". — Sorri, claramente achando isso divertido.

— Oooook, então, por enquanto, por que não larga esse maldito celular e vem dançar comigo?

— Sim! Vamos lá, cadela, vamos dançar! — Dee agarra sua mão, balançando a cabeça na direção da Emmy, antes de puxar Izzy para a pista de dança cheia de gente.

— Vamos, Emmy, vamos fazer alguns sonhos molhados se tornarem realidade esta noite. — Ela começa a se afastar, mas a agarro e me junto às garotas na pista.

Sempre gostei de dançar e simplesmente deixo a música me levar. Não demora muito para o suor estar cobrindo a minha pele e minha mente estar, abençoadamente, vazia.

CAGE

4
Melissa

Com “Scream&Shout” de Will.I.AM e Britney Spears, ressoando através da boate, sorrio para o estranho na minha frente, balanço os quadris e deslizo as mãos pelas laterais do meu corpo. Deus, é tão bom me deixar levar e desfrutar o momento. Fazendo contato visual novamente com o estranho, fico confusa por um momento, quando vejo o flash de decepção antes dele se virar e caminhar para longe.

— Ah, então nos encontramos de novo. — Ainda que a música esteja reverberando pelo meu corpo, consumindo minha alma, sua voz parece seda contra a minha orelha. Uma mão pesada agarra meus quadris, beliscando minha pele levemente quando me aperta ainda mais. Antes de ter tempo para reagir, ele se reclina contra as minhas costas, seu calor fazendo com que a minha pele, já quente, pegue fogo. Não sou uma mulher pequena, mas este homem me faz sentir como se fosse. O

suave tecido da sua calça roça contra as minhas pernas nuas, enquanto nos movemos ao ritmo da música. Quão oportuno foi a música ter mudado para as batidas graves de “Turn Me On” de David Guetta & Nicky Minaj. Não tenho nem ideia de quem é este homem, mas instantaneamente sinto o impulso, o impulso de me virar e pular em cima dele. Nunca senti uma atração tão forte. Bom, pelo menos não até ontem, no trabalho.

E esse é o último pensamento que tenho, antes das mãos fortes me virarem, e eu ficar cara a cara com Cage. Tio Greg Cage. Bom, estes, de fato, não são sentimentos com os quais estou familiarizada e correm pelas minhas veias agora. Levanto os braços até os bíceps fortes e seguro com força. Uma das coxas poderosas se encaixa entre as minhas pernas e, só com isso, me sinto como uma cadela no cio.

— Qual é seu nome, linda? — Sussurra no meu ouvido. Move as mãos do meu quadril até as minhas coxas, acariciando com a ponta dos dedos a curva da minha bunda. Sinto uma corrente de calor percorrer minha pele nua e, se ele levantar o vestido um pouco mais, o clube verá um grande espetáculo. Pode ser uma loucura ou somente o testemunho do tanto que necessito de alguma ação, mas apesar de ter conhecido este

homem apenas ontem, me sinto bem. Independente do fato de estarmos em um local público, meu corpo quer isto e minha mente o está seguindo. Ele acaricia minha pele com a ponta dos dedos, fazendo círculos lentos e propositais. Pressiono o corpo contra o dele, e o calor do seu peito faz com que meus mamilos túrgidos queimem. — Hum, você parece o paraíso, caralho. — Seus olhos azuis estão queimando os meus, pedindo permissão para me tirar daqui.

Olho ao redor procurando as garotas e, depois de algumas espiadelas pelo clube, as vejo no bar, olhando abertamente para o espetáculo que devemos estar propiciando. Dee está rindo tanto, que parece que está prestes a cair do banquinho. O homem com cabelo escuro atrás dela está muito ocupado lançando facas com os olhos para suas costas, para prestar atenção em nós. Um Deus loiro junto dele, está rindo tanto quanto a Dee. *Que diabos é tão engraçado?* Emmy está sentada em silêncio, como é habitual, mas sua atenção está em Greg. Não, sua atenção está no melancólico moreno ao seu lado. Meu olhar encontra o da Izzy e sei que está se segurando, mas quer rir tanto quanto os outros. E, com os braços musculosos sobre os seus ombros, a apertando contra o corpo está, adivinhem, um Axel sorridente.

Todas aquelas pessoas estão loucas. Greg me vira para ele, enquanto sinto que move os dedos para perto do meu núcleo. Meu núcleo que, estou segura, está fazendo um bom trabalho ao deixar uma marca úmida na sua perna. Posso ser uma boa jogadora, mas este homem está fazendo minha resistência vacilar. Sou uma idiota ao pensar que posso ignorar esta química.

Ergo as mãos até o peito dele e o empurro suavemente. Meu corpo ignora o que diz a minha mente sobre interromper o contato com este homem sexy pra caralho. — Cage, tio Greg, não é? — Pergunto, extraindo cada pequena gota de sarcasmo do meu interior.

Seu sorriso reverbera e vibra até as pontas dos meus dedos, o que faz com que eu afaste as mãos. Ele aproveita essa oportunidade para apertar seu corpo contra o meu. Não tenho outra opção, a não ser colocar os braços ao redor do pescoço dele, quando se inclina e aproxima os lábios da minha orelha. Ainda está balançando os quadris contra os meus no ritmo da música e, quando sua ereção pressiona firmemente contra o meu umbigo, não posso evitar o meio suspiro, meio gemido que saiu da minha garganta. Ele retribui com um grunhido e aperta minha bunda com as mãos grandes. — Seu corpo quer isto, tanto quanto a sua

mente. Posso sentir quão molhada você está. Vamos, beleza, vamos sair daqui. — Seus lábios deslizam suavemente pelo meu pescoço, e sinto levemente os dentes um pouco antes dele sugar minha pele com cuidado.

Este filho da mãe está chupando a minha pele?

Estou a ponto de lhe dar um grande tapa na cara, quando sinto que sua mão deslizar para a frente do meu corpo, mais uma vez debaixo da minha saia, e acaricia meu núcleo. Choques partem do meu clitóris até a ponta dos dedos dos pés, das mãos, até minha cabeça, me fazendo sentir como se pudesse cair no chão.

— Você tem um gosto tão bom quanto parece? Quente e suculento? Como um pêssego maduro pronto para ser colhido? — Murmura contra a minha orelha, esfregando o dedo contra o botão inchado. Tão alto quanto está gritando na minha cabeça para que ele se afaste de mim, meu corpo grita inclusive mais alto, que me agarre a ele com força e o deixe me possuir aqui, bem no meio da boate.

Ele levanta a mão e, antes mesmo que eu possa piscar, coloca a ponta entre os lábios, chupando meus fluidos do seu dedo.

Puta merda.

Aproxima seu rosto do meu, até que tem os lábios a um suspiro dos meus. — Suficientemente maduro para devorar, caralho. — E então, esmaga os lábios nos meus. Meu suspiro trabalha ao seu favor e ele enfia a língua, acariciando e envolvendo a minha.

Minutos. Segundos. Horas. Não faço a mínima ideia. Este homem paralisou cada célula do meu cérebro. As imobilizou todas. Estou no modo automático, mas desfrutando de cada pequeno segundo. Até que ouço que uma voz gritar na minha orelha.

— Quem diabos é esta puta? — Hein, o quê? Levo um segundo para registrar a merda que aquela cadela acaba de gritar. Afasto as mãos do cabelo castanho e desordenado do Greg, giro sobre as pernas bambas e encaro a pessoa por trás do grito irritante.

— De que merda você acabou de me chamar? — Fervendo é uma boa palavra para descrever a forma como me sinto nesse exato momento. Greg efetivamente me levou ao limite, e depois esqueceu de pressionar o botão do alívio. Felizmente ou infelizmente, depende do ângulo pelo qual for analisado. Esta cadela vai ser a pessoa perfeita para me ajudar com isso.

— *Isso* pertence a você? — Pergunto ao Greg. Parece estar chateado, mas não envergonhado. Interessante. — Perdão, Greg. Esta merda pertence a você? — Pergunto novamente e aponto para a vadia irritada na minha frente.

— Não — finalmente diz, e tenta me puxar para trás, pelos quadris. — Definitivamente, não me pertence.

Giro a cabeça e encaro os olhos dele tempo suficiente para dar à Barbie anoréxica uma pista. Sinto suas unhas agarrarem o meu cabelo e puxar, me afastando do abraço do Greg. — Mantenha a sua bunda nojenta longe do meu homem — grita e me empurra para longe. Sinto os dedos do Greg me segurarem com força, antes de soltar o aperto. Oh, mas não por causa daquela merdinha. Não, me soltou porque liberei meu corpo do seu abraço e me virei para ela. Provavelmente perderei algumas poucas centenas de fios no processo, mas vai valer muito a pena ver a cara dela.

— Não coloque suas pequenas mãos sujas em mim. Nunca. Vou fazer você se arrepender, até mesmo se invadir o espaço pessoal da minha mãe! Está me escutando, vadia? — A encaro e tenho o prazer de baixar o olhar para os surpresos olhos castanhos. Uma coisa que me

encanta em ser tão alta, é que ninguém nunca abaixa a cabeça para olhar para mim. — Você não vai querer me irritar. Pensa que ele é seu? Esteja à vontade para pegá-lo, mas algo me diz que *ele* não quer *você*.

— Sua puta! – Grita e levanta a mão para me dar um tapa. Esta galinha deve estar querendo morrer. Espero até o último segundo, levanto a mão, agarro-a pelo pulso, e o aperto, aplicando força suficiente para saber que deixará marcas. Ofereço a ela um doce sorriso e pisco um olho antes de varrer suas pernas com meu pé, e observo enquanto cai no chão sujo agitando os braços e as pernas.

Me abaixo e fico cara a cara com ela. — Não olhe para mim. Não fale comigo. Definitivamente, não toque em mim. Agora, levante a sua bunda do chão. Você parece ridícula.

Ela demora um pouco para se levantar e, o tempo todo, não afasta os olhos dos meus. Esta cadela significa problemas, mais problemas do que eu gostaria de lidar, e algo me diz que há uma conexão entre esses dois. Não importa a mínima quão quente o sexo pode ser, não quero ter nada a ver com essa confusão.

— Saia daqui, agora. — Faço um gesto com as mãos para ela ir, antes de me virar e olhar para o rosto chocado de Greg Cage. Desta vez

tenho o benefício adicionado de saber que todos seus amigos viram tudo. Inferno. Sabia muito bem que não devia deixar meu temperamento vir à tona.

— Puta merda... isso foi sexy pra caralho, bela! — Ele se aproxima para me abraçar novamente, mas me afasto do seu alcance.

Mantenha-se forte, Meli. Não deixe que ele a impressione.

— Não vai acontecer. Posso ter deixado você confundir minha cabeça uma vez, uma vergonha para mim... mas não vai acontecer outra vez, garotão. Você tem alguns problemas com a sua pequena cadela e são assuntos com os quais não quero ter nada a ver. — Dou um tapinha na sua bochecha antes de andar até a Izzy, que não consegue mais segurar a risada.

— Oh, meu Deus! Meli, essa foi a merda mais divertida que já vi em toda a minha vida! Você parece uma pequena dominadora agressiva, oculta debaixo de toda essa sedução, não é?

— Muito engraçado! Olha, vou dar o fora daqui. Ligo para você amanhã de manhã?

— Com certeza, baby! Vejo você sábado de manhã!

Dou um rápido tchauzinho para todos antes de sair para o ar quente do verão. Pego um taxi rapidamente e levo meu traseiro para casa. Casa, onde não vou mais me meter em problemas esta noite.

CAGE



Que merda é essa? Quando Axel tem um chilique do qual um bebê ficaria orgulhoso, no meio da boate de strip-tease, sabemos que a festa terminou. No segundo em que a stripper caminha na sua direção, ele praticamente derruba a mesa para escapar. Maldito covarde. Amontoados em dois táxis, nos dirigimos para a Carnal, para nos juntarmos às garotas. Meu queixo bate no chão e meu pau bate no teto quando vejo a "Enfermeira Sexy Pra Caralho" na pista de dança. Maldição, a maneira como está se movendo...

Como um dispositivo de rastreio, meu pau segue seus movimentos, e antes que eu perceba, estou caminhando diretamente para ela. Sua pele brilha sob das luzes; seus quadris estão implorando para que eu a foda e que a foda com força. Não faz ideia que estou parado exatamente atrás dela, mas o imbecil na sua frente, me asseguro que ele

saiba. Tudo o que precisa é um olhar duro como o aço e um balançar da minha cabeça, e está fugindo como uma pequena cadela.

Somente a lembrança da maneira como o seu corpo fica contra o meu, me deixa a ponto de explodir. Seu sabor ainda é intenso na minha língua e a pressão nas minhas bolas é suficiente para me deixar desesperado.

Fechando os olhos e tentando respirar de forma estável, viro e me preparo para voltar ao bar. Merda, devo parecer um idiota, imóvel, no mar de corpos balançando, com uma notável ereção. Bem que podia ter uma placa presa ao meu corpo dizendo que sou um pervertido do caralho. Viro e quase derrubo alguém no chão com minha impaciência e frustração.

Mandy.

Claro, é a fodida da Mandy. Estou começando a me perguntar se esta cadela está me perseguindo, sempre aparecendo.

— Que diabos foi aquilo? — zombo dela.

Ela nem sequer tenta esconder o ciúme, e vibrações irritadas emanam dela.

— Eu devia perguntar a mesma coisa! Quem, diabos, era aquela vadia? — E eu que pensava que parecia um estúpido parado no meio do clube, com uma furiosa ereção. Não, agora devo parecer um estúpido maior ainda, com Mandy fazendo suas merdas de novo.

— Quantas vezes tenho que te explicar, Mandy? Você não tem que opinar em que, ou com quem passo o meu tempo. Você e eu? Não. Simplesmente não. — Posso dizer que é a coisa errada a dizer quando seu rosto se retorce em uma careta e fica vermelho brilhante. — Jesus Cristo. Não aqui. — Murmuro.

Me afastando, sabendo muito bem que ela vai me seguir, passo pelos meus amigos idiotas, fazendo suas melhores imitações de hienas, e caminho até Jeremy.

Pouco tempo depois da abertura, há alguns anos, Jeremy tinha se metido em alguns problemas com as pessoas erradas. Com dívidas até o teto e começando a afundar rápido, não hesitou em pedir ajuda. Conheci Jeremy há uns trinta anos, desde que éramos dois pequenos pirralhos atormentando os outros meninos do jardim de infância. Ele precisava de ajuda, então intercedi. Poucas pessoas sabem que sou dono da maior parte da Club Carnal. Diabos, mesmo depois de todo este tempo, Izzy e

Dee não sabem disso. Faço o que é preciso para manter meus amigos seguros, e isso é tudo.

Reparo o olhar duro do Axel através da pista de dança e aceno com a cabeça, fazendo com que ele saiba que está tudo bem. Caminhando pelo corredor escuro nos fundos, posso escutar os fodidos saltos dos sapatos da Mandy clicando rapidamente atrás de mim.

Nem sequer dou a ela a chance de me alcançar, antes de subir as escadas até o escritório, de dois em dois degraus.

— Greg — reclama. — Não consigo acompanhá-lo!

— Não dou a mínima. — E realmente não dou. Preferia seguir aquela deusa porta afora, do que lidar com essas baboseiras de ciúmes da Mandy. Uma e outra vez, expliquei para ela que nunca seremos mais do que uma maneira de aliviar uma coceira.

Dou algumas batidas pesadas na porta do escritório e dou um passo para trás, para esperar que Jer a abra. Mandy finalmente termina de subir as escadas e bufa algumas vezes, cruzando os braços, me lançando um olhar irritado. Posso não gostar dessa garota, mas estaria cego para não reparar como seus peitos estão a ponto de pularem para

fora do vestido. Merda. Meu pau pulsa dentro da calça novamente, me fazendo lembrar quão próximo estou de explodir.

Esticando o braço para bater novamente, quase acerto o punho na cara do Jeremy.

— O quê? — Pergunta. Uma coisa sobre o Jeremy, ele é o tipo de cara que segue a corrente, mas odeia ser arrastado para o drama.

— Preciso do escritório. — Uma simples olhada nos meus olhos conta toda a história. Pareço preso entre a raiva e a luxúria. É difícil dizer qual das duas vai ganhar.

— Sim, sim... limpe a bagunça quando terminar. — Olha para Mandy algumas vezes, antes de percorrer o corredor e desaparecer nas escadas. Merda.

— Enfie seu traseiro aí, Mandy. — Segurando a porta aberta, eu a sigo para dentro do escritório e tranco a porta. Por que sempre acabo nesse maldito escritório?

— Bem? Você quer me dizer que diabos foi aquilo lá embaixo? — Atravessando o escritório, encosto a bunda na beirada da mesa e cruzo os braços.

— Vamos lá, Greg! Como pode esperar que eu fique sentada e observar você, basicamente, foder aquela cadela ali mesmo? Alguns dias atrás, era eu quem você estava fodendo.

— Maldição, mulher, alguma vez você *não* grita?

— Você é meu, Greg Cage, e não gosto de ver você tocando outra mulher. — Completa, tratando de providenciar algumas lágrimas, apesar do Botox no seu rosto.

— A música "Crazy Bitch" parece estar tocando repetidamente esses dias, quando Mandy está por perto.

— Com toda certeza, não sou seu. Você sabia, e sempre soube, o que fazemos. Sexo, Mandy. Quero enfiar meu pau em uma boceta molhada, então talvez ligue para você. Não preciso das suas merdas ao redor dos meus pés. Quero meu pau em outro lugar molhado, isso também não é problema seu.

Seus olhos piscam e ela esquece da "tristeza" por um segundo. Tempo suficiente para que eu veja a cadela falsa por trás de toda aquela fachada de sexo.

— Maldição! — Grito e me afasto da mesa, andando diretamente para ela. — Você não pode entrar na minha vida e agir como se eu fosse

propriedade sua. Juro por Deus, vou chutar sua bunda mais rápido do que você consegue falar, para te foder com mais força.

— Mas, Greg... — Não dou nem um segundo para ela falar antes de a agarrar pelos ombros e puxar seu corpo para perto do meu. De maneira nenhuma, vou deixar esta merda mal esclarecida.

— Você quer tanto assim o meu pau? Quer o meu pau, sabendo que não vou estar pensando em você enquanto fodo você? — Pergunto, a puxando para mais perto. — É isso que você quer, Mandy? Porque tenho certeza que posso dar o que você quer, mas não haverá nenhuma dúvida, quando esvaziar minhas bolas no seu corpo, que não vai ser você aquela que desejo estar possuindo.

Ela resmunga algumas vezes, mas posso afirmar que tomou sua decisão. Esta cadela não me quer; quer o que eu consigo fazer com o seu corpo.

Ela não perde tempo, ficando de joelhos e desabotoando minha calça. Solto um grunhido quando sinto a mão quente acariciando o meu pau. Fechando os olhos, imagino os brilhantes olhos azuis da bela desconhecida.

Mandy abaixa minha calça e meu pau canta aleluia aos céus ao ser libertado, e quase acertando o olho dela em sua impaciência. Inferno, quando foi a última vez que estive tão duro assim? Abro os olhos e abaixo o olhar para ela. O cabelo loiro é completamente errado, seus olhos não são azuis e seu corpo não grita foda-me. Porém, meu pau não sabe a diferença; posso sentir o calor dos seus lábios antes da sua língua disparar para fora e dar uma longa lambida, desde a base até a ponta. Ela se demora, lambendo o aro e a gota que estava a ponto de cair. Quando envolve os lábios ao redor do meu pau e suga profundamente, sei que não vai demorar muito.

Bombeando os quadris na sua boca e escutando os sons que ela emite junto ao meu comprimento, volto à terra. Sua mão envolve minha espessura, tanto quanto possível, e mesmo tentando bastante, só consegue colocar alguns centímetros dentro da boca. Quanto desperdício.

— Levanta. — Ordeno. Ela é rápida em levantar do chão. Suas bochechas estão coradas e o vestido está abaixado, já mostrando um dos peitos.

Eu a levo até o sofá, praticamente a jogando nele. Ela olha para mim, abrindo as pernas e expondo a carne nua para os meus olhos. Ela podia ser um pé no saco, mas foda-se se essa boceta não está suplicando que a possua. Posso ver sua umidade escorrendo no sofá.

— Excita você lançar sua merda ao meu redor? Tentar marcar o que não é seu para ser marcado? — Pergunto, desabotoando lentamente a camisa. — Fica molhada ao pensar no meu pau dentro do corpo de mais alguém? Hein? — Retirando a camisa e parando na frente dela, deixo que veja cada centímetro do meu corpo. — Lembre *disso* — insisto, segurando o pau nas minhas mãos e dando alguns lentos e calculados puxões com meu punho. — Ele nunca vai ser seu. — Me inclino e pego uma camisinha na carteira, me endireitando em toda a minha altura e a colocando lentamente, nem uma vez quebrando o contato visual com ela.

Me inclinando, arrasto seus quadris até a borda. Ela deixa escapar um grito surpreso, que rapidamente se converte em um gemido, quando a penetro com uma rápida e única investida. Penetro tão profundamente que posso sentir me pau tocando seu fundo.

— Merda — falo entre os dentes.

— Oh, Greg, bebê! Adoro o seu pau! — Ela grita, levantando as mãos e agarrando os peitos. Não posso ignorar quão sexy pra caralho isso é. — Mais forte, bebê! Me foda com mais força!

— Cala a boca! — Ofego. Meus quadris estão se movendo tão rapidamente que posso escutar os pés do sofá arranhando o chão.

Fechando os olhos, substituo o cabelo loiro e os olhos castanhos; sob a minha pele, quase posso senti-la. Se mantiver os olhos fechados, quase posso fingir que é *ela* que estou penetrando. — Bela — Sussurro.

Dou mais algumas estocadas, e sei que preciso me apressar para gozar. Retiro o meu pau e a viro. Seus grunhidos e gemidos soam mais estúpidos do que eróticos. Quando agarro seus quadris e empurro novamente dentro dela, deixa escapar um grito tão agudo que ganha um tapa forte na bunda. — Porra, fica quieta, Mandy; você não está fazendo teste para um pornô.

Ela vira a cabeça para trás e tenta me dar um olhar duro, mas quando empurro com força, mais uma vez, dentro dela, revira os olhos, joga a cabeça para trás, e grita enquanto goza. As paredes da sua boceta me prendem com força... ou pelo menos tentam; ajudaria se não fosse tão usada.

Tapas, gemidos, grunhidos, e um bom brilho de suor preenchem os minutos enquanto agarro seus quadris e empurro com força. Quando meu sêmen jorra na camisinha, a única coisa na qual consigo pensar, é em quanto me arrependo em foder a Mandy novamente.

Mesmo sem saber seu nome, minha enfermeira me estragou.

Me afasto, retiro a camisinha e caminho até o banheiro para me limpar. Repentinamente, a única coisa que vem à minha mente é limpar a merda dela do meu corpo.

— Greg, bebê? — Escuto sua voz vindo do outro cômodo.

— Não sou seu bebê, Mandy.

— Você não pode dizer, realmente, que não sentiu nada, certo? Sei que você sentiu; não consegue ocultar sua reação do meu corpo!

Ela está falando sério?

— Você quer saber o que senti? Na verdade, não sei como ser mais honesto com você. Você sabe que não vai haver nada além disso, então, caralho, desista. O que senti foi um grave caso de bolas azuis se formando, se não cuidasse da situação em que outra mulher me deixou.

Não você, Mandy. Você teve as consequências após outra mulher me deixar, antes que eu pudesse terminar.

— Seu babaca!

— Sim, por outro lado, você sabia disso, também.

Terminamos de nos vestir em silêncio, e antes de sairmos, eu a viro para mim, me assegurando que não haja lugar para nenhuma falha de comunicação.

— Não cruze o meu caminho novamente. Quando precisar trepar de novo, talvez ligue, mas não cruze o meu caminho outra vez, maldição. — Abro a porta e aceno com a mão para ela me seguir. Fechando-a e correndo escada abaixo, deixo a Mandy se virar sozinha. Ela conseguiu o que queria; eu consegui o que precisava. Fim da história.

Todo mundo parece ter seguido em frente sem mim, e quando regresso ao seu lugar no balcão do bar, as garotas já pediram outra rodada de bebidas com nomes pervertidos. Maddox e Beck parecem ser os únicos filhos da puta tão amargos quanto eu.

— GREG! — Izzy grita. Ela dá algumas risadas e quase cai no chão, antes do Axel a segurar. — Gregory Cage! Porque mandou minha amiga embora? Hein? Ela finalmente estava conseguindo se divertir. —

Faz umas caretas e tem algum tipo de conversa silenciosa consigo mesma durante alguns segundos, e então, antes que eu possa abrir a boca, dirige sua atenção novamente para Emmy.

— Somente a ignore, homem; ela está pirando sobre esse lugar desde que a Dee começou a pedir essas bebidas de mariquinhas. — Olho para o Beck, imaginando por que está aguentando, de novo, aquelas merdas da Dee.

— Avisei a vocês, da última vez, quando começassem a pedir bebidas de mariquinhas, que eu ia embora. Vocês estão por conta própria, babacas. Sorrio e me despeço rapidamente. Não há como saber quanto tempo ainda vão ficar, e depois de toda a minha merda, não estou com humor para aguentar isso.

Vejo a Mandy parada em um canto, lançando facas com os olhos na minha direção. Podia ser uma boa hora para acabar com isso, antes que ela se transformasse em mais do que um problema.

6
Greg

A manhã do casamento do Axel e da Izzy é um desastre. Parece que tudo está dando errado. Axel está tendo um ataque tentando manter a Izzy calma, pelo telefone. Dee não para de gritar através do meu telefone, sobre qualquer fodida coisa, desde as flores até camisinhas para o Axel. Na última vez que verifiquei, ele era bem crescidinho e podia se ocupar dessa merda sozinho. A última ligação sobre pegar as calcinhas da Izzy antes de sair da casa dela, teve como resposta o telefone sendo desligado. Podia amá-la como a uma irmã, mas de jeito nenhum iria fuçar suas roupas íntimas.

— Me assegurei de apagar todos os focos de incêndio antes de, finalmente, voltar para a casa dela. Emmy estava decorando o jardim para a recepção que seguirá o casamento. Depois de passar todo o dia anterior montando as tendas e as mesas, não tinha muito mais a fazer,

além de colocar outras cadeiras e esse tipo de merda. Entre nós dois, terminamos de organizar isso e voltar para a igreja a tempo de nos arrumarmos.

Antes mesmo de estacionar, ela sai da caminhonete e corre. Não só corre, sai à toda velocidade, como se alguém tivesse gritado que tinha tortas, em um acampamento de gordos.

— Emmy! — Grito através do estacionamento. — Garota, por que tanta pressa?

— Não banque o engraçadinho, Greg Cage! Você sabe que, supostamente, devíamos estar aqui há uma hora atrás.

Besteira. Emmy pode ser muitas coisas, mas é horrível em esconder algo que a está incomodando muito.

— Melhor dizendo, dez minutos atrás, menina. O que a deixou tão preocupada? Você esteve muito quieta essa semana.

Ela levanta a sobrancelha diante do que eu disse. A verdade é que ela é sempre quieta e prestativa. Axel está convencido que ela tem poderes mágicos. Izzy acha que ela tenta ser invisível. Eu penso que, simplesmente, tem uma paixão pelo cara errado.

Sei o que está a comendo viva hoje. Maddox vai trazer uma acompanhante. Ninguém que conhecemos, mas disse à Izzy, outro dia, que esperasse uma. Acredito que suas palavras exatas foram "Garota, tenho um encontro". Felizmente, Izzy entende o idioma de Maddox Locke, porque até agora, depois de quase quinze anos, ainda não entendo o filho da puta. Não teria sido um grande problema, mas esperou até que Iz estivesse conversando com a Emmy na frente do escritório, para fazer seu grande anúncio. Sutil.

— Em — falo. — Não perca seu tempo. Por mais que odeie dizer isso, Locke simplesmente nunca vai ser o homem que você quer que ele seja. — Ela estreita os olhos e gira sobre os saltos. Antes que eu possa respirar, ela desaparece.

Faço uma nota mental para deixar isso de lado e lembrar novamente que ele tem que resolver isso. Estou cansado de vê-la rastejando por aí e esperar que algo aconteça.

Depois de pegar o terno na caminhonete, entro na igreja e procuro a minha garota. Desde o primeiro dia que conheci Izzy, embora as circunstâncias fossem horríveis, soube que ela sempre teria um pedaço do meu coração, uma parte que pensei que estava perdida para sempre

quando Grace morreu. Não foi difícil gostar dela. Vê-la lutar para sobreviver ao que o seu ex marido a fez passar, não foi fácil.

Durante o último ano, termos algum tempo um com o outro, tem sido um problema. Por um lado, estou mais que aliviado por alguém a quem considero do meu sangue, não *estar* em perigo. Mas o lado amargo disso é saber que não *precisa* mais de mim. Claro, ela sempre vai precisar de mim, mas não da mesma forma. Não vai precisar que eu garanta que seus demônios permaneçam longe. Não acredito que vá conseguir me acostumar ao fato que a minha garota não vai mais precisar da minha proteção.

Não posso nem admitir que estou passando por maus momentos em confiar seus cuidados ao Axel. É simplesmente muito próximo à dor.

Grace. Não há nada na Izzy que não me faça lembrar da Gracie. A única diferença é que Gracie... Gracie não venceu. Não venceu e eu não estava presente para garantir que vencesse. Levar Izzy até o altar hoje, será agridoce. Minha garota encontrou sua outra metade, finalmente, e eles merecem isso. Mas, mesmo sabendo disso, não posso evitar as ondas de pura agonia que atravessam todo o meu corpo.

Minha Gracie nunca conhecerá está felicidade. Minha Gracie não está aqui porque não pude salvá-la.

Nunca mais, juro. Nunca deixarei que alguém, nem algo, se interponha entre as pessoas que gosto e sua felicidade.



— Esta igreja é grande demais — resmungo e entro no labirinto de corredores. Verifico o relógio e quando vejo a hora, entro em pânico.

— Ei! G, homem. Se continuar resmungando consigo mesmo, em vez de arrumar essa bunda feia, não haverá casamento. — Coop. Inferno. Se alguém podia me atrasar mais ainda, era esse bastardo.

— Bem, então me ajude, babaca. Onde posso me arrumar?

— Ei, você acha que vão aparecer algumas solteiras hoje à noite? — Pergunta, me ignorando completamente. Posso sentir o suor cobrindo minha pele. Fico de boca aberta e minha cabeça lateja enquanto ele prossegue com o falatório. Idiota.

Um tapa na parte de trás da cabeça pervertida, faz com que ele pare de falar sobre como casamentos são o local ideal para procurar uma nova boceta. — Não fale boceta na igreja, filho da puta.

— Ah, é? Porque filho da puta é melhor?

— Zeke Cooper... então me ajude, diabos, diga aonde vou para vestir esta roupa de macaco.

Ele abre a boca para responder, mas é interrompido pela voz doce da Izzy no fim do corredor.

— G! Venha cá! — Devia estar parada lá, tempo suficiente para escutar o monólogo do Coop sobre como procurar bocetas nos casamentos é melhor, porque estão muito desesperadas por um bom pau.

— Não estrague esse dia tentando "molhar o seu biscoito". — Ouço sua risada atrás de mim enquanto caminho rapidamente na direção da voz da Izzy.

Posso ouvir a conversa das garotas antes mesmo de passar pela porta. Como não vi este quarto em minha busca de trinta minutos? Quando abro a porta, o que vejo quase me deixa de joelhos. Se alguma vez tivesse questionado a ligação entre Izzy e eu, não tenho nenhuma dúvida agora. Orgulho. O surpreendente orgulho que atravessa o meu corpo é tão poderoso. Não me sentia assim desde que Gracie me ligou para contar que tinha conseguido seu primeiro trabalho de professora.

Estava tão entusiasmada por começar a trabalhar na escola particular local, tão pronta para começar sua vida.

Sacudo a dor e vou até Izzy, a envolvendo em um abraço que, talvez, seja forte até demais.

— Largue-a, seu gigante descuidado! — Ela sorri contra a minha camisa por causa da zombaria da Dee. — Estrague a maquiagem dela, e eu vou chutar sua bunda.

— Quieta, Dee. — Me afasto e sorrio para Iz. — Você está linda, garota.

Seus olhos, imediatamente, começam a se encher de lágrimas e olho ao redor, tentando imaginar uma forma de consertar qualquer que seja a merda que acabei de quebrar. Quando meus olhos pousam na única pessoa que não esperava ver, meu corpo se enche de calor instantâneo. *Merda*! Dou um passo para longe da Izzy, para que não sinta o que aquela beleza tinha acabado de fazer ao meu corpo com um só olhar.

Tusso algumas vezes e volto a atenção para minha garota. — Preparada?

— Sim! — Grita na minha cara.

— Mova-se, idiota — Dee grita ao meu lado.

— Que diabos há com você?

— Nada.

— Aham, nada o meu rabo. Deixe eu adivinhar, Beck e você estão brincando de esconde-esconde de novo? Um dia desses, vão descobrir que é mais divertido brincar de se esconder e foder.

— Você é tão... tão... Jesus, isso parece algo que o Coop diria.

Sorrio porque, na realidade, isso é algo que sairia da boca dele.

— Pode ser, mas, maldição... quando vão resolver essas merdas?

Me lança um olhar frio antes de se virar para Izzy e fazer o que quer que seja que as garotas fazem para deixar algo que já está perfeito, da mesma maneira.

— Vá se arrumar — fala entre os dentes.

Me viro, procurando o banheiro, e faço contato visual com a "Enfermeira Sexy". Porra, ela é linda. Pura luxúria, como nada que tenha sentido antes, me atinge. Sei que a conexão entre nós é poderosa, mas é muito mais do que isso. Os olhos dela verificam minha aparência; jeans desbotado e uma camiseta preta antiga. Seus olhos encontram os meus

brevemente, antes de começar a descer pelo meu corpo. Ao erguê-los, faz uma pausa no meu pau. De maneira nenhuma vai deixar de reparar em quão excitado estou. Ela passa a língua nos lábios antes de voltar a me encarar e, com uma curvada dos lábios, uma piscadela e uma risada baixa, gira sobre os saltos e vai até Izzy e Dee.

Ainda de costas para as garotas que estão falando sobre isso e aquilo, rapidamente coloco a mão sobre o pau duro como uma rocha e o aperto, lembrando a mim mesmo para me comportar bem hoje. Hoje é sobre Izzy e Axel, não meus hormônios.

Virando lentamente e me assegurando de ter o pau sobre controle, caminho até a minha mochila e olho de novo para a bela. Um tecido vermelho abraça seu corpo como uma segunda pele e cobre seus seios, mas não faz nada para esconder sua perfeição. Quando estou prestes a me virar, reparo os sapatos dela. Saltos altos pra cacete, com estampa de leopardo. As pernas bronzeadas parecem medir um quilômetro e, imediatamente, minha cabeça se enche com visões daquelas pernas rodeando com força os meus quadris, aqueles saltos cravando o meu traseiro. Era demais para manter minha merda sob controle. Grunhindo baixinho, pego a mochila e piso duro até o canto.

Vai ser um dia longo pra caralho.



7
Melissa

Bem, isso foi interessante. Sorrindo para mim mesma, desvio os olhos da porta que acaba de bater para as garotas, que estão me olhando com olhares calculistas.

— O quê? — Pergunto inocentemente. Pode ser que essas garotas não me conheçam há muito tempo, mas não é preciso muito para outra mulher reconhecer o sentimento de desejo sexual.

— Não me venha com essa merda, Meli! Vocês dois estavam praticamente fazendo sexo no meio do quarto. Reconheço sexo com os olhos quando vejo. — Izzy começa a sorrir diante do ataque da Dee. Não posso dizer se ela está aborrecida ou somente sendo uma cadela.

— Uh... há alguma coisa entre vocês dois? Não pretendia–

— Inferno, não!

— Beeem. Então, qual é o problema? — Encontro o olhar da Izzy, que parece achar isso muito engraçado. Bom, pelo menos se acalmou um pouco. Você podia pensar que ela estava achando que o mundo ia acabar se ela não se casasse o mais rápido possível.

— Nenhum problema — Dee murmura e sai pela porta.

— Não se preocupe com ela; só precisa esfriar a cabeça. Um pouco de drama entre ela e o Beck, mas, acredite em mim, você vai se acostumar.

Emmy volta alguns minutos depois, com um sorriso brilhante, e entrega à Izzy uma caixa azul.

— O que é isso? — Pergunta.

— O que você acha? — Retruca com um sorriso.

— Ele recebeu a dele?

— Oh, sim. Deixei um monte de idiotas crescidos gozando dele por se emocionar por causa de umas abotoaduras. — Encontro os olhos risonhos da Emmy e solto uma gargalhada. *Gargalhando. Sério, Melissa?*

CAGE

Quanto mais encontro as garotas, mais começo a me sentir como se estivesse em um quadro de boas-vindas.

Posso entender que os caras pensem que isso é engraçado, mas quando Izzy explica o significado por trás das abotoaduras no formato asas de anjo que comprou para o seu futuro esposo, inclusive eu, fico sentimental.

Observamos enquanto ela levanta a tampa e retira uma corrente. Ofega suavemente e afunda na cadeira atrás dela, apenas esfregando o polegar sobre o que quer que seja que está preso embaixo.

— O que aconteceu nos dois minutos em que estive no banheiro? — O som profundo soa bem atrás de mim, fazendo com que eu pule levemente.

— Nada, G. Merda, acalma o seu traseiro. Nunca tinha escutado a voz da Emmy com um tom tão autoritário antes. Porra, se eu gostasse de garotas pequenas, isso seria sexy.

— O que há, garota? — Pergunta, se ajoelhando na frente dela. Esta é a primeira visão que tenho dele no traje do casamento. Puta merda, sua aparência é divina. A camisa parece feita sob medida para o seu corpo, somente para o seu corpo, ajustada na figura musculosa. A

maneira como está inclinado, me dá uma vista perfeita da bunda firme. O cabelo castanho está penteado com gel, para domar os cachos rebeldes. É todo masculinidade e sexo.

E eu achava que ia ser fácil resistir a esse homem.

Dou mais algumas repassadas com os olhos famintos, antes de voltar a atenção ao que quer que seja que Axel mandou para Izzy.

— Não é perfeito? — Sussurra para Greg.

— Sim — sussurra em resposta. Eles dizem mais algumas palavras, baixas e claramente só para os seus ouvidos, antes dela lançar os braços ao redor do pescoço dele e o abraçar com força. Pendendo da corrente em sua mão, há um medalhão em forma de asas. Deve ter aberto para mostrar ao Greg o que tem dentro, porque há uma inscrição na frente, e no outro lado, uma fotografia do adorável filho deles. O que quer que estivesse escrito, claramente tem um poderoso significado para eles.

— O que está escrito? — Pergunto à Emmy.

Ela inspira algumas vezes, antes de responder: — O amor conquista tudo, em latim.

Depois disso, demoram alguns minutos para Izzy se acalmar e retocar a maquiagem. Greg está obviamente insatisfeito por ela estar emocionada de novo. A conexão entre eles é tão forte que você quase pode sentir. O ciúme que sinto em relação a isso não é algo ao qual esteja acostumada ou goste.

Às cinco horas, retornamos ao piso superior da Igreja, e dou um forte abraço na Izzy, antes da Emmy e eu caminharmos para os nossos lugares. Dou uma olhada no Axel, parado na frente com um grande sorriso no rosto, antes de olhar para os outros rapazes que fazem parte do seu negócio de segurança.

Axel e Izzy decidiram manter cortejo nupcial pequeno, e por pequeno, me refiro a uma pessoa para cada um. Dee foi escolhida pela Izzy, e depois do Greg a levar até o altar, tomará seu lugar junto ao Axel.

Bom, onde o cortejo nupcial é pequeno, a lista de convidados não é. Izzy explicou que, desde que mudaram a empresa da Califórnia, e se uniram ao Greg, seu negócio de segurança e investigação se tornou a empresa mais procurada de Atlanta. Convidaram o que parece ser toda a população de Atlanta.

Quando a música começa e Dee anda até o altar, me lembra o último casamento em que estive. No último casamento fui a dama de honra. Mas só de olhar nos olhos daqueles dois, sei que este casamento terá uma longevidade muito maior.

Enquanto todos estão ocupados olhando para a noiva, estou ocupada olhando para o seu acompanhante. Realmente estou começando a duvidar da minha missão de ficar longe dele. Quando seus olhos encontram os meus, do outro lado da igreja lotada, sei que é somente questão de tempo antes de colidirmos.



A cerimônia foi linda. Mesmo tendo um coração desiludido, preciso admitir. Não há dúvida na minha mente que Izzy tirou a sorte grande de encontrar um dos caras bons. Sei pouco do passado dela com o ex marido, mas o que sei me deixa feliz por minha amiga ter encontrado isso. E por causa disso, até mesmo eu estava secando as lágrimas no momento em que disseram "Aceito".

Mantiveram a cerimônia curta e doce, pedindo a todos que se juntassem a eles na recepção que viria a seguir. Quando chegam no final do altar, Axel a agarra em seus braços e esmaga os lábios nos dela.

Quando o punho dele se ergue no ar como símbolo de vitória e se afasta para olhar nos olhos da sua esposa, Emmy segura a minha mão. Ela está uma bagunça, chorando e tremendo com os hormônios extras. Não quero ter nada a ver com isso, mas a queimação na minha garganta está se divertindo, me chamando de mentirosa. Não há como testemunhar um amor único como esse, e não se emocionar.

Me acomodo ao lado da Emmy e conversamos por uns dez minutos sobre a recepção que vem a seguir, mais ou menos. Estamos esperando o congestionamento no estacionamento diminuir antes de ir para a recepção. Ao mesmo tempo, também tento evitar o olhar de desprezo que vem do outro lado da entrada da igreja. Posso sentir, literalmente, esse olhar sobre mim neste exato momento. É assustador.

Quando uma sombra cai sobre mim, estou pronta para me virar revidando, mas quando meu olhar encontra os olhos azuis do Greg, fecho a boca rapidamente. O rosto atraente está tomado por uma aparência de felicidade e paz. Já posso sentir os arrepios de excitação nas minhas entranhas.

— Bela, você precisa de uma viagem? — Pergunta, interrompendo os pensamentos da minha vadia interior. Seus olhos

escurecem levemente, e não tem como interpretar mal a verdadeira pergunta por trás dessas palavras.

— Depende do tipo de viagem que você está falando, garanhão.

Ele sorri, e até isso soa sexy. — Se achasse que você está falando sério, diria para pular de cabeça, baby.

— Vocês dois, na verdade, deviam se trancar no confessionário e o fazer de uma vez — interrompe Emmy.

Olho para ela, implorando para calar a boca, antes de responder à pergunta do Greg.

— Bem, *baby*, não sei que tipo de carona está oferecendo, mas parece que a posição já está ocupada.

— O quê? — Tenho que dar a ele um pouco de crédito. Esse homem consegue jogar o jogo. Parece genuinamente confuso, claramente surpreso com a minha resposta.

— Sua amiguinha da outra noite? — Falo, apontando sobre o ombro dele, para a putinha no canto. O olhar de horror em seu rosto é quase cômico. Realmente não fazia ideia que ela estava lá.

— Filha da mãe — fala entre os dentes. — Ela não está comigo. Vamos, Bela, fuja comigo.

Olho nos olhos dele por alguns segundos. Estou tentando decidir se essa era uma opção ou não, antes de me inclinar e rir tão alto, que as pessoas que ainda estão no aposento me olham como se eu tivesse enlouquecido.

— Isso foi terrível. Se quer um pouco disso, vai ter que tentar com um pouco mais de empenho.

Pego a bolsa antes de levantar. Uma vez mais, vejo quão poderoso e alto é este homem. Sobre os saltos chego quase a um metro e oitenta e três de altura, mas ele ainda continua olhando para baixo.

— Vamos, Bela. Só uma carona.

— Talvez mais tarde, garanhão.

— Você acaba comigo — fala dramaticamente, colocando a mão sobre o coração.

— Isso funciona com as suas garotas? — Pergunto, um sorriso tomando o meu rosto. Há muito tempo não desfruto da companhia de um homem.

— Não faço a mínima ideia. Nunca me importei em tentar. Me conformarei com uma dança mais tarde, mas só se você me disser o seu nome.

Não tinha notado até este momento que era uma completa estranha para este homem.

— Não sei... — deixo no ar, olhando para Emmy, somente para vê-la olhando para o outro lado do ambiente, onde os outros homens da Corps Security estão parados. A leveza abandonou seu rosto. — Quem sabe, mais tarde — falo, antes de agarrar a mão dela e a puxar através da multidão.

Exatamente antes de virar a esquina que nos leva ao meu carro, me viro e encaro Greg. Não parece decepcionado. Não, parece que lancei um desafio para ele. Do qual planeja sair vitorioso.

8

Greg

Como faço para esbarrar nela novamente? Estive lutando com a necessidade de jogá-la sobre o ombro e correr desde que a vi no vestiário da Izzy. Todo o tempo em que estive parado ao lado do Axel, meus olhos insistiam em procurá-la na multidão. Não foi difícil, aquele vestido vermelho era como um pano tremulando, e eu era um touro enfurecido e raivoso. Não tinha nenhuma dúvida em minha mente agora; eu a queria e não pararia até que a tivesse.

— Você percebe que seu pequeno jogo está se transformando em uma perseguição DEFCON2[4], certo? — Beck se inclina contra a parede ao lado de onde estou parado, observando enquanto Emmy e aquela

[4] Abreviatura de "Defense Readiness Condition" ou "Condição de Prontidão de Defesa". DEFCON2: Alta prontidão; forças armadas prontas para serem acionadas em seis horas.

misteriosa mulher andam até um carro de modelo antigo. Ela se vira e me dá uma piscada, um olhar cheio de promessas, antes de se sentar no assento do condutor.

— É uma merda séria na qual está se metendo, mas se aqueles peitos forem tão bons pessoalmente, como parecem à essa distância, ficarei contente em te ajudar. Você sabe, mais uma para o time.

— Cala a boca, Coop.

— Algum problema? — Locke pergunta, caminhando até nós. Sua acompanhante desta noite, uma ruiva bastante atraente e bonita, está parada ao seu lado, claramente entediada.

— Nada que eu não possa resolver.

— Claro que pode, por isso a Barbie peituda continua te seguindo por todo o lado como uma pequena cadela doente.

— Está mais para cadela transtornada. — Murmuro. — Tenho tudo sob controle. Algum de vocês quer carona até a casa do Axel?

— Só eu e o Coop — Beck responde.

Olho para o Locke e vejo que confirma as palavras do Beck com um leve aceno. — Entendo. Vou me livrar do lixo, depois estou pronto para ir.

Tenho que me lembrar várias vezes para controlar o meu temperamento. Controle. Tenho que bloquear completamente cada impulso que tenho de a enfrentar e ferrar com tudo. Não me envolvo com mulheres pegajosas. Inferno, não fico só com uma mesma mulher há anos. Quando a conheci, ela foi um meio para um fim, uma forma de não permitir que o meu pau caísse. Falei para ela, desde o primeiro dia, que nunca haveria nada mais que nós dois passando algum tempo pelados. Sem encontros, sem reunião com amigos e não agir como se eu fosse sua propriedade, caralho.

Não tem como a Mandy estar sã, parada lá, esperando para mim. De jeito nenhum. Teve coragem de aparecer em um casamento da família, sem convite, e lançar sua merda. Merda que não tinha direito de lançar. Já passou a hora de dar um basta na sua loucura.

— Amanda.

Ela enrijece um pouco ao ouvir a dureza na minha voz, ao dizer seu nome. Literalmente, pronuncio seu nome sem nada mais além de

desgosto na voz. Agarro seu cotovelo e a levo para um lado do corredor, longe de ouvidos que possam nos escutar.

— Gostaria de me dizer por que está aqui?

— Porque, bebê, sabia que ia querer que eu compartilhasse esse dia com você. — Tenho que dar credito para essa cadela; ela, honestamente, acredita nessa baboseira. Se não a conhecesse bem, pensaria realmente que ela queria estar aqui. Mas a conheço bem, e sei que não tem há nada mais que uma planejadora calculista e louca pra caralho por baixo de tudo isso.

Que. Merda.

— Você é burra? Por favor, me diga que é só um pouco lenta e perdeu o significado da mensagem "você não é nada além de um corpo quente" — ela recua levemente, mas não o suficiente. Aparentemente, vai demorar muito mais do que o normal para tirá-la do meu pé. Isto não vai levar a lugar algum, merda.

— Não seja tolo, Greg. — Sorri suavemente e se aproxima para colocar a mão na minha, mas dou um passo para trás e observo enquanto ela abaixa o braço.

CAGE

— Me escute, e escute bem, Amanda. Não vou repetir esta merda de novo. Você e eu, acabou. Completamente, e não vamos transar novamente. A última vez que você teve o meu pau foi na noite passada. O que quer que seja que você acredita que está acontecendo, não está. Não vou ser o seu homem e estou totalmente seguro que nunca voltarei a enfiar meu pau no seu corpo. Me escute.... Isto. Acabou.

Nem sequer lhe dou a oportunidade de responder. Me virando, me junto aos caras antes de sair da igreja e ir para a recepção.



Meu humor não está muito melhor, três horas depois. Fizemos as merdas tradicionais que sempre fazem nos casamentos: mais fotos do que nunca mais vou querer fazer parte, dançar, cortar o bolo e jantar. Agora a festa está no auge e o álcool flui livremente.

Não tirei os olhos do objeto do meu desejo desde que chegamos. Ela também não me decepciona. Parece que está fazendo um show só para mim, o único problema é que usa todos os homens solteiros para isso. Seu favorito parece ser o primeiro e único promíscuo, Zeke Cooper.

CAGE

Não faço a mínima ideia do que diabos estão dançando agora, só sei que estão muito próximos. Quando vejo que a envolve pela cintura com a mão e a puxa para mais perto ainda, quase quebro o copo. Quando ela joga a cabeça para trás e sorri, todo o rosto reluzindo com humor, revejo mentalmente todas as maneiras que conheço de como matar um homem. Quando ele move a mão para a sua bunda e a aperta, vejo tudo vermelho. Todo o meu corpo fica tenso e o desejo que se mistura com a raiva é uma combinação difícil de controlar.

Esse tipo de desejo que consome meu corpo é novo para mim. Com certeza, houve um monte de mulheres nos meus trinta e cinco anos, mas nenhuma me fez sentir desse jeito. E, com certeza, não houve uma que conseguiu se manter afastada de mim. Coop pode me irritar pra caralho em um bom dia, mas nunca havia considerado maneiras de matar meu amigo antes.

— Você a quer muito.

— Você não tem ideia. — Olho para Locke, reparo que não está olhando para Coop e o seu par, mas está olhando para o outro lado do salão, para a mesa na qual Emmy está sentada, embalando suavemente o Nate, que está dormindo.

— Você vai fazer algo sobre isso? — Pergunta finalmente, depois de alguns minutos em silêncio.

— Sim, e você? — Claramente não esperando que eu devolvesse sua pergunta, vira lentamente a cabeça e me olha. Seus olhos escuros não revelam nada.

— Não — com isso, se afasta e se junta à sua acompanhante. Pelo menos, não sou o único bastardo se sentindo miserável no salão.

Depois de mais algumas músicas, Coop afasta as mãos "a ponto de serem arrancadas" do seu corpo. Ela olha ao redor do salão antes de ir para o bar, bar no qual estou, ao menos, há uma hora. Seus olhos não deixam os meus. Seus lábios se movem, sedutores, junto com a música, me deixando com água na boca, e minha calça apertada.

Eu a terei.

Ela caminha até o bar e pede algo, não posso dizer o que é, porque quando se inclina sobre o balcão, a bunda perfeita fica à disposição dos meus olhos famintos. Minha boca se enche de água novamente e meus dedos formigam. Só de imaginar meus dedos a segurando com força e a atraindo rudemente contra meu pau duro, meu corpo já tenso, enrijece

ainda mais. Devo ter deixado escapar um gemido, porque ela levanta a cabeça e olha para mim.

— Quer tirar uma foto? — Sua pergunta me faz levantar os olhos lentamente, muito lentamente, até os olhos dela. Não parece irritada, o que é uma vantagem. Parece estar desfrutando dessa fodida tortura.

— Dance comigo. — Olho para ela, somente a observando e esperando sua resposta, um pouco surpresa pelo pedido que acaba de sair da minha boca. Odeio dançar, mas se isso deixar o corpo dela próximo do meu, farei qualquer coisa.

— Só dançar?

— Por enquanto. — Seguro sua mão, deixo nossas bebidas no bar, a levo para o meio do salão, a puxo para mim e aproximo nossos corpos.

Tê-la nos meus braços faz com que me sinta em casa. Não sou desses que acredita em amor à primeira vista e todas essas merdas, mas mesmo tão cínico quanto sou, reconheço que há algo muito maior que apenas luxuria. Meu corpo a deseja; não é um segredo, mas o nível de desejo ultrapassa os limites. Preciso dela. E precisar de alguém não é uma coisa à qual esteja acostumado. Não, estou acostumado a ser aquele de quem necessitam... algo que esta mulher, claramente, não necessita.

— Qual o seu nome, Bela? — Volto a perguntar. Uso o ritmo da música para fazer leves círculos com nossos quadris. Ela apoia os braços nos meus ombros e, se me inclinar um pouco, nossos lábios vão se encontrar. A acaricio tão levemente, como se fosse dedos fantasmas deslizassem pela sua bunda. Meu pau implora para aproximá-la ainda mais, para sentir seu corpo contra o meu.

Ela me ignora e sorri timidamente. Pode ser capaz de atuar com esse comportamento reservado e ser indiferente à nossa conexão, mas não consegue afastar os olhos. Seus olhos me dizem tudo o que preciso saber. Pode não ter consciência do que quer, mas sei, com toda a minha alma, que quer encontrar um quarto escuro.

— Vamos lá, Bela, me conte — imploro. Já passei do ponto e, porra, se ela quiser que a chame de Timmy[5] e lata como um cachorro, o farei.

[5] Personagem de desenho animado.

CAGE

Não me responde, mas suas mãos se movem para o meu cabelo e o agarra com força, puxando as mechas levemente. Se coloca na ponta dos pés e aproxima a boca da minha orelha. — Isso importa?

Normalmente, odiaria estes jogos, mas com ela parece uma preliminar. — Baby, preciso saber como te chamar quando deslizar meu pau dentro do seu corpo. — Ela ofega contra a minha orelha, o que faz com que o meu pau, já duro, lateje. Se afasta e me olha, com a curiosidade brilhando nos enormes olhos azuis.

— Você disse somente uma dança. — Como se eu precisasse ser lembrado.

— Não disse que íamos dançar vestidos. — Nos encaramos por alguns segundos antes da música mudar e o som da comovente canção de Sam Grow, "Lay You Down", encher meus ouvidos. Se isto não é um sinal, então não sei mais o que é. Eu a puxo para perto do meu corpo, seus seios contra o meu peito e meu pau contra o seu estômago. Enfio uma perna entre as dela e começo a mover lentamente nossos quadris, um movimento repleto de luxúria. Me inclino para deixar os lábios à um sopro de distância da sua orelha e canto as palavras baixinho, garantindo que cada pequena promessa esteja presente na letra.

Envolvendo a cintura delgada com um braço, deslizo lentamente a outra mão pela sua espinha, antes de segurar sua cabeça levemente, virando-a para ter um melhor acesso.

Posso sentir sua respiração acelerada contra a minha bochecha, e onde meu dedo descansa contra o seu pescoço, a pulsação é frenética.

Ela quer isso.

Continuamos nos movimentando lentamente ao ritmo da canção que parece ter sido feita para a nossa dança. Não tenho nenhuma dúvida que, se nossas roupas estivessem ausentes, estaria bem enterrado dentro do seu corpo.

CAGE

9 Melissa

Talvez tenha sido capaz de manter minhas reservas sobre ficar longe desse homem, até que me toma em seus braços e basicamente, explode minha mente só com uma dança. Estou disposta a entregar minha alma neste exato momento. Posso senti-lo pressionado contra meu estomago... cada centímetro duro como rocha. Cada vez que balança os quadris ao ritmo da música, um pouco mais de umidade escapa do meu corpo. Estou disposta e pronta para partir, tudo por causa deste homem.

Quando a música termina, ele recua e me olha nos olhos. — Diga.

— Melissa — guincho. Sim... um guinchado. Os jogos terminaram; agora, tudo é muito passional.

— Certo, Melissa — ele murmura; meu nome sendo pronunciado por ele envia arrepios ao longo de cada centímetro da minha pele. — Vamos começar de novo, sim?

Olho fixamente para o homem maravilhoso e aceno com a cabeça como uma idiota.

— Meu nome é Greg Cage. A maior parte dos meus amigos me chama de Greg, alguns me chamam de Cage, mas você pode me chamar do que quiser.

Sério? Está falando sério agora mesmo?

— Essa cantada funciona para você? E por que eu te chamaria de Cage? Soa como algo em que se prende um animal raivoso[6]. — Os olhos dele se arregalam antes da deliciosa gargalhada soar ao meu redor. Estou segura que pareço uma louca com o sorriso que se apodera do meu rosto. Até eu mesma posso dizer que é um pouco feliz demais. Bom Deus, ele é realmente bonito.

[6] A autora faz um trocadilho com a palavra "cage" que, em português, significa jaula, gaiola ou cela.

— Maldição, menina, ou você é lésbica ou gosta mesmo de mastigar minhas bolas. — Balança a cabeça, ainda soltando uma suave risada masculina. — Bela, você pode me chamar do que quiser, desde que esteja gritando.

Antes mesmo que eu consiga processar suas ações, se inclina e me dá um beijo rápido, mas profundo. Quando recua e descansa o rosto contra o meu, sei que talvez tenha acabado de assinar na linha pontilhada. O olhar que ele me dá é tão cheio de promessa que, se eu estivesse usando calcinha, ela já teria estourado, explodido completamente para fora da minha pele.

— Venha para casa comigo — digo, de repente.

Parece considerar isso por um minuto, antes de um sorriso selvagem enfeitar seus lábios. Sabe que ganhou este round. Posso ter me rendido às faíscas que voam ao nosso redor, mas ia ser somente sexo. Nada mais.

— Façamos assim, me deixe terminar aqui e então vamos para a minha casa.

— Não vou de carona com você. Quero meu carro lá, caso precise. — Gaguejo no final, mas ele não deixa passar despercebido. Seus olhos piscam e seu sorriso diminui levemente.

Parabéns, Melissa, talvez você possa publicar um anúncio com uma lista de todos os problemas que tem.

— Tudo bem, mas posso te garantir que não vai querer ir embora por um longo e fodido tempo.

— Só sexo? — Pergunto. Não há razão para andar na ponta dos pés, agora.

— Por enquanto. — Pega a minha mão e me guia para fora da pista de dança, até o bar onde deixamos nossas bebidas. — Um brinde à vida — diz e levanta o copo de cerveja para tocar a minha taça de vinho.

Parece estranho brindar quando você acaba de concordar em sair e fazer sexo com um completo estranho. Quanto mais penso nisso, mais sentido faz, honestamente. Fiz uma promessa para minha irmã que jamais deixaria de viver. Claro, ela não sabia desta promessa, mas no dia em que prometi, sussurrando as palavras diante da terra fria, senti um peso sair dos meus ombros.

CAGE

Bom, querida irmã, se isto não é viver, então não sei o que é.

— Um brinde à vida — repito com um sorriso antes de tomar um gole.



Já faz uma hora desde que, essencialmente, concordei com uma noite de possibilidades ilimitadas. Vejo Greg se movendo pelo salão, parando para passar um tempo com a noiva, assim como os homens mais próximos no grupo. Parece estar atento a cada um dos meus movimentos. Me movo para falar com alguma pessoa e seus olhos estão sempre queimando a minha pele. Quando meus olhos encontram os dele, é fogo puro. Podia sentir seu olhar fixo acariciar cada centímetro da minha pele e isso estava me deixando, lenta e agonizantemente, louca.

Eu o quero.

— Conheço esse olhar — Dee fala, vindo descansar na mesa em que Emmy e eu estamos sentadas nos últimos minutos.

— Não sei do que você está falando.

— Meu rabo que não sabe. — Sorri. — Esse olhar que está enviando para G é quente o suficiente para me fazer começar a ofegar.

— Oh, sério? Por casualidade, você não sabe nada sobre olhares quentes do outro lado do salão, ou sabe? — Emmy a interrompe. Seu tom me deixa realmente atordoada. Todas as vezes que estive perto dela, não foi outra coisa, a não ser doce e quieta.

— Que diabos, Em? — Que demônios, de fato.

— Olha Dee, você sabe que gosto muito de você, mas por favor, aceite meu conselho, Beck a deseja e você segue jogando esses joguinhos. O que vai fazer um dia, quando *você* mudar de ideia e quiser o que ele vem oferecendo há quase dois anos, e ele não estiver oferecendo mais?

— Não é assim tão fácil, Em. — Dee apoia a cabeça contra o meu ombro e exala irregularmente. — Simplesmente, não é assim tão fácil.

Levanto o olhar e encontro os olhos da Emmy, do outro lado da mesa, notando que sua expressão, normalmente doce e serena, é dura e fria.

— Ë fácil assim. Você o deseja, ele deseja você, mas está muito ocupada tentando o afastar, para lhe dar a oportunidade que merece. Eu adoraria estar no seu lugar. Ter o homem que *eu* desejo, me desejando também. — Bate o copo na mesa, fazendo tudo sobre ela chocalhar no

processo. Empurrando a cadeira, deixa a mesa tão rápido que não tenho certeza para qual direção correu.

— Você gostaria de me dar uma pista do que acabou de acontecer aqui? — Pergunto à Dee, com um sorriso levemente maníaco.

— Isso, minha querida Melissa, fui eu sendo colocada no meu lugar — toma um longo golo de seu vinho, recostando no assento e parecendo atordoada, observando a multidão.

— Quer falar sobre isso? — Izzy me falou um pouco sobre isso, mas não o suficiente para imaginar que sei o que está passando pela sua cabeça.

— Você nunca ficou cansada de usar uma máscara, dia após dia? Estou tão cansada de usar essa máscara. — Suas palavras são levemente arrastadas, mas acredito que entendi o que tenta dizer. Deus, detesto pessoas bêbadas.

— Não esconda quem você é, Dee. Uma coisa que aprendi, é nunca esconder quem eu sou. Se você quer algo, lute por isso. Quando achar que lutou com todas as suas forças, lute um pouco mais. Jamais deixe que alguém, ou alguma situação, defina quem você é.

Ela me olha com olhos arregalados. O que quer que seja que eu disse, deve ter acertado bem no meio do alvo, mas honestamente não tenho a mínima ideia do que ela quer. Não os conheço o suficiente para saber os detalhes, mas sei que tem algo seriamente fodido acontecendo entre ela e o Beck.

— Claro — diz, com uma leve hesitação. — Eu só não sei... — o tom da sua voz vai diminuindo quando escutamos um tumulto do outro lado de onde estamos sentadas.

Perto do limite da propriedade, vemos o que parece ser o Axel carregando sua esposa na escuridão. A única coisa que dá para ver é suas costas e uma Izzy sorridente sobre o seu ombro, marchando de volta para casa. Olho para Dee e toda a tristeza deixou seus olhos. Nos olhamos fixamente durante alguns minutos, tentando decidir se acabamos de ver o noivo sequestrar sua própria esposa, antes de irrompermos em gargalhadas.

Permanecemos sentadas, rindo, durante alguns minutos, quando sinto a presença dele. Minhas costas formigam e minha pele esquenta. Sem ver, sei que Greg Cage está parado atrás de mim. Sinto um dedo

roçar ligeiramente o lado do meu pescoço, antes dos seus lábios se moverem silenciosamente contra a minha orelha.

— Você está pronta?

Engulo em seco, imaginando durante um segundo, onde diabos minha força para resistir a este homem foi parar. Tenho que manter minhas defesas erguidas perto de alguém tão perigoso como ele.

— Senhor! Sim, Senhor — Brinco, dando uma piscada para Dee, antes de me virar no assento. Quando meus olhos encontram os dele, vejo que minha brincadeira errou o alvo. Seu rosto está duro. Os olhos azuis estão quase violetas, e as mãos estão fechadas firmemente. *Que diabos?*

Me levanto, sem querer ficar em desvantagem... bem, em mais desvantagem. Ao menos com meus saltos, estamos quase na mesma altura. Sua respiração está saindo em rápidos ofegos, as fossas nasais dilatadas. Me aproximo o máximo possível, ponta do sapato com ponta do sapato, meu peito tocando o dele levemente, e lhe dou um olhar bem sério.

— Qual é o seu problema? — Sussurro. Posso sentir o calor sair dos seus lábios, tão perto dos meus.

Ele ainda está me dando um olhar bem acessível, mas parece tomar uma decisão, silenciosamente, sobre a melhor maneira de agir.

— Dê tchau para a Dee.

— Tchau para a Dee — falo sobre meu ombro. Sua risada alcança meus ouvidos, me fazendo rir algumas vezes, antes de doutrinar minha expressão. — Sua vez — sussurro.

— Fui, Dee. E porra, não dirija. — Com isso, segura minha mão e me guia apressadamente através das pessoas, da tenda, do jardim, e ao redor da casa. Paramos na entrada, ficando ali por alguns segundos. Ele solta a minha mão, dá alguns passos de um lado para o outro na minha frente, antes de se virar e me olhar. Sua respiração não se acalmou muito, e uma parte de mim imagina se tem asma ou alguma merda do tipo.

— Você precisa de um nebulizador? — Pergunto.

— Que caralho? — Murmura.

— Parece que você vai ter um ataque de asma ou algo assim. Então, repito; você precisa de um nebulizador?

Ele levanta uma sobrancelha grossa e solta uma gargalhada rouca. — Você acha que preciso de um fodido nebulizador? Não, não preciso.

O que eu necessito é que, por favor, se comporte em público. Não pode me dizer merdas como aquela e não querer que eu deseje arrancar esse vestido sexy como o pecado do seu corpo. Na próxima vez que me chamar de "Senhor", é melhor que seja quando estiver implorando para gozar. — Se inclina e puxa meu corpo para frente, esmagando os lábios contra os meus.

Jesus Cristo. E eu achava que ele tinha deixado meu corpo em chamas. Dura, úmida e cheia de calor lascivo, sua língua luta com a minha pelo domínio. Suas mãos seguram meu cabelo, viram minha cabeça e seu corpo envolve o meu.

Me possui somente com um beijo.

Por apenas um segundo, tenho o inquietante pensamento que posso perder a cabeça por causa deste homem.

CAGE

10
Melissa

Sigo as lanternas traseiras da caminhonete através da cidade até uma agradável área residencial. Anos luz do meu diminuto buraco de merda de apartamento. Ele para a caminhonete na entrada e paro por um segundo, antes de estacionar meu pedaço de merda.

Bom... isto é vergonhoso. Jamais fui dessas que deixam a riqueza de outra pessoa me intimidar, mas isto é um pouco difícil de digerir. Sua casa é enorme, e fica evidente que vale mais do que eu, provavelmente, posso ganhar em toda a minha vida. Toda vez que você necessita passar por uma cerca de segurança para entrar em casa, você sabe que não está no gueto[7]. Agora, *eu* moro no gueto.

[7] Parte pobre de uma cidade.

CAGE

Posso escutar meu carro rangendo e crepitando enquanto paro ao lado da sua caminhonete. Ele se inclina contra a porta do motorista, girando as chaves no dedo. Para alguns, pode parecer arrogante, mas para mim parece comestível pra caralho.

Tirou a gravata e desabotoou os primeiros botões. O paletó se foi e enrolou as mangas da camisa, revelando os braços fortes. A cada movimento do pulso que faz girar as chaves, você pode ver a flexão de todos e cada um dos músculos do seu antebraço. E nem sequer me façam começar a descrever os longos e habilidosos dedos. Tenho que apertar as coxas só de observá-lo manipular as chaves.

Ficamos parados, apenas o meu carro entre nós dois, absorvendo tudo. No entanto, estou tentando decifrar, diabos, como fui de prometer a mim mesma que não me envolveria com este homem, a estar prestes a saltar em cima dele e dizer "vamos".

— Venha cá, Melissa.

— Não — respondo. Por que achei que era uma ideia brilhante provocar o urso está além da minha compreensão, mas há algo emocionante em olhar para ele no limite de perder o controle.

Suas chaves param de girar por um segundo. — Baby, venha cá.

— Me obrigue.

Olhando para trás, posso ser capaz de ver que não foi minha ideia mais sábia tentar fazê-lo explodir, mas tenho o pressentimento que um homem como Greg Cage necessita um pequeno desafio de vez em quando.

— Melissa.

— Greg.

Ele se move com tanta rapidez que não é nada mais, além de um flash branco na escuridão. Antes que eu perceba, seu ombro encontra o meu estômago e estou sendo carregada para dentro da casa. A mão dele contra a minha bunda envia choques de desejo pela minha coluna. Posso sentir minha boceta se apertando com antecipação, como se até essa cadela soubesse quão perto ele está dela.

Levanto a cabeça, me apoiando na sua cintura, tentando ver a casa, enquanto ele disparado escada acima. Mesmo com os movimentos precipitados e rápidos, toma cuidado para não me sacudir sobre o seu ombro. Decidindo, por alguma razão desconhecida, que seria divertido testar um pouco mais o seu controle, retiro as mãos do seu cinto, agarro cada uma das bochechas da bunda e aperto. Inferno, sua bunda é dura

como pedra. O grunhido dele enche o silencio que antes tinha sido preenchido pela pesada respiração deste homem louco.

— Cuidado, Melissa, está brincando com fogo.

— Sempre gostei de coisas quentes — sussurro, subindo uma das mãos e batendo na sua bunda. Com força. Minha palma arde e uma dor aguda e pulsante dispara pelo meu pulso. *Caralho! Acho que a sua bunda acaba de quebrar a minha mão*!

Ele para abruptamente no meio do que posso presumir que é o seu quarto. Nem sequer acredito que ele está respirando. Imóvel como uma estátua e ainda vibrando com a tensão reprimida.

Oh, oh.

Lentamente, oh, incrivelmente lento, começa a me descer até o chão. Sua expressão é ilegível, mas não consegue mascarar o calor nos seus olhos. Cada centímetro da minha pele, por onde seus olhos passam, parece que foi tocado fisicamente.

Levanto os braços e começo a desabotoar sua camisa. Ele fica parado e permite que eu faça isso. Levo um segundo, mas entre o primeiro e o segundo botão, noto que seu silencio não é nada mais que

uma tentativa de voltar a recuperar o controle que está escapando das suas mãos. De jeito nenhum, não vou permitir. Agarrando ambos os lados da camisa meio desabotoada, dou um puxão forte, fazendo os botões voarem ao meu redor. Ele solta um grunhido baixo, que vem do fundo da garganta, e suas mãos se apertam.

Passo as minhas mãos pelos peitorais duros como rocha até o abdômen, o que me faz ganhar outro grunhido rouco. Quando acaricio seu pau sobre a calça, seus olhos reviram e ele se desequilibra levemente. Inclinando para frente, deslizo a língua ao redor do seu mamilo e dou um aperto firme na generosa protuberância. Quando mordo levemente o mamilo, seu gemido se torna um grunhido selvagem, então recuo rapidamente, quase caindo de bunda no chão, quando tropeço no tapete.

Suas mãos se estendem e agarram meus quadris para ajudar a estabilizar minhas pernas.

— Tire a roupa. Agora — ofega finalmente, uma vez que se assegura que a minha posição está firme.

Se afasta e se joga em uma cadeira que eu nem sequer tinha notado que estava ali. Olhando ao redor do quarto, assimilo a intensidade masculina. Todos os móveis são de madeira escura e as paredes cor de

CAGE

creme. Bem natural. Meu vestido vermelho se destaca contra os tons neutros. Volto a olhar para onde ele está descansando e vejo uma sobrancelha arrogantemente levantada. Não acredita que farei isso. Homem estúpido.

Girando sobre os saltos e ficando de costas para ele, me estico e abaixo o zíper nas costas, lentamente.

Felizmente, não é tão alto para precisar da ajuda dele. Demoro bastante, sentindo os dentes se soltarem, um por um, com o calculado deslizar do zíper. Quando chego ao final, olho sobre o ombro novamente e vejo quando ele leva a mão até o cinto.

Bom, isso é sexy pra caralho!

Deslizo cada alça pelo ombro lentamente, antes de deixar o vestido cair e formar uma poça nos meus pés. Não consigo conter o sorriso diante da estridente ingestão de ar, que vem por trás de mim. Estou segura que ele não esperava que estivesse completamente nua debaixo do vestido.

Levanto a perna, mas, antes de tirar os sapatos, escuto a voz tensa dizer: — Deixe-os. — Abaixo a perna e me viro lentamente para encará-lo. Estou bastante cômoda em minha própria pele, para saber que estou

CAGE

bem pra cacete. Quando completo a volta e encontro seus olhos, posso ver que está de acordo. Olhando para o seu corpo, vejo que tirou a camisa e sua calça está desabotoada. Uma mão segura o braço da cadeira com tanta força que parece que vai arrancá-lo, mas a outra mão? A outra mão está acariciando vagarosamente o que é um choque para o meu organismo.

Seu corpo sozinho é suficiente para me convencer a vender o seio esquerdo somente para o tocar, mas ver o que estava carregando o dia inteiro, faz minha boceta se encher de umidade. Enorme, grosso e *decorado*. Ele toca o piercing, o que faz com que o pau salte e um silvo dispare da sua boca. Como se o Príncipe Albert[8] não fosse impactante o bastante, uma segunda barra horizontal atravessa a cabeça protuberante, e fico boquiaberta. Meu primeiro pensamento foi "puta merda, isso deve doer", mas, em seguida, meu corpo está gritando "porra, sim, isso deve ser o êxtase total!

[8] Príncipe Albert é um tipo de *piercing* genital ou adorno em forma de anel. É colocado na extremidade da glande através da uretra, saindo pelo freio, logo abaixo da glande, por um pequeno orifício.

CAGE

— Gosta do que vê, Bela? — Continua com as lentas carícias. Posso ver a gota de sêmen que está começando a cair da ponta e minha boca se enche de água no mesmo instante. — Diga o quanto deseja meu pau.

Sacudindo a cabeça para clarear a névoa repleta de luxúria, tenho que lembrar a mim mesma do jogo que comecei. Não sei quando se tornou importante, mas quero ter a vantagem. Sorrio docemente. — Não tanto, garotão. — Levanto as mãos e acaricio meus seios, traçando o contorno dos mamilos, em seguida, os envolvendo com as mãos e os empurrando juntos. A fricção faz com que um gemido escape. Arrasto intencionalmente uma mão para baixo do meu corpo, deixando os dedos delinearem meu sexo algumas vezes, arrastando a quente umidade pela pele macia. Quando separo os lábios e enterro um dedo na minha umidade, a mão dele para de acariciar o pau e seus olhos brilham.

— Melissa — adverte.

— *Greg* — sussurro, girando o dedo sobre o clitóris. — Diga, o quanto *você* quer a minha boceta? — Com um grunhido dele como resposta, empurro dois dedos profundamente, fecho os olhos e emito gemidos profundos. Já faz muito tempo desde que tive um homem para

CAGE

satisfazer meu corpo, o suficiente para saber exatamente do que meu corpo precisa. Quando se tornou óbvio que nenhum homem podia fazer isso por mim, fui obrigada a aprender.

Meus quadris se movendo e os gemidos de prazer devem ter sido o gatilho que o fez explodir. Antes mesmo dos meus olhos terminarem de abrir, estou deitada de costas e sua boca está na minha boceta. Enfia a língua profundamente, e com as mãos nos meus quadris, me puxa rudemente contra a sua boca. Depois de alguns golpes na fenda gotejante, lambe lentamente o caminho até o clitóris. Posso ver um canto da sua boca se erguer e seus olhos se franzirem, antes de sentir a picada dos seus dentes, quando morde o botão inchado. Minhas mãos voam para os lençóis, minha cabeça cai para trás e, com um ruidoso grito, gozo em sua língua.

— Oh, meu Deus! — Não tenho nem ideia do que estou gritando agora. Por tudo o que sei, estou falando outro idioma. As coisas que ele está fazendo no meu corpo deviam ser ilegais. Jamais, em toda minha vida, me senti tão sobrecarregada pelo prazer. Ele continua com as lentas lambidas e as mordidas suaves até que meu corpo relaxa, em seguida, deposita, tranquilamente, beijos sobre o meu abdômen. Faz uma leve

CAGE

pausa para lamber o piercing no meu umbigo, antes de prosseguir pelo caminho até os meus seios.

— Adoro eles. Seus peitos... caralho, baby, posso dedicar horas só para eles. — Lambe e passa a língua ao redor dos meus mamilos. Se assegura em dar suficiente atenção a cada um deles, antes de tomar minha boca com a dele.

Seu beijo é exigente e cheio de controle. Com as mãos segurando firmemente minha cabeça entre as palmas, não tem muito espaço para eu tentar recuperar a vantagem. Inferno, neste ponto, nem sequer posso recordar por que a queria. As coisas que ele está fazendo com o meu corpo... meu coração palpita, como se estivesse a segundos de explodir e cada centímetro da minha pele está tenso. Preciso dele.

— Por favor... p-por favor, Greg — grito, desviando minha boca da sua pervertida atenção. Meu corpo está tremendo tão violentamente diante do crescente desejo, que posso sentir meus dentes batendo. — Maldição! Preciso de você dentro do meu corpo! Me fode!

Se me escutou, então está claramente ignorando minhas súplicas. Seus lábios mordem a pele ao redor do meu pescoço, acalmando cada ardor com a língua.

Para o inferno com isso. Preciso do seu pau dentro do meu corpo, agora. Fincando os saltos na cama, empurro com toda a força que resta no meu corpo. Claramente, o pego com a guarda baixa, tornando fácil virar o enorme corpo com o meu. Usando seu choque ao meu favor, ataco. Antes que ele possa até mesmo se mover, levanto e me sento sobre o seu peito. Minha boceta molhada se encontra na altura da pele quente do peito dele.

Quando ele tenta falar, cubro seus lábios com meus dedos e o silencio. — Não. — Seus olhos brilham com advertência, um aviso que tenho toda intenção de ignorar. — Falei que queria o seu pau. Não brinquei. Minhas palavras, Greg, foram claras. Camisinha?

Sua língua dispara para fora e lambe meu dedo, mas inclusive com esse ato brincalhão, seus olhos brilham. Tenho o pressentimento que está, simplesmente, permitindo que eu tenho o controle.

— Gaveta — diz, acenando para o criado mudo. Felizmente, quando o virei, caímos a um braço de distância. Me inclino para a frente, deixando que meus seios caiam pesadamente contra o rosto dele. Que não perde tempo, antes de atacar. Sua língua e os dentes cobrem cada centímetro que consegue alcançar sem o uso das mãos.

CAGE

Pegar uma camisinha e voltar a ocupar o mesmo lugar antes que ele possa tentar qualquer coisa, é mais difícil do que pensei que seria. Ele solta um grunhido cru e feroz quando seus lábios perdem o alcance do meu mamilo.

Dou um sorriso malicioso antes de me mover, propositadamente, de maneira lenta para baixo do seu corpo. Quando meus olhos encontram o seu pau, quero chorar de alegria. Isto vai ser delicioso. Abrindo a embalagem da camisinha, com toda a intenção de fazer um rápido trabalho ao colocá-la sobre o impressionante comprimento, rapidamente percebo que não tenho a mínima noção de como fazer isso. Não tenho ideia do que fazer diante do aro e da barra. Ele grunhe, puxando a camisinha dos meus dedos antes de colocá-la. Exatamente antes de mover suas mãos, pego outro flash de metal embaixo, perto das suas bolas.

— Você está de brincadeira? — Sussurro. — Você tem algum fetiche com automutilação? — Exatamente onde termina sua ereção, há um piercing atravessando sua pele. Porra; isso está ficando cada vez melhor.

— Não vai reclamar dele quando acertar o seu clitóris, prometo.

Oh, Deus.

Subindo pelo seu corpo novamente, juro que morri e fui para o paraíso dos corpos musculosos. Lambo cada centímetro de pele que posso alcançar, antes de me sentar sobre os seus quadris e tomar sua boca. Enquanto nossas línguas duelam e nossas respirações se chocam, meus quadris estão ocupados se esfregando nos dele. Minhas pernas se separam o máximo possível, fazendo com que minha boceta se abra como uma flor, e abraça o pau rígido.

Me apoiando no seu peito, levanto, agarro o seu pau e o coloco no meu interior. Quase posso escutar o som penetrante da sua respiração por cima do meu grito. Sinto os aros acertarem um lugar profundo dentro de mim, o que me deixará implorando, em pouco tempo. Aquele que pressiona com força o meu clitóris, faz que minha visão fique turva.

— Tenho... que... me virar — ele avisa, e me encontro, mais uma vez, deitada de costas. Nem sequer para quando gira e golpeia dentro de mim. Seus quadris se chocam contra os meus, suas bolas fazem um som ruidoso e úmido quando golpeiam minha pele e seus olhos brilham com alguma coisa que, por Deus, queria poder entender.

— Mais f-forte!

CAGE

Penetra profundamente e se ergue sobre os joelhos, fazendo com que o seu pau deslize quase totalmente para fora. As mãos grandes agarram meus quadris e levantam metade do meu corpo da cama. Com a cabeça ainda na cama, o resto do meu corpo se rende ao seu controle, enquanto ele recua e concede meu desejo. Minhas pernas são um peso morto, minhas mãos seguram os lençóis com força e meu olhar sustenta o dele. O olhar nos seus olhos, combinado com o duro impacto dos golpes dos piercings e os alucinantes empurrões, são o suficiente para me deixar gritando. Gritando, rezando e suplicando. Perdi o controle do meu corpo. Está preso firmemente e caindo aos pedaços.

Seus quadris tomam velocidade, mas desaceleram levemente até o final do meu orgasmo. Abaixa meu corpo novamente sobre o colchão e mexe os quadris, fazendo com que mais alguns tremores secundários percorram meu corpo.

— Você gosta do meu pau? Você gosta de tê-lo enterrado tão profundamente no seu corpo, que não vai ser capaz de caminhar amanhã? Da maneira como sua boceta está agarrando o meu pau e sua umidade está cobrindo minhas bolas, diria que você gosta dele pra cacete.

CAGE

Solto um gemido e ele sorri. Não é aquele sorriso atraente que dá em público, não... este sorriso é pura malícia e sexo.

— Vou te foder até que esteja em carne viva. — Me avisa, antes de tornar reais suas palavras. Quando finalmente agarra meus quadris e mantém nossas partes inferiores juntas, já gozei duas vezes e perdi a noção da realidade.



Leva uma boa hora antes que sejamos capazes de desentrelaçar nossos membros. Quando seu corpo cai contra o meu, gira levemente para que eu não tenha problema para respirar. Seu peso é perfeito contra o meu corpo, e não consigo me lembrar de ficar alarmada por quão perfeitamente parecemos nos encaixar. Talvez esteja na hora de deixar alguém entrar.

Não, mesmo com o sexo perfeito, aprendi o bastante com a minha irmã, para saber que não é sábio deixar que um homem tenha o seu coração. Quando isso acontece, é só uma questão de tempo antes de perder a si mesma.

— O que está ocupando seus pensamentos? — Fala contra o meu pescoço.

Se ele soubesse. — Apenas imaginando quando vai estar pronto para outra.

— Maldita besta — e sorri.

CAGE

11 Melissa

— Qual o significado da sua tatuagem? — Terminamos outra rodada do melhor sexo selvagem que já tive. Nova regra, qualquer homem com quem eu me deitar deve ter a trifeta[9] da realização vaginal. Quando o aço do piercing localizado na base acerta o meu clitóris, posso ver anjos cantando no paraíso.

Ele está relaxado, deitado de costas com um braço sobre a cabeça, e a tatuagem que não tinha visto antes está completamente exposta. Estive deslizando os dedos suavemente sobre ela por alguns minutos, o observando se arrepiar a cada toque. Nunca tinha visto algo tão simples quanto este movimento, de tirar o fôlego. Devia haver, pelo menos, vinte

[9] Modalidade de aposta do turfe em que o apostador tem que acertar, no mesmo páreo, os três primeiros cavalos, pela ordem de chegada.

CAGE

pequenos pássaros negros que começavam a despontar nos seus quadris e voavam ao redor das suas costas, onde suponho que terminavam ao redor do seu ombro.

Entrelaçadas com as aves, estão as palavras "Se liberte, com Graça". Não pode ser coincidência que a única parte escrita com uma caligrafia elegante seja a palavra "Graça[10]".

Ele levanta a outra mão e, distraidamente, corre os dedos pela última palavra sobre as suas costelas. — É para a minha irmã, Grace.

Não diz nada mais, mas segue deslizando os dedos sobre o nome.

— Há quanto tempo? — Não preciso dizer mais nada; ele sabe ao que me refiro.

— Quase dez anos. — Vira de lado e apoia a cabeça na mão. — Estava no exterior quando recebi a notícia.

— Jesus... sinto muito, Greg. Sei que acha que não significa nada, mas confie em mim quando digo que sei como você se sente. — Não falo sobre a minha irmã. Nem mesmo a minha mãe sabe exatamente o que

[10] Em inglês, Grace.

CAGE

sinto. Só não estou pronta. Inclusive agora, quase dois anos depois, ainda me oprime saber que ela nunca vai estar aqui de novo.

— Bela — ele diz, correndo um dos dedos pelo meu rosto. — Senti a dor da perda dela por tanto tempo, e nunca encontrei alguém que pudesse sentir isso. Quer falar mais sobre isso?

— Na verdade, não..., mas falarei — me apresso a dizer quando vejo que ele começa a se afastar. Não fisicamente. Não, fisicamente ele está bem presente, mas seus olhos perdem a luz. — Minha irmã. Eu a perdi há quase dois anos.

Viro de bruços e tiro o cabelo do caminho. No meio dos meus ombros há uma única pluma, com um pássaro voando através de uma fenda na ponta. Debaixo da pluma, em letras miúdas, estão as palavras "Pegue esta asa quebrada e aprenda a voar".

— Estranho como as nossas tatuagens são parecidas — falo, tentando aliviar o momento, mas, sério, como você pode aliviar uma merda desta?

— Grace teria amado você. Poucas pessoas dão importância a isso. — Seus lábios tocam levemente a minha tatuagem antes de sentir ele se afastando. — Tinha apenas vinte e cinco anos quando morreu. Não

CAGE

recebi nenhuma ligação por quase uma semana, uma semana que ela tinha morrido e não tinha ideia que a minha outra metade... — Para de falar e se recompõe visivelmente. — Eu senti. As pessoas sempre são céticas sobre a conexão dos gêmeos, mas eu *senti*. Era quase como se a corrente que nos ligava, tivesse sido quebrada. Não soube naquele momento, já que estava no meio de uma batalha, mas olhando para trás, senti isso.

— Como ela morreu?

— Foi assassinada. — Ofego, o som ecoando ao redor do cômodo, mas ele nem sequer olha para mim. Está claramente perdido em lembranças. — O bastardo com a qual estava casada a atropelou com o carro dela. A única paz que tenho é que ela não sofreu, no final. Casada com aquele pedaço de bosta por quase cinco anos e eu não fazia a mínima ideia que ele batia nela, até que foi tarde demais.

— O quê? — Sussurro, surpresa pelo som da minha própria voz. Levanto rapidamente e simplesmente o encaro. — O que você acabou de dizer?

— Merda, não quis ser tão rude, baby. Sério. Faz tanto tempo desde que falei dela, que me perdi por um segundo.

— Ele a machucava?

Ele suspira profundamente. — Sim, Bela... ele batia nela.

— Fia, minha irmã, o marido dela... o seu marido também batia nela. A única diferença era que eu sabia; sabia e não fiz merda nenhuma porque ela não deixou. — Seus braços me envolvem e me aproximam do seu corpo. Sei que não lidei bem com a morte da Sofia. Varrendo aquilo para baixo do tapete e fazendo com que parecesse estar funcionando, e quem sou eu para mexer com o que está funcionando. Meu exterior forte me transformou no que sou, mas no fundo, só quero poder desabafar. Gritar, grunhir e enlouquecer, porque nunca mais a verei novamente.

Tentei, durante anos, fazer com que deixasse aquele bastardo. Todas as vezes, ela deixou para lá. Então teve o Cohen e nada faria com que ela o deixasse. Implorei, oh, quanto implorei. — Ela não parava de dizer que estava bem! Como, se o seu marido está batendo em você, está tudo bem, porra?

— Você nunca superou essa merda — Não é uma pergunta. Vou de satisfeita a ferrada em um abrir e fechar de olhos. Alô! Exemplo de cabeça fodida bem aqui!

CAGE

— Você sabe o que é foda? Implorei a ela, supliquei e, no final, ela deu um tiro no bastardo. Atirou, mas não antes dele atirar primeiro. — Ele enrijece debaixo de mim por alguns segundos, mas estou longe demais, imersa nas minhas lembranças, para processar inclusive o que o fez ficar tenso. — Cohen estava dormindo no quarto de cima.

— Cohen? — Sua voz soa apagada, quase tensa.

— Meu sobrinho. A criança mais descolada do mundo.

— Sobrinho? — Me viro para olhar para ele quando, finalmente, o tom da sua voz é registrado.

— Sim, Cohen. Por que esse olhar? — Parece que engoliu alguma coisa amarga. Sei que gosta de crianças, então não deveria ser um problema que eu tivesse um sobrinho... Jesus. Seria possível que tivesse julgado mal este homem?

Ele permanece em silêncio por algum tempo, apenas encarando meus olhos. Posso afirmar que quer dizer algo; a emoção por trás dos seus olhos é uma que não vi antes, quase como se estivesse preocupado, mas chateado, ao mesmo tempo.

CAGE

— O que está acontecendo com você? — Finalmente, quebro o silêncio.

Ele sacode a cabeça e traz sua boca para frente, para encontrar a minha.

— Nada — deposita pequenos beijos nos meus lábios, antes de se afastar e olhar nos meus olhos. — Nada, apenas pensando. Não sei por que nossos caminhos se cruzaram, mas não posso ignorar a sensação de que foi por uma razão.

— Você não é o que eu esperava — digo para ele.

— Digo o mesmo para você, baby.

Quando sua boca cai sobre a minha novamente, me aproximo dele e afundo a cabeça primeiro. Antes, isso era apenas sobre o jogo. Desfrutar enquanto pudesse e me manter afastada de qualquer amarra. Mas, agora, sinto que vai ser impossível me afastar. Ele sabe; este homem sabe o que é perder alguém que se ama. No pouco tempo que nos conhecemos, posso dizer que não vai ser como o marido da Fia. Não, não o Greg. Este homem grita cavaleiro com armadura brilhante.

CAGE

Quando acomoda os quadris contra os meus e me penetra profundamente, o último pensamento coerente que vem à minha mente, é que quero que ele seja *meu* cavaleiro com armadura brilhante. Quero que ele me salve de mim mesma.



Finalmente caímos no sono quando o sol começa a nascer. Temos os corpos cobertos de suor e os membros entrelaçados. Meu corpo está deliciosamente dolorido, no entanto deseja mais do que ele puder me dar. Possuiu meu corpo duas vezes, desde a nossa conversa. Duas vezes e o sexo está cada vez melhor. Este homem, oh, este homem sabe o que está fazendo.

Estou deitada entre os seus braços e desfrutando a sensação do seu corpo duro contra o meu, enquanto tento descobrir o que me despertou do sono profundo. Minha mente ainda está na névoa confusa da noite anterior e é difícil espantar o cansaço.

— Que diabos é esse barulho? — Murmura contra o meu pescoço.

— Acredito que é o seu telefone? — Pergunto e movo a bunda contra a ereção crescente.

Quando o barulho finalmente para, me vira e cobre meu corpo com o dele.

— Bom dia — fala com um sorriso.

— Bom dia. — Se move para me beijar, mas viro a cabeça e cubro a boca com a mão. — De jeito nenhum! Mau hálito matutino! — Sorrio contra a palma da mão.

— Não me importo — desliza os lábios pelo pescoço exposto e mordisca o caminho até o meu peito. Como posso discutir com um homem tão determinado? E se for honesta comigo mesma, não quero fazer isso. Meu corpo tem estado exigindo o dele, desde a última vez que se retirou.

— Passe o dia aqui. Sei que você é toda "Senhorita Independente" e essas merdas, mas fique, por favor. — Olhando os olhos azuis e o enorme sorriso, sei que é impossível dizer não para ele. Todas as dúvidas anteriores fugiram e o que resta é o desejo de ver exatamente o que vai acontecer com *esta* coisa entre nós.

— Sim, vou ficar... se você fizer valer a pena.

Se é que isso é possível, seu sorriso fica ainda maior. Joga a cabeça para trás e solta uma risada. — Acredito que podemos providenciar isso. — Se aproxima, apanha outra camisinha na beirada da cama, fica de joelhos e me dá uma piscada antes de acariciar o pau algumas vezes. Seus olhos não se desviam dos meus enquanto desenrola a camisinha lentamente pela extensão.

— Diga o quanto você quer o meu pau — ordena.

Seus olhos brilham intensamente e a promessa maliciosa que vejo neles, me faz responder sem vacilar: — Quero o seu pau. Quero muito o seu pau, baby.

Em um flash, está cobrindo o meu corpo e esticando amplamente o meu sexo, me penetrando lentamente. Nossas bocas se fundem, sua língua dançando com a minha. Cada vez que transamos, é selvagem e rápido, mas desta vez é algo mais. Podia senti-lo, cada centímetro. Sinto como se estivéssemos nos marcando, não somente fisicamente, mas também mentalmente. Direto até as nossas almas.

Poderoso.

Podia não estar pronta para admitir completamente, mas esta conexão não é algo que seremos capazes de ignorar.

CAGE

Quando arremete profundamente e move os quadris, penso que vou desmaiar. Os piercings no seu pau aumentam o prazer crescente, aquele que acerta o clitóris inchado envia choques de prazer que pulsam através do meu centro, em ondas.

Ele diminuiu o ataque à minha boca e, depois de alguns beijos leves, se afasta e olha nos meus olhos. — Nunca me senti tão bem assim — sussurra pausadamente contra os meus lábios, o soletrar lento levando cada palavra para o meu interior. Com mais um beijo, levanta o tronco e inclina a cabeça para olhar onde estamos unidos. Sigo seu olhar e observo enquanto ele empurra, lenta e profundamente, se afasta e logo repete o gesto. Tem alguma coisa muita erótica em observar ele me possuir.

Quando seus olhos se erguem e encontram os meus, um lado da sua boca levanta e seus belos traços relaxam com prazer, enquanto meu corpo se aperta ao redor do dele. Deixa escapar um gemido sufocado, fechando os olhos levemente. — Amo ver você tomar o meu pau. Encharcada, baby. — Ele recua, mantendo o ritmo, entrando e saindo, fazendo uma breve pausa, antes de penetrar profundamente. — Porra, isso é bom pra cacete.

Ouço vagamente o som que nos acordou, novamente ao fundo, mas quando seus quadris giram e o redemoinho do êxtase começa a tomar conta do meu corpo, meus pensamentos já não importam. Meus quadris levantam da cama para encontrar os dele, suas mãos se enroscam ao redor dos meus ombros e usam o agarre para recuperar a velocidade; o prazer é quase intenso demais. Envolvo as pernas ao redor das suas costas e pressiono os saltos na bunda dele, implorando em silêncio, que me foda com mais força.

No momento em que ambos escalamos as alturas e estamos prestes a gozar, nossos corpos estão cobertos de suor e respiramos como se tivéssemos corrido uma maratona. Meus dedos arranham as costas dele e seus dentes mordem o meu ombro. É cru, selvagem, e tão bom que não quero que termine.

— Caralho — sussurra.

— Deus, SIM! — Grito e com alguns poucos movimentos dos seus quadris, ambos encontramos o orgasmo. Minha visão escurece por alguns segundos e os anjos no paraíso estão cantando outra vez.

Ele vira de costas. Me levando com ele. Sua respiração está desacelerando quando o telefone ao lado da sua cabeça começa a tocar.

— Só podem estar brincando — retumba baixo contra o meu ouvido. Estendendo a mão, arranca o telefone do suporte e grita um desagradável: — O quê?

Fica em silêncio por um momento, oferecendo uns daqueles grunhidos de machos rudes e, em seguida, desliga. — Tenho que cuidar dessa merda muito rápido, baby — diz suavemente com apenas um toque de rouquidão na voz. Aparentemente, a raiva pela pessoa que ligou, diminuiu levemente. Ao menos, não a direciona para mim. — Vá tomar um banho e eu volto logo, certo? Preciso ir até o portão e ajudar em uma situação.

Meu corpo ainda está desfrutando o estado de felicidade no qual acaba de me colocar, assim levo um segundo para entender que ele está saindo. Mas disse que voltaria logo, e isso é suficientemente bom por enquanto.

Me viro de lado e o observo colocar uma calça para corrida e uma camiseta desbotada da USMC[11] apressadamente. — Já volto, Bela. —

[11] **U**nited **S**tates **M**arine **C**orps. Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos. O Corpo de Fuzileiros Navais, com aproximadamente 202 mil fuzileiros navais na ativa e mais 40 mil na reserva, é o maior Corpo de

CAGE

Com um pequeno sorriso e um beijo, sai correndo pela porta. Me espreguiço e olho para o teto.

Parece estranho que estejamos assim tão confortáveis um com o outro, apesar de nos conhecermos somente há alguns dias, mas existe uma conexão que é difícil de ignorar. Porém, uma pequena parte de mim se preocupa que ele possa estar escondendo algo. Passei mais anos do que posso lembrar, no decurso e depois da morte da Fia, achando que todos os homens são maus. Mas meu instinto, meu instinto está me dizendo para aderir a ele... e confiar nesse homem. Por enquanto, planejo desfrutar a vida e viver o dia a dia da melhor maneira possível.

Com a promessa de dar a esse cara uma chance, pulo da cama e vou para o prometido banho.

Fuzileiros Navais do mundo, que incluem também o Exército, a Marinha, a Força Aérea e a Guarda Costeira. Em termos absolutos, porém, o Corpo de Fuzileiros Navais é maior do que as forças armadas de muitos países; é maior, por exemplo, do que o Exército Britânico.

CAGE

12

Greg

A última coisa que quero enfrentar, depois do que possivelmente podia ter sido o melhor sexo que já tive em toda a minha vida, é a louca da Mandy. É fácil ignorar o telefone quando tenho o calor úmido e apertado da Melissa abraçando meu pau. Não há nada no mundo que possa me tirar daquilo. A sensação do seu corpo. Nunca experimentei alguma coisa assim e é algo que não estou disposto a renunciar por muito tempo.

Soube, quando a vi pela primeira vez, que seria alguém que valeria a pena e problema é o que ela é. Porra. Minhas calças estão ficando apertadas só de pensar na atitude combativa que ela lança ao redor. A última coisa que preciso, quando se trata da Mandy e da sua loucura, é uma maldita ereção. Ela encararia essa merda como um incentivo.

Deixar a casa e saber que Melissa está, neste exato momento, nua e bastante saciada na minha cama, é difícil. Devia estar preocupado com essa conexão tão intensa que existe entre nós, mas é o que tenho buscado, o que eu quero.

O único problema com isso é a potente bomba que ela soltou, ontem a noite. Quando ela me falou da sua irmã, meu coração parou. Bem no meio do meu peito, o bastardo simplesmente falhou uma grande batida. Podia estar certo? Não. Estou seguro que a irmã dela era Sofia Wagner? Sim. Na primeira oportunidade que tivesse, ia providenciar uma tempestade de fogo sobre o Derrick. Um filho? Nem uma vez mencionou que ela tinha um filho que sobreviveu àquela merda. Porra, não me disse absolutamente nada sobre haver uma criança! Claro, podia culpar a mim mesmo por não checar mais a fundo, mas para isso, pagava o Derrick. Simon saberia em um segundo se eu o estivesse seguindo novamente. Filho da puta escorregadio.

Estive tão consumido procurando algum tipo de vingança pela Grace, que o deixei me cegar. Axel me disse, desde o primeiro dia, que deixasse um dos outros caras assumir e ser meus olhos, mas era muito

importante para mim. E, no final, não tenho nada para mostrar. Grace se foi, a irmã da Melissa se foi e aquele filho de uma cadela escapou fácil.

Agora, tenho que descobrir se posso contar à Melissa, que o homem que matou sua irmã, a mãe do seu sobrinho, é alguém que tentei deter e fracassei.

Aperto os punhos no volante e arranco com a caminhonete, Não demoro muito tempo para chegar no portão e ver Stan, que parece preocupado.

— Ei, homem, onde ela está?

— Oh, olá, Sr. Cage. — Está andando de um lado para o outro no pequeno escritório, claramente agitado por causa da cadela louca que se converteu na minha sombra. Dê a uma garota um bom pau e, de repente, ela acha que tem as respostas para a paz mundial. — Ela... ela está ali, Sr Cage. Sinto muito por ligar tantas vezes, mas ela não queria ir embora e, quando começou a tentar subir a cerca, não soube o que fazer.

— Fez o correto, Stan. Não se preocupe com ela. Mandarei sair agora mesmo, ok? — Pobre homem velho, pensando que tem um trabalho fácil para mantê-lo ocupado entre os jogos de golfe.

Caminhando até o portão da entrada, a vejo parada junto ao seu carro, os braços cruzados e a atitude impertinente. Que caralho?

— Amanda. — Nem sequer vacila diante do meu tom cortante. Nem um levantar de sobrancelhas, curvar de lábios, nada. Nem uma só reação ao fato que não quero que ela esteja aqui. — O que você está fazendo aqui?

Ela se move agora, desencostando do BMW imaculado, que tenho certeza que seu papai comprou, e se movendo como a prostituta hábil que é. — Greg, bebê... sabia que você ia ficar feliz em me ver! Queria fazer uma surpresa e servir seu café da manhã na cama, mas aquele *homem* não me deixou entrar. Falei que você não se importaria, bebê.

Olho em volta, procurando as câmeras escondidas que devem estar por aqui, em algum lugar. De maneira nenhuma essa cadela é de verdade. — De que diabos você está falando, Mandy? Nunca. Jamais te daria acesso á minha casa, assim. Você só sabe onde me encontrar porque estava louco o suficiente por um pouco de bunda e a trouxe até aqui; esse foi meu erro. Você tem que ir embora, Mandy. Vá para sua casa e esqueça que me conhece. — Dar a volta e me afastar do portão

devia ter sido fácil, mas quando escuto um grito de uma banshee[12], não posso evitar e me viro novamente.

Dizer que fiquei surpreso ao vê-la tentar escalar as barras de ferro é um eufemismo. Mas lá está ela, as pernas longas, a saia curta e o cabelo loiro, tentando subir a porra da cerca. Twilght Zone[13], essa é a única explicação na qual posso começar a pensar.

Sacudindo a cabeça diante do absurdo que é Amanda White, me viro e tento caminhar até o Stan, mas antes que possa dar um passo, ela está gritando. Não apenas como uma garota normal gritando, aquela merda parece saída diretamente do Exorcista. Verifico Stan antes de voltar a lidar com a louca, fazendo sua melhor imitação de um macaco drogado. O pobre homem parece aterrorizado.

---

[12] As **banshee** provêm da família das fadas, e são a forma mais obscura delas. As banshees eram como seres que previam a morte, seu grito podia ser ouvido a quilômetros de distância, e podia estourar até mesmo um crânio. As banshees, resumidamente, eram consideradas mensageiras da morte, algo sobrenatural.

[13] **Além da Imaginação** no Brasil e **Quinta Dimensão** ou **No Limiar da Realidade** em Portugal, é uma série de tv americana escrita por Rod Serling e dirigida por Stuart Rosenberg, apresentando histórias de ficção científica, suspense, fantasia e terror.

CAGE

— Sr. Cage? Pr-precisa que chame alguém? — Volta para a segurança do seu pequeno escritório, mas segura o telefone do lado de fora da porta. — Só me avise, Sr. Cage. — E com isso, fecha a porta.

Que figura. Tudo o que quero é voltar para Melissa, mas esta merda tem que acabar.

Quando ela me vê caminhar na sua direção, imediatamente se acalma e começa a descer. Sua blusa está meio desabotoada, ela perdeu um sapato e, tenho certeza, toda a sua sanidade

— Que merda você acredita estar jogando neste momento, Mandy? — Falo entre os dentes. O tom da minha voz soa letal, como jamais tinha ouvido antes, e é a primeira vez que dirijo este tom à uma mulher. — Isto não é o que temos, e você sabe.

— Mas... bebê — reclama. — Vi você ontem à noite. Durante a cerimônia, você ficou olhando para mim. Como se mal pudesse esperar para ficarmos juntos. Sei que só está se fazendo de difícil, agora. Está tudo bem, bebê. Sei o que você realmente quer.

Como é possível ter julgado alguém assim tão erroneamente. Em uma escala de um a dez, essa garota é um cinquenta, e isso, sendo

generoso, seu nível de desequilíbrio requer um médico e medicação diária, maldição.

— Abra, Stan — grito sobre o ombro. Quando o portão está aberto o suficiente para eu deslizar por ele, caminho até ela. De maneira nenhuma minha expressão está convidando um contato, mas isso não a detém, maldição, de jeito nenhum. Aparentemente, atravessar o portão é o meu primeiro erro. Achar que podia ter um pouco de sanidade é o segundo. Ela grita como uma maldita foca e se joga em cima de mim.

— Oh, bebê! Eu sabia! — Posso sentir as ridículas unhas longas arranhando o meu pescoço enquanto move sua boca por todo meu rosto. Me esforçando para lutar com o impulso de empurrá-la, e falhando rapidamente, só alimenta a minha raiva.

— Saia de cima de mim, agora mesmo. — Tem as longas pernas envolvidas ao redor do meu quadril e nem sequer afrouxa o aperto que tem sobre a minha cabeça.

— Por que, bebê? Não quer me levar de volta para sua casa, agora? Podemos celebrar!

— Se afaste. Agora.

— Está bem, tolinho ! Entendi; você não quer que alguém veja. Sei o quanto você deve querer o meu corpo somente para os seus olhos.

Que cacete ! — Mulher, você está louca. Me permita te dar uma pista rapidamente, porque tenho coisas melhores para fazer nesse momento. Vou tentar ser tão claro quanto puder, para que não sobre nenhum maldito espaço na sua cabeça, para distorcer esta merda em algo que não é. Algo que, tenho certeza, nunca será. Em primeiro lugar, estou bastante seguro que não estava olhando para você, ontem. Para quem eu estava olhando não é da sua fodida conta, mas posso te garantir que sabe que era a *ela* que meus olhos não conseguiam parar de olhar. Em segundo lugar, isso não é difícil de entender. Este aqui, sou eu tratando de dar o fora, o mais rápido possível. E por último, não quero você em nenhum lugar próximo da minha cama. Quem eu quero está na minha casa, mantendo os lençóis quentes até que eu volte. Quem eu quero está bem longe da merda que isso é. Escute isso, Mandy; você foi conveniente. Precisava de algo que você me ofereceu e nunca fiz promessas sobre algo mais. Não. Mexa. Comigo.

Um homem sábio anteciparia as garras no rosto, mas estou muito ocupado tentando fazer com que ela vá embora, para poder voltar para

minha casa, que a bofetada é última coisa que vejo. Seu ato, falso pra cacete, não importa, e juro que o diabo está me olhando. Levanto a mão e limpo o sangue que posso sentir descendo pela minha bochecha. Será divertido explicar isso para a Melissa.

— O que tínhamos era real e você o sentiu! Não deixarei que ninguém fique no caminho do que eu quero. Que tal ouvir isso, Greg!

— Estamos no mesmo planeta nesse exato instante? Não quero você, Mandy! Nunca fiz uma promessa e você sabe muito bem disso, porra. — Ela nem se move quando invado seu espaço. Não tem medo ou, talvez, tenha vontade de morrer. — Se pensar, sequer, em chegar perto da minha garota, farei da sua vida um pesadelo. — E com isso, dou a volta e caminho novamente até o portão. Embora devesse ter cuidado das minhas costas, porque receber um golpe de um sapato nas costas não é um fodido piquenique.

— Você vai se arrepender disto, Greg!

Espero o portão fechar, antes de caminhar até Stan. — Lamento por isso. Me chame se a vir de novo, ok?

— Sim, oh... sim, Sr. Cage. — Ele acena com a cabeça tão rapidamente, que estou um pouco preocupado que possa se machucar.

— Aproveite o dia, Stan. Lamento muito pela pequena interrupção.

Tomo o longo caminho de volta, desviando por caminhos extras para me acalmar. Realmente, esperava desfrutar o dia com Melissa, chegar a conhecê-la melhor, sem a realidade nos ferrando. Infelizmente, tenho que voltar e explicar por que tenho marcas de unhas no meu rosto e cheiro como uma prostituta barata.

— Encantador pra caralho.

Melissa

Ouço o clicar da porta, mas não movo um músculo no banho quente. Já se passaram muitos anos, desde que desfrutei esse luxo. Estou tão acostumada com o meu chuveiro rústico e oxidado que bem poderia nunca mais sair desse banheiro.

— Bela?

— Aqui! — Respondo com um pequeno sorriso nos lábios. Quem teria imaginado que o apelido acabaria me agradando.

— Maldição... — ele grunhe atrás do meu ombro. Esboço o sorriso mais sedutor que tenho na minha bolsa de truques e viro a cabeça. O sorriso e o convite para se unir a mim, morrem nos meus lábios.

— Que diabos aconteceu com você? — Não só parece que acabou de lutar com um urso e perdeu, como posso afirmar que o estado de ânimo alegre com o qual despertamos, é coisa do passado. — Você está bem?

— Agora, estou — responde em voz baixa. Olho com silenciosa surpresa, enquanto ele começa a tirar a roupa. Quando caminha e para perto da banheira, passo a língua nos lábios.

— Posso ver isso. Por que não falamos do porquê seu rosto estar assim e ter batom vermelho por todo ele? — Devia estar chateada, mas a curiosidade parece estar ganhando esta rodada emocional.

— Filha da puta! — Fala entre os dentes. — Baby, deixe eu entrar, assim posso te sentir contra mim.

Bem, não posso argumentar sobre isso, mas quero respostas primeiro. — Acho que não, garanhão. Desembucha.

— Inferno, você pode chutar minhas bolas qualquer dia desses, mas deixe-me sentir seu corpo contra o meu, baby. Preciso que você me ajude a acalmar os demônios. — Entra na banheira e se acomoda antes de puxar minhas costas para ele e deslizar as mãos por cada centímetro da minha pele que pode alcançar.

— Odeio apontar o óbvio, grandalhão, mas isso não parece estar funcionando — falo, quando sinto a dura extensão contra as minhas costas.

— Hum, não, não está. — Concorda, depositando alguns beijos no meu pescoço. — Preferia não ter essa conversa, mas já que literalmente bateu no portão esta manhã, não temos outra opção. Entenda que não vou esconder nenhuma merda e isto não é diferente, mas não quero começar isso com algo desagradável.

— E o que exatamente estamos começando? — Pergunto.

— Não comece com joguinhos agora, Melissa. Baby, você sabe tão bem quanto eu que "você e eu" está acontecendo. Isto não é só um prazer barato. Você sente isso, mas se precisar que a lembre, basta me avisar.

— Sim, talvez quando tiver terminado de me contar sobre sua saída hoje de manhã.

— Certo. Loira da boate e da igreja ontem? Aparentemente, quando disse que o único que ela alguma vez foi para mim, um número no meu telefone, não fui suficientemente claro. Ela apareceu esta manhã, e quase provocou um ataque do coração no porteiro da manhã com suas merdas. Eu a lembrei, uma vez mais, que nunca teríamos nada e que nunca seríamos algo.

— Suponho que as unhas não faziam parte do seu fim de jogo? — Viro e me ajoelho diante dele. Com uma mão no seu queixo, movo sua cabeça para ter uma melhor visão dos arranhões vermelhos na pele. — Você precisa de uma vacina contra raiva?

Estou tão ocupada olhando as marcas e verificando se necessita de antibiótico ou algo mais, que a profunda risada rouca que sai dos seus lábios me pega com a guarda baixa. Me movo um pouco, me acomodando, antes que meus joelhos possam causar sérios danos à sua virilidade.

— Não, baby. Nada de injeções. Embora se você quiser brincar de enfermeira, não vou discutir.

— Cale a boca. — Sorrio. — Sério, você precisa que eu dê uma surra nela?

— Jesus, você está falando sério agora mesmo, não é? — Ele relaxa visivelmente quando vê que, de fato, oferecerei um bom golpe ou dois na prostituta. — Baby, já resolvi isso. Se você a vir, nem sequer se aproxime dela. Se não estiver ali, me ligue. Posso dizer que não acredito que ela vai ser um problema, mas depois da sua pequena aparição hoje de manhã, não estou muito seguro do que vai fazer em seguida. Posso prometer a você que, de maneira nenhuma, me entendeu mal desta vez.

— Espero que sim. Não compartilho. Não esqueça.

— Não esqueça? Jesus, você me mata. Agora, venha aqui, me dê um beijo e me faça sentir melhor.

Envolve os braços ao redor da minha cintura e me puxa para perto. Nossos lábios se unem e respondo imediatamente a este homem. No momento em que termino de "fazer ele se sentir melhor", tem mais água no piso, do que na banheira. Mas saio daquela banheira com uma imensa satisfação por uma ex psicopata não ter arruinado a manhã.

13

Melissa

Fiel à sua palavra, passamos o domingo inteiro aninhados um no outro. As vezes que conseguimos sair para tomar um ar e nos alimentar, terminaram com um sexo mais incrível ainda, em lugares aleatórios da sua casa. Não quero que o dia termine, mas com a manhã de segunda chegando mais rápido do que desejo, sei que tenho que voltar para casa.

— Fique — murmura contra o meu pescoço quando tento sair da cama. Estou dolorida em lugares que nunca ficaram doloridos antes. É a melhor sensação.

— Não posso. Tenho que estar no trabalho às sete. — Estou tentando, sem sucesso, deixar o casulo quente do sexo.

— Saia de manhã — responde, enquanto desliza a mão pelo meu corpo, até os lábios úmidos. — Fique.

— Greg, sério. Não posso ficar, tenho que dormir um pouco para poder dar conta do trabalho.

Seus dedos param de se movimentar e, em segundos, estou de costas, com o corpo duro sobre o meu. — Você volta amanhã? — Os olhos azuis estão avaliando os meus e não há nada além de uma promessa não dita refletida neles. — Vamos, Bela. — Seus quadris começam a se esfregar contra os meus. A cada empurrão para a frente, o piercing que atravessa seu pau acerta meu clitóris e envia choques através do meu corpo, energizando minha pele e aquecendo meu sangue. — Se não vai ficar, ao menos tem que se despedir da maneira correta.

Esse homem... é glorioso derrubar alguns pontos na escala do seu ego. Ver seus olhos brilharem quando dou um forte empurrão e, em seguida, pulo em cima dele, não tem preço.

— O que você tem em mente? — Pergunto, esfregando o sexo inchado contra o corpo rígido. — Quer um beijo de boa noite?

— Sim, Bela, me dê um beijo de boa noite e talvez deixe você ir. — Com uma risada que é muito alta, inclusive para os meus ouvidos,

deslizo as mãos pelos braços musculosos e os coloco em cima da sua cabeça. — Não se mexa.

Me inclinando, deslizo as mãos pelo peito duro, deixando linhas vermelhas onde as unhas passam sobre a pele quente. Forte o suficiente para não ferir, mas para fazer com que sinta o ardor. — Pronto para o seu beijo? — Está perto de perder o controle e isso me encanta pra caralho. Sem dar nenhuma advertência das minhas intenções, rastejo para cima do seu corpo. Levanta uma sobrancelha escura enquanto me ajoelho perto do seu ombro. — Me beije, baby — digo, me virando e me acomodando, aproximando os lábios da minha boceta da sua boca, e com a minha, envolvo firmemente o pau pulsante.

Me inclino levemente quando sinto as mãos grandes agarrarem meus quadris e me puxarem para perto da sua boca, os dedos afundando na minha pele para se assegurar de não perder o agarre.

— Você não está seguindo as regras — brinco.

Dá uma mordida afiada na minha boceta, afastando a boca o suficiente para falar e grunhe: — Fodam-se as regras. Diabos, seu gosto é muito bom.

Quando aproxima os lábios novamente e os mantém lá, gemo como uma prostituta e levo meus lábios de volta ao seu pau. Os piercings me atrapalham por um segundo, até que aprendo a lidar com eles e, mais importante, de uma maneira que ele gosta. Quando passo a língua no aro que atravessa a ponta, ele geme. Quando coloco os lábios ao redor de ambas as perfurações e giro a língua, todo seu corpo estremece e ele grunhe contra o meu clitóris. Quase voa da cama quando o tomo profundamente, até o fundo da garganta, quase engolindo a ponta.

— Porra! — Grunhe contra a minha pele, virando a cabeça e mordendo minha coxa. A única coisa que faz é alimentar meu desejo. O levo tão profundamente quanto posso, antes de o deslizar lentamente pela minha boca. — Meliiiiii... — sua voz vai sumindo e, alguns segundos depois, sentindo os abdominais musculosos contra os meus seios, coloca a boca no meu centro úmido mais uma vez e ataca.

Continuamos duelando um contra o outro por uns bons dez minutos, desafiando silenciosamente o outro a gozar primeiro. Mas quando ele move uma das mãos que me segura firmemente e desliza um dedo levemente pela minha bunda, sei que não vou demorar muito. Desliza os dedos em ambas as extremidades, até que os afunda

CAGE

profundamente. Somente com umas penetradas profundas, estou gozando contra a sua língua. Levanto a cabeça e grito alto.

— Você... Deus... merda. — Ele sorri ligeiramente contra a boceta pulsante e, antes que eu possa levar a boca novamente para o seu pau, me vejo voando pelo ar e sendo virada de costas em segundos.

— Não posso ir devagar, baby; você me deixa excitado demais.

— Camisinha, Greg.

— Porra. Quero sentir você. — Sei o que ele queria dizer; adoraria senti-lo nu, também.

— Você vai se assegurar que aquela Barbie vadia não passou nenhuma doença venérea nojenta para você, então será mais que bem-vindo, mas não até que comprove isso. Não é negociável, Greg.

Resmunga enquanto se estica até a gaveta que caiu no chão em algum momento do dia, espalhando as camisinhas pelo quarto, pega uma e, em um instante, está me penetrando com força.

Desenfreada seria uma boa palavra para descrever a maneira como gozamos juntos. Nossa pele escorregadia pelo suor, se chocando em

CAGE

harmonia. Unhas arranhando a pele e dedos cravados profundamente. Lábios colidindo e soltando gemidos, enquanto se moviam.

Foi mágico.



— Tem certeza que precisa ir? — Pergunta, nu e espalhado na cama. Meus olhos percorrem a pele nua, desejando não ter que ir embora, mas sabendo que é necessário. Sinto a conexão, mas sei que estamos indo muito rápido. Um pouco de distância vai ser uma coisa boa. Quem sabe, talvez despertaríamos de manhã e nos perguntaríamos que diabos estávamos fazendo. Duvidoso, mas podia acontecer.

— Sim. Tenho algumas coisas para fazer hoje à noite e tenho que ir ver o Cohen amanhã.

— Sobrinho, certo.

— Oh, meu Deus! Você está com ciúme de uma criança? Essa é boa. — Irrompo em gargalhadas quando ele olha para o outro lado, claramente envergonhado por seu ciúme.

— Venha na terça-feira. Podemos jantar ou algo assim — fala, depois de alguns momentos em silêncio.

CAGE

— Talvez — sorrio para ele e subo o zíper nas costas do vestido. Nada como usar a roupa do dia anterior. — Eu ligo para você.

— Melissa, baby... isso parece um maldito fora — passa a mão pelo cabelo e me olha nos olhos. — Não torne esta merda tão difícil; esta conexão que temos não vai a lugar algum.

— Foda-se. — Ele sai da cama e caminha até mim. É difícil lembrar as razões para querer que isso continue sendo somente sexo. Simplesmente incrível, malditamente sexy, quando para na minha frente, completamente nu. — Não vou deixar que continue fugindo quando isso parece tão bom. — A voz dele soa firme e forte.

— É impossível ter uma conversa séria quando o seu pau está balançando por todo o lugar. Poderia colocar uma calça? — Ele segue simplesmente observando meu rosto com aquele olhar abrasador, se negando a deixar que a minha lamentável tentativa de mudança de assunto funcione. — Você me assusta — sussurro.

Seus olhos perdem a dureza e o olhar exigente suaviza imediatamente. — Bela — sussurra em resposta — só nos dê uma oportunidade. Não se joga uma conexão como a nossa no lixo. Apenas tente.

Em momentos como esse, momentos em que tudo o que não quero ser é a pessoa mais forte, juro que posso ouvir minha irmã falando comigo. Gritando para eu *viver*. Implorando para que eu pare de deixar a *sua* vida e os *seus* erros criem barreiras para a minha felicidade. Para ser dona da minha própria vida e não deixar que alguém tire isso de mim.

— Sim... posso tentar.

— Terça-feira? — Pergunta novamente.

— Terça-feira — repito.

Estaciono no complexo de apartamentos e permaneço sentada no carro assimilando o exuberante estilo "gueto" da minha vida. Odeio morar aqui. Depois de ter passado o último dia no mundo do Greg, este é o último lugar no qual quero estar. Estou bastante segura que há um sem teto dormindo na esquina do meu prédio e também estou bastante segura que o apartamento em frente ao meu está servindo como um armazém massivo de drogas.

CAGE

Com um profundo suspiro, me arrasto para fora do carro e caminho na direção do meu apartamento. Passando o inconsciente e bêbado homem deitado nos arbustos e pela porta do vizinho que cheira como uma fábrica de maconha, amaldiçoo minha situação financeira enquanto bato a porta e fecho as sete trancas. Não sou paranoica, apenas inteligente.

Sem nenhuma surpresa, a luz da secretária eletrônica está piscando; estou espantada pelo fato do telefone de casa não estar tocando incessantemente. Percebi, tarde demais no sábado, que havia deixado o celular em casa. Com uma mãe como a minha, não é algo que você queira fazer. Depois de ter perdido Fia, ela tende a entrar no modo enlouquecido quando não consegue falar comigo depois de algum tempo.

Lanço as chaves e a bolsa sobre o balcão, antes de apertar o botão da máquina e me preparando para ouvir poucas e boas.

— Meli-Kate, onde você está, menina? Cohen sente sua falta. Me ligue, menina. — A voz da minha mãe faz eco através do ambiente, me fazendo sentir um pouco de culpa por não estar em casa quando ela ligou.

CAGE

—Meli-Kate, onde você está? Me ligue. — Nem sequer uma hora mais tarde.

— Meli, menina? Por favor, me ligue... você sabe que ficarei preocupada — ao menos esperou até a noite de sábado para falar isso.

Mais cinco mensagens e a crescente preocupação no seu tom de voz me fez alcançar o telefone, até que a última mensagem começa se reproduzir. Suas palavras me imobilizam imediatamente.

— Melissa. Menina, eles começaram outra vez. Não sei onde você está, mas enviaram outra carta. — Desliga. Não precisa dizer mais nada, porque sei exatamente de *quem* está falando e sei exatamente *quem* eles querem.

— Merda — falo entre os dentes, voltando rapidamente ao telefone, e ligo para a minha mãe.

— Menina, onde você esteve? — Deixa escapar. Nem sequer um toque completo e tem o telefone nas mãos.

— Jesus, mãe, eu disse que tinha o casamento da minha amiga e não estaria por aqui este fim de semana.

CAGE

— Eu sei, eu sei. Sinto muito, mas você tem que carregar seu celular com você. — Inspira profundamente e parece segurar a respiração durante horas, antes de falar apressadamente. — Eles estão de volta, Meli.

— O que diz a carta dessa vez? — Pergunto.

— Susan afirma que, com a minha velhice e você trabalhando muitas horas para dar conta das despesas do Cohen, ela deve ter a custódia exclusiva. Afirma que o testamento de Sofia era incorreto e que Simon jamais teria estado de acordo com isso, independente do fato da sua assinatura estar no documento.

— Como ela pode argumentar que aquele filho de uma cadela não estava de acordo, quando Fia tinha toda a papelada apropriadamente elaborada? Ela não era estúpida, mãe. Sabia o que aconteceria se Susan colocasse as mãos sobre ele.

— Eu sei. Não vai parar facilmente, Melissa. Ela o quer. Não sei por que está tão decidida, quando o melhor que posso dizer, é que ela não se preocupou com a conduta do próprio filho. Provavelmente por isso acabou louco e possuído. — Posso sentir que ela está começando a perder a paciência.

CAGE

— Não vai conseguir — prometo. De maneira nenhuma, maldição, eu o pegaria e sairia correndo para o México mais rápido do que ela pudesse piscar.

— Você vai vir amanhã? Preciso te ver; ele precisa te ver. Me sentiria melhor com a minha menina em casa, comigo.

Sorrio, mas sem humor.

— Certo. Direi ao Dr. Shannon que não posso ficar até tarde e irei jantar.

— Te amo muito, Meli-Kate.

— Também te amo, mãe.

Essa noite, pesadelos sobre a vida da Fia, sua sogra louca e sombras roubando meu sobrinho, me perseguem até a luz do amanhecer se filtrar através das persianas. Meu fim de semana feliz e o homem que se infiltrou no meu coração em tão pouco tempo, são esquecidos.

CAGE

14
Greg

Nos últimos dois anos, observei uma das pessoas mais importantes da minha vida encontrar a si mesma e, logo depois, encontrar o amor. Depois disso, comecei a duvidar de tudo que achava que estava bem na minha vida. Um relacionamento nunca foi algo que desejei; estava feliz em passar meu tempo com vadias como a Mandy.

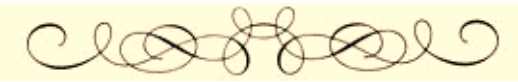
Bom, isso podia ser um exagero. Sem dúvida a tinha julgado mal, por tempo demais, caralho. Ver Izzy e Axel se reencontrarem e derrotarem tanta coisa para ficarem juntos, me fez desejar o que eles têm. Quero alguém que me veja como prioridade, alguém para quem voltar para casa e alguém com quem ter filhos. Estou pronto e, pela primeira vez na minha vida, tenho uma mulher com a qual sinto que essas mudanças valem a pena.

Não vou tão longe para afirmar que foi amor à primeira vista, mas tenho certeza que foi uma ereção à primeira vista. Embora esse filho de uma cadela não tenha um gosto muito selecionado, então não posso confiar somente nisso.

Na primeira vez que ela abriu a boca e começou a mostrar seu temperamento, soube que ela valia a pena. Ela não será fácil. Sei que está indecisa em começar algo e estou disposto a apostar que não foi somente porque alguém a machucou. Quando me contou sobre sua irmã e descobri com quem ela estava ligada, eu soube... soube que, qualquer que fosse o problema que ela tivesse, era por causa daquele filho da puta.

Simon Fodido Wagner.

A razão pela qual já não tenho Grace ao meu lado é a mesma fodida razão pela qual ela não tem a sua irmã. Sou homem o suficiente para admitir que me preocupa o que vai acontecer quando ela descobrir essa conexão.



A manhã de segunda-feira chega rápido pra cacete. Passei a noite abraçado ao travesseiro que ainda tinha o cheiro da minha Bela. Cada vez que o aroma de baunilha atinge o meu organismo, é como um sinal

direto para o meu pau cumprimentar os céus. Cada sonho é sobre ela. Como os olhos azuis soltam faíscas, com fogo e desejo. Como se arregalam e se perdem quando ela goza. E quando ela não parece estar assustada, me olha fixamente como se soubesse que guardo todas as respostas.

Sim, fui oficialmente fisgado.

Um sinal claro da minha distração é não ter percebido a presença do Sway quando estaciono na frente da Corps Security. Estou ocupado imaginando a Melissa inclinada no balcão da minha cozinha, mas quando levanto o olhar e vejo o Sway acenando como um idiota, a ereção com a qual estava lidando a manhã inteira, sofre uma morte súbita.

Que caralho?

Nos poucos anos que conheço este homem, descobri que é tão imprevisível quanto possível. Mas a visão que encontro esta manhã não se parece com nada que já tenha visto antes. Lá estava ele, parado na calçada, usando uma daquelas apertadas calças camufladas, que as garotas usam. Aquelas que fazem um homem rastejar por todo lado para seguir sua bunda ao redor do mundo, mas, neste homem, poderiam me aterrorizar por toda a vida. Se isso não for suficiente, a brilhante blusa

cor de vinho abraçando o estômago redondo podia render umas boas gargalhadas. Então, percebo o que está fazendo.

— Sway? Por que você está pintando a calçada? — Pergunto, baixando o olhar para a lata de tinta dourada *brilhante*. — Caralho, isso é glitter?

— Não comece com essa postura sexy de macho alfa, Gregory. Claro que é glitter! Você não pode pintar uma calçada de dourado sem glitter! — Ele está falando sério, balançando a cabeça da direita para a esquerda, acenando com as mãos para todos os lados.

— Isto é sério? Porra, você está pintando a calçada de dourado? Axel sabe sobre esta merda?

— Claro que sabe, meu rei da sensualidade. Não seja um bundão. Na verdade, não importa, querido, seja um bundão... só deixe eu apreciá-lo. — Começa a sorrir como um bobo e tudo o que posso fazer é olhar ao redor, e notar a explosão do glitter do caralho.

— Sway, meu homem, você não iria saber o que fazer comigo — ele fica sério imediatamente, e me xingo por incentivá-lo. — Esqueça que eu disse isso. Me diga, *por que* você sente a necessidade de jogar glitter por todo maldito lugar?

— Porque, meu pedaço de lindeza, glitter faz com que todos se sintam felizes! — Quando começa a dançar ao redor da calçada pintada, tenho que ir. Há um limite de Sway que posso lidar quando está se comportando assim. Pode parecer uma piada, mas esse homem é o merdinha mais engraçado que já conheci.

— Certo. Você sabe quem ama glitter? — Pergunto, notando que Coop está estacionando seu Jeep. — Coop ama glitter. Por que não vai dar a ele um bom dia que alegrará seu dia, Sway? Até vou segurar o pincel para você.

— Ohhh! Agora mesmo, senhor Toneladas de Sexo! — Se inclina, pega um punhado de glitter e corre através do estacionamento, tão rápido quanto seus saltos permitem. Posso ver os olhos do Coop se arregalarem quando percebe o homem correndo a toda velocidade para ele.

Neste ponto, não poderia parar de sorrir nem se tentasse. No segundo em que Coop sai do Jeep, Sway ataca, lançando o glitter no ar, e gritando "Bom dia". Quando salta nos braços do Coop, temo que possa machucar alguma coisa, rindo tão forte quanto estou.

— Bom dia, imbecil! — Grito para Coop e entro.

— Que diabos está acontecendo lá fora? — Beck pergunta, dando um passo para frente, até a janela frontal. Quando vê Coop tentando se soltar do Sway, lança a cabeça para trás e sua gargalhada explode no ambiente, fazendo com que Emmy salte na cadeira atrás da mesa da recepção.

— Vocês são tão imaturos — a escuto falar entre os dentes.

— Se anime, Em, ainda é segunda-feira... cedo demais para isso.

— Quando vejo o olhar nos seus olhos, que grita claramente "não se meta comigo", me apresso a ir para o escritório e faço uma nota mental para descobrir o que está pesando em sua mente.

A primeira coisa que preciso fazer é ligar para o bastardo do Derrick. Dando a volta na mesa do meu escritório, largo o corpo na cadeira e escuto suas pernas protestarem, antes de pegar o telefone e discar o número que nunca esqueci. Depois de tudo, quando você o disca durante quase dois anos, não esquece essa merda com facilidade.

— Johnson — diz com voz impaciente.

— Derrick — meu tom é letal. Este mentiroso sabe que não sou um homem que ele deve irritar.

— C-Cage — gagueja, pigarreia e fala novamente. — Cage, como posso te ajudar?

— A primeira coisa que você pode fazer é me dizer se esqueceu, convenientemente, de mencionar que Simon e Sofia Wagner tiveram um filho, um filho que está bem vivo?

— Merda — murmura, o pânico tomando conta do falso tom despreocupado.

— Com merda, espero pra caralho que isso significa que deve ter perdido o cérebro e o bom senso? Não acredita que isso seria algo, acho eu, que a pessoa que assina seus malditos cheques para investigar aquele bastardo, deveria saber? — Minha voz alterada deve ter alertado o Axel que alguma merda está acontecendo. Antes mesmo de terminar de falar, ele está entrando, fechando a porta e sentando na minha frente.

— Olha, Cage. Cara, não pensei que fosse grande coisa. O garoto estava bem. Isso irritou os pais dele, mas foi para a casa da mãe da garota. Tudo terminou bem.

O grunhido que sai da minha garganta é suficientemente selvagem para assustar qualquer filho da puta. — Esse garoto tem um nome, babaca. É melhor me enviar todos os arquivos do caso. Hoje. Não

importa se tiver que alugar uma fodida bicicleta e pedalar até aqui. Uma hora. Quero tudo o que você não compartilhou comigo um ano atrás! — Bater o telefone violentamente devia me dar alguma satisfação, mas a raiva que ferve dentro de mim continua aumentando.

— Você quer falar sobre isso? — Axel pergunta.

— Você quer me dizer por que está aqui, quando deveria estar em casa com a sua esposa? — Mudar o assunto parece uma decisão inteligente, devido à quantidade de raiva com a qual estou lidando.

— Tente ficar em casa quando é atacado a cada dois segundos! Aquela mulher é insaciável. Nunca pensei que precisaria de um descanso, mas meu pau está cansado, cara.

— Deus meu, idiota. Poderia não falar sobre essas merdas comigo?

— Você perguntou. — Ele solta uma risada.

— O caralho que perguntei. Perguntei porque você está aqui, não por que seu pau não está funcionando.

CAGE

— Certo, chega de falar da minha esposa. Agora, quer me dizer o que foi tudo isso? — Todo humor abandonou seu rosto. Posso dizer que está preocupado.

— Sabe a amiga da Izzy, a enfermeira do médico do Nate?

— Sim, o que aconteceu com ela? — Pergunta, me olhando como se eu tivesse feito algo errado. — Jesus, não me diga que fez dela o seu novo brinquedo.

— Porra, *não* a chame de brinquedo — falo entre os dentes. Seus olhos se estreitam diante do tom da minha voz, e até poderia rir se ainda não estivesse chateado pelo comentário de "brinquedo".

— Está bem. Quer explicar essa merda? Nunca te vi tão pronto para mijar no lugar inteiro para marcar território. — Deixa escapar uma risada e levanta as mãos.

Realmente quero falar sobre isso com o Axel? Claro, de nós cinco, ele seria o único com experiência para me dizer o que tenho que fazer, mas deixar ele saber o quanto fui fisgado por uma garota que conheço há pouco tempo, é muito diferente.

— Nada para contar, ainda.

— E “ainda” significa que você a levou para casa, depois do casamento. Deixe eu adivinhar. Passaram o fim de semana juntos. Decidiu que quer correr ao pôr do sol e ter cachorros que latem para o carteiro. Talvez, se tiver sorte, encontrar uma liga de boliche que se reúna todas as sextas. Que caralho, homem, essa merda de timidez nem parece com você.

— Foda-se, babaca! — Agarro um pacote lacrado de folhas A4 e sorrio quando ele acerta a sua cabeça. — Você mereceu isso.

— Tanto faz, caralho. A Izzy vai chutar o seu traseiro por querer bagunçar a minha perfeição. — Lança o pacote de volta à mesa e me dá um daqueles olhares silenciosos de “melhor começar a falar”. Jesus Cristo. Está a ponto de se transformar no Dr. Phill[14]. — O que está acontecendo, G? Está taciturno desde que o Nate nasceu. Sei que aconteceu alguma coisa com aquele filho da puta com o qual a sua irmã

[14] Phil McGraw é um psicólogo dos Estados Unidos que se tornou conhecido do grande público ao participar do programa da Oprah Winfrey como consultor de comportamento e relações humanas. É conhecido por Dr Phil.

CAGE

foi casada, mas nunca quis conversar. Então... agora vai ter que falar sobre isso.

— Quer que eu chame a minha vagina para esta conversa? — Sarcasmo pingava das minhas palavras. Preciso desabafar, mas, porra, isto é constrangedor. Poucas pessoas sabem detalhes da Grace. Bom, devia dizer, do "depois" da Grace. Axel me disse, várias vezes, para superar isso, para viver a vida que Grace queria para mim... mas não consigo. Preciso ver Simon encarar a justiça. Não ia receber a justiça que eu teria escolhido, mas ainda estou rezando para ele apodrecer no inferno.

— Não precisa ser um babaca, Greg. Só quero saber como posso ajudar. — Se reclina na cadeira e posso dizer que fala sério. Axel receberia um sermão da Izzy por não me ajudar, mas, o mais importante, ele é família. E família ajuda família.

Com um profundo suspiro, começo a contar a história. — A irmã dela foi casada com o Simon. Não tinha certeza até esta manhã, mas depois da ligação para o Derrick, tive. A pior parte, não sei como vai lidar com a situação quando eu disser que podia tê-lo impedido, mas não o fiz. — Apoio a cabeça nas mãos e dou um suspiro profundo. — Podia

tê-lo parado e ela não teria perdido a irmã. Nem lidar com toda essa merda, Ax.

— Depois de um longo período de silêncio, ele fala e posso afirmar pelo tom da sua voz, que acabo de deixá-lo surpreso. — Nem sei dizer qual a parte mais fodida de tudo isso. O fato que existe essa desastrosa conexão entre vocês ou que esteja realmente se culpando por toda a merda que aconteceu. Você sabe, tão bem quanto eu, que não havia nada que pudesse ter feito com aquele bastardo. Você não tinha nenhuma prova, Greg. Nada. Você não pode seguir se culpando por algo que não podia controlar.

— O inferno que não podia! Podia ter acabado com ele há muito tempo, e você sabe disso.

— E depois, o quê? Passar o resto da vida na cadeia? Você sabe que Grace não ia querer essa vida para você, Greg. Sabe que ia querer que você fosse feliz. — Seus olhos mostram aquele olhar que ele dá para Izzy, quando se fecha em si mesma. O olhar que ela mostra ao recordar que quase morri para salvá-la. A mesma coisa que devia ter sido capaz de fazer por Grace e Sofia. Odeio ser a pessoa que recebe esse olhar.

CAGE

— Como devo dizer para ela que não somente sei quem é o pai do seu sobrinho, mas que tentei e falhei em encontrar alguma coisa que o fizesse ser preso antes de ferrar outra mulher? — Frustração não chega nem perto do que estou sentindo neste momento. Sei que o que encontrei com Melissa é algo que vale a pena explorar, e seria amaldiçoado se deixasse que o Simon ferrasse com tudo isso, do seu túmulo.

— Não conte para ela agora, homem. Você acabou de conhecê-la, e se o relacionamento ficar sério, precisa saber se vale a pena. Porque você sabe que, não importa o que falar, não vai encarar muito bem. Ela precisa te conhecer, primeiro. Mas não deixe que isso continue por muito tempo, Greg; será pior e pode ser que não tenha conserto.

— Eu entendo, mas não gosto da ideia de começar algo novo sobre uma base que não é sólida. — Me reclino na cadeira e olho nos seus olhos. — Sinto muito, Ax, esse é um tipo de conexão que não se pode ignorar. E eu quero isso.

Seus olhos se arregalam levemente, mas antes de poder falar, ouvimos uma agitação na parte da frente.

CAGE

— Que diabos houve com você? — Escutamos um grito na frente do escritório, seguido pela voz do Coop, no corredor.

— Cala a boca! — O tom letal do Maddox corta o silêncio.

O panorama que Axel e eu encontramos quando chegamos na recepção, me faz lutar com a minha própria gargalhada.

Maddox Locke está parado, todo o seu metro e noventa parecendo irritado e desgrenhado. A melhor parte é a pintura dourada e o glitter que cobrem cada centímetro do seu corpo, do cabelo até as botas.

— Você está ridículo — gargalho, sem conseguir me controlar.

— Você disse ao Sr. Felicidade da porta ao lado, para fazer uma calçada dourada lá fora? — Começa a caminhar na minha direção e percebo que está mancando levemente, o que absorve meu bom humor no mesmo instante.

— Você está bem? — Ele ouve a minha pergunta, mas me ignora e desvia para o seu escritório.

Olhando para Axel, ele nota minha preocupação e sai, para se assegurar que está tudo bem com Maddox. Podia ser divertido, mas diante de toda sua seriedade, todos ficamos preocupados com ele.

Olhando para Coop, para garantir que toda a sua merda está controlada, vejo que está seguindo Axel até os fundos.

— Em, menina, onde está o Beck? — Ela levanta o olhar e não posso deixar de notar a dor nos seus olhos. — Em? O que está acontecendo?

— Nada, Greg. Estou bem. Beck saiu uns cinco minutos antes do Maddox chegar. Ia checar uns casos — diz. Pigarreia para limpar a garganta e seus olhos me imploram para parar, implorando para eu não fazer mais perguntas.

— Emmy. Você conhece a minha história e sabe que estou aqui para apoiar você, então, por favor, me diga o que tirou o seu sorriso. — Os caras têm prazer de fazer piada do quanto pareço o pai dessas garotas, mas quando chega a hora, não posso suportar o pensamento de que alguém a esteja machucando. Fiz uma promessa a mim mesmo, alguns anos depois de perder Grace, depois de vários anos de descuido e abandono imprudentes, que nunca permitiria que algo acontecesse a outra mulher em minha vida.

— Na verdade, não é nada. Ok? — Suspira. — Vamos dizer que se tornou dolorosamente claro que nunca serei o que *ele* quer. — Não

precisa falar mais nada para saber que *ele* é o primeiro e único, Maddox Locke. A pobre garota tem passado maus momentos por causa dele há muito tempo.

— Emmy, você sabe que não é nada com você, certo? — Dou a volta na mesa e me ajoelho na frente dela, girando a cadeira para poder olhar nos olhos dela. — Às vezes, não há nada que possamos fazer, não importa quão puro seja o seu coração, para limpar a escuridão do passado de alguém. Ele carrega tanta merda que poderia, até mesmo, ofuscar a sua luz, menina. Deixe para lá e só o apoie se ele te pedir, ok? — Não me sinto bem com o fato dessa doce e inocente mulher ter colocado seus olhos no Maddox, aquele que batizamos de "sombrio" há anos.

— Entendo, Greg. É que não é fácil. — Observar a solitária lágrima escorrendo pelo olho dourado é penoso. Lentamente, ao longo dos meses, ela passou do sorriso livre e tímido para ser tão estoica quanto Maddox.

— Nada que valha a pena é, menina. — Quando minhas próprias palavras me acertam na cara, percebo que, para fazer as coisas aconteceram com Melissa, vou ter que engolir essas palavras.

15

Greg

Assim que as coisas se acalmam no escritório, é muito mais fácil tratar dos meus negócios. Minha irritação com o Derrick não atenuou nem um pouco, mas sei que tenho que manter a mente focada. Nem sequer trinta minutos depois da minha ligação, Derrick entra correndo no edifício com uma caixa cheia de arquivos. Estou bastante seguro que o idiota mijou nas calças quando entrou no meu escritório e encontrou não só uma pessoa irritada, se deparou com mais duas. Coop e Axel não têm problemas em ficar sentados aqui e lançar suas vibrações para o idiota.

Levo uma boa hora folheando os arquivos e percebo que me equivoquei, e muito, ao confiar nele. Não somente foi relapso nas informações que me transmitiu, mas também falhou em mencionar quão ruins tinham estado as coisas na casa do Wagner. Encontro cinco

idas para o hospital, sem incluir o nascimento do filho, que nunca soube que existia, quatorze visitas da polícia oriundas das ligações feitas pelos vizinhos, que terminaram apenas com Sofia Wagner lhes dizendo que tudo estava perfeitamente bem. E a cereja do bolo é a última ligação do Derrick, que falhou em mencionar o filho encontrado dormindo bem no andar acima dos seus pais mortos.

— Porra — falo entre os dentes, fechando o último arquivo de merda sobre a minha mesa. — Você acredita nesta merda? — Pergunto ao Maddox. Desde que comecei a estudar minuciosamente os arquivos, foi o único que ficou no prédio, suficientemente estúpido para aguentar minhas merdas. — Como pude ter estado tão cego diante desta merda? Sou o responsável por pedir que este idiota investigasse, para me deixar ciente de *tudo*, e consigo meias verdades e muita merda escondida debaixo do tapete.

— Você foi enganado. Não pode se culpar pelas escolhas que ele fez. Tinha merda suficiente nas mãos, com Izzy, Axel e aquele filho da puta do Brandon. — Ele termina levando o olhar para o último arquivo que lancei para ele e se reclina na cadeira, esfregando o joelho esquerdo distraidamente.

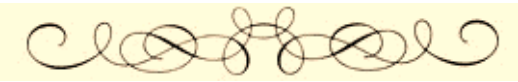
CAGE

— Você está bem? — Pergunto, apontando para o seu joelho.

— Certo, pare de falar sobre isso. Estarei retirando esse glitter do meu cérebro por anos. — Posso afirmar que há mais alguma coisa, mas sei que não devo pressioná-lo.

— Estou aqui, se quiser conversar. E deixe de ser um filho da puta, ok? Não vou me meter nas suas merdas, mas já chega, e você sabe muito bem de quem estou falando aqui. Agora, de volta à esta confusão. O que faço com isto?

— Mantenha isso para você, até que saiba mais sobre esta garota. Não há necessidade de abrir velhas feridas, a menos que saiba que vale a pena ser o apoio que ela vai precisar. — Se levanta e caminha na direção da porta. Quando se vira e encontro os olhos negros, pela primeira vez em anos, vejo um pouco de compaixão neles. — Seja como for, você merece um pouco de paz, irmão. Ela também pode ser o apoio que você precisa. — E com isso, vai embora.



Fico no escritório por mais algumas horas verificando alguns casos nos quais preciso trabalhar um pouco, checando aqueles que precisam da minha atenção, e só assim consigo não pensar na Melissa

por alguns segundos. Não é fácil, quando tudo o que consigo me lembrar é do final de semana que passei com ela. Basta um segundo para o rosto dela se infiltrar na minha mente e minha calça ficar apertada. Dizer que penso bastante nela seria o mesmo que dizer que o sol é uma estrela pequena.

Decidindo que não me importo nem um pouco com o que vou demonstrar ao ligar tão cedo, pego o celular e pressiono em cima do ícone com o nome dela.

Depois de alguns toques, ouço sua voz sem fôlego e meu coração acelera no mesmo instante.

— Alô?

— Melissa — Deus, apenas a sua voz é suficiente para limpar toda a merda do dia.

— Greg. — Podia estar imaginando coisas, mas estou bastante certo que sussurrou o meu nome e isso é suficiente para o meu ego explodir. Sim, ela pode ser boa em tentar manter distância, mas não está tão inalterada quanto, inicialmente, queria que eu acreditasse.

— Tem sido um longo dia, menina e só estamos na hora do almoço. Fuja comigo e vamos comer alguma coisa.

CAGE

— Isso seria bem melhor que os planos atuais. Não posso sair hoje, Greg. E não tenho certeza sobre amanhã. — Se não fosse pelo pesar na sua voz, poderia achar que estava me dispensando.

— O que está acontecendo, Melissa?

— Nada com que você precise se preocupar, apenas algumas questões familiares. — Sei que é cedo e não ganhei sua confiança ainda, mas essa merda me incomoda um pouco. Não posso evitar. É assim que eu sou e quero ajeitar as coisas para ela.

— Você sabe que pode se abrir comigo. Entendo que não queira que me intrometa nos seus assuntos até me conhecer melhor, mas, se precisar conversar, não me deixe de lado.

Há um longo silêncio e quase posso ouvir as engrenagens da mente dela girando através do telefone. — Eu sei. Só preciso lidar com isto, ok?

Pode ser que eu não goste, mas por enquanto, vou conceder isso a ela. — Ok, Bela... por enquanto.

— Você é tão frustrante, Greg Cage — pelo menos o sorriso e a leveza com os quais a deixei, retornam.

— Quero ver você logo e não vou aceitar um não como resposta. Resolva seu assunto familiar, mas me ligue amanhã. Se não souber de você amanhã, então irei até você. Almoço, jantar ou até mesmo café da manhã, diabos.

— Está bem, está bem. Vou ligar para você amanhã e informar o que está acontecendo. Assim está bom para você? — Espertinha sedutora.



O dia seguinte não é muito melhor para a minha sanidade. Caminhar para o trabalho sobre uma calçada dourada é quase suficientemente cômico para ter começado o dia positivamente. Mas entrar no escritório e encontrar Emmy chorando, Coop frustrado por não saber nada de mulheres ou como ajudá-las, Beck preocupado e consolando Emmy e Maddox socando e fazendo buracos na parede do seu escritório, não é um bom presságio para um bom começo.

Me sinto dividido entre a necessidade de proteger Emmy e seu amor puro e inocente por um homem que não pode aceitá-lo, e um homem que tem sido meu irmão há vários anos. Conheço o passado e sei que isso não vai melhorar tão cedo.

Com o Axel finalmente fora pelo resto da semana, toda merda pesada cai direto sobre os meus ombros. O melhor que posso fazer é providenciar que a Emmy fique bem. Ela se acalma quando a puxo de lado e relembro nossa conversa anterior. Eu a compreendo, de verdade a entendo. Alguns de nós são colocados nessa terra para curar, para tornar a vida de outras pessoas mais brilhantes, mas quando essas pessoas não querem nossa ajuda, nosso amor? Sentimos isso profundamente. Não importa o que eu diga, não vai fazer diferença para ela, mas esse clima de discórdia no escritório precisa acabar.

Depois disso, parece o rescaldo de um incêndio. Temos casos com problemas, computadores estragando e Maddox continua com aquela merda distribuir socos no seu escritório. Se soubesse que ia ver a Melissa hoje, quase podia aguentar essa porcaria, mas não saber se isso vai acontecer só faz meu mau humor aumentar.

No meio da tarde, não consigo mais aguentar e finalmente ligo para ela. A chamada cai no correio de voz e deixo uma mensagem rápida, para me ligar. Sua mensagem de texto em resposta, é curta e direta: "**Não posso hoje, vários assuntos familiares**", e isso faz com que o meu estômago revire. Não há razão para isso, mas meu instinto nunca me

CAGE

decepciona. Alguma coisa está acontecendo e não posso a ajudar sem saber *o que* está acontecendo.

A sensação de não ajudar é nova para mim. Nos quase cinco últimos anos, tenho sido o apoio, a pessoa a quem recorrer, a força para ajudar as pessoas, e isso quase me faz sentir que estou fazendo algo que deixaria a Grace orgulhosa de mim. Algo muito melhor do que todos aqueles anos em que desperdicei meu tempo, vivendo de bebida e das prostitutas no caminho.

Quero ser essa pessoa para Melissa, e está me matando que ela não permita isso. Minha mente continua dizendo para eu ser, é muito cedo, e quem confia tanto em alguém, depois de uma semana? Mas meu coração, porra, meu coração está dizendo que passe por cima dela, agora, e exija que me deixe entrar.

Louco, eu sei... mas quando você sabe, você sabe. Ela é uma mulher que vale o esforço e, se meu instinto está correto, pode ser a única que vai curar as feridas que carrego há tanto tempo.

Quando meu telefone toca bem na hora de fechar e vejo o nome de Melissa na tela, meu coração pula. Como uma pequena vadia, quase

CAGE

salta pela minha boca. Uma semana e já estou envolvido a esse ponto, merda.

— Sentindo a minha falta? — Esperando receber algum tipo de reposta descarada ou pelo menos um olá, o suave soluço que chega através da ligação, faz meu coração afundar. — Melissa? O que aconteceu? — Pegar minhas chaves sem nem saber onde precisam de mim é uma reação instintiva. Alcanço a porta, acenando para os outros, e deixo o lugar. — Baby, onde você está?

Ela demora alguns minutos para se controlar, e quando fala, o tom da sua voz não é de tristeza. É de pura raiva. — Vou matar aquela puta, Greg. Meu carro pode ser uma merda para algumas pessoas, mas é *meu*, e é importante para *mim*. Claro que é um pedaço de merda, mas é MEU pedaço de merda!

Neste ponto, tenho que parar. Apesar da necessidade primordial de chegar até ela e consertar o que quer que seja que acaba de acontecer, diabos, não posso fazer nada até descobrir sobre que caralho ela está falando.

CAGE

— Baby, estou tentando descobrir sobre o que você está falando exatamente, então pode me dar mais alguns detalhes? — Inclino a cabeça e tento aliviar um pouco da tensão no meu pescoço.

— Certo. Me permita explicar isto de uma maneira que você possa entender. Sua pequena perseguidora? Estou achando que, talvez, você não tenha sido claro o suficiente com ela, quando terminou as coisas. Gostaria de achar que te conheço bem o suficiente para saber que não está brincando comigo ao se empenhar tanto para fazer com que me abra. Então imagine a minha surpresa quando ela apareceu no meu trabalho soltando suas merdas!

Jesus Cristo. — Diga que você está brincando, Melissa.

— Você acha que eu ia ligar agora mesmo para vir consertar essa merda se não estivesse falando sério? — Grita através da linha, quase me fazendo derrubar o telefone.

— Onde você está?

— No trabalho, sabe, no meu trabalho, onde tem crianças e famílias e todas essas vibrações de famílias felizes? Sim, essas vibrações que foram para o caralho quando a sua perseguidora entrou no meu trabalho gritando sobre a grande puta que eu sou por acabar com o seu

CAGE

relacionamento! ENTÃO, quando finalmente a retiro do meu local de trabalho e tenho algum tempo para me acalmar, vou lá para fora e a encontro CORTANDO MEUS PNEUS com uma maldita faca! Então, como não posso dirigir com os QUATRO pneus cortados, ainda estou no trabalho.

Como não previ *isso*? Bom, talvez não isso, mas a fodida Mandy e suas merdas do caralho.

— Chame a polícia, baby; estarei aí em quinze minutos. E, Melissa?

— O quê? — Grunhe.

— Pode ser que não seja o melhor momento para falar sobre isso, mas todo este fogo e atitude que está lançando para mim? Baby, você me deixou tão excitado que será um milagre não te foder no segundo que meus olhos encontrarem os seus.

— Você é uma besta, Greg Cage.

Podia não ter sido apropriado, mas quando escuto a risada dela antes de desligar, sei que fiz alguma coisa certa hoje.

16
Melissa

Não há necessidade de negar. Desde que saí da casa do Greg, domingo à noite, tenho estado no paraíso. Nem sequer a merda que a avó paterna do Cohen está fazendo conosco, consegue diminuir minha euforia. Estou estressada, mas só porque a minha mãe está me deixando assim.

Susan começou a mandar cartas de novo e, logo em seguida, começou a ligar. E então tivemos o prazer de vê-la batendo na porta da minha mãe, perto das três horas da manhã.

Um pequeno histórico sobre Susan Wagner é útil. Susan Wagner é uma vadia branca, alcoólatra e drogada. Tem tantas multas por dirigir alcoolizada, que já não tem permissão para conduzir, mas isso não a faz parar. Tenho certeza, até mesmo, que tem algumas doenças venéreas. E quando lança seu sorriso assustador, parecido com o de uma bruxa

CAGE

perversa, tudo o que você vê são suas gengivas. A única coisa boa que Simon Wagner fez na sua vida, foi se assegurar que Cohen ficasse com a minha mãe, se alguma coisa acontecesse com ele. Por mais ferrado que ele fosse, ela era um milhão de vezes pior.

Portanto, não somente meu sono muito necessário é interrompido por um telefonema desesperada E me faz ir até a casa da minha mãe para lidar com Susan em sua explosão de embriaguez, mas, agora, tenho que lidar com uma louca "fora da casinha".

Quando me encontro sendo retirada, literalmente empurrada, da sala de exames por um furioso Dr. Shannon, a última coisa que espero encontrar é a garota que se transformou na minha sombra desde que Greg começou a mostrar interesse por mim. Exceto que, desta vez, perdeu toda a perfeição cuidadosamente elaborada. Ela parece descuidada. Aquela aparência perfeita que vi em outras ocasiões, se foi. Puf! E no seu lugar está uma completa estranha. Lembra um daqueles cachorros abandonados que se vê nos becos da cidade. Aqueles que lutaram pelo último pedaço de carne por tanto tempo, que nem sequer sabem distinguir uma pedra de uma migalha. Aparentemente, Greg é o pedaço de carne nesta equação.

CAGE

— Sua vadia fodida! — Grita a plenos pulmões na sala de espera cheia de pacientes. Não apenas pacientes, mas também pais e crianças de todas as idades. Diante do seu ataque de loucura, crianças pequenas começam a se assustar, os maiores demonstram curiosidade e os pais, irritação. Já posso dizer que isto não vai terminar bem.

Perco a conta dos xingamentos que ela grita do outro lado da sala de espera. Escuto vadia mais algumas vezes, destruidora de lares (que me deixa atordoada), mas vagabunda é o que me faz explodir. Faço o que tenho que fazer, e isso é contornar o balcão da recepção, agarrar seu braço ossudo e a levar até a porta. Nenhuma palavra sai dos meus lábios, mas a esta altura, estou fervendo de raiva e sei que, no segundo em que os abrir, entrarei na "Terra da Loucura" com ela.

Abro a porta da frente e a empurro para fora com todas as minhas forças, olhando com prazer quando tropeça nos saltos altos e cai de bunda no chão. Abre a boca para começar outro ataque de vômito verbal, mas, com uma calma letal, pronuncio um firme "não" e fecho a porta.

— Faço a caminhada da vergonha até os pacientes e me desculpo excessivamente pelo incidente. As crianças parecem já ter esquecido a

CAGE

mulher louca e rapidamente voltam sua atenção para o filme da Disney que está passando, mas os pais me olham com uma expressão que não pode ser descrita como nada mais que desprezo.

Quando entro novamente no consultório, Dr. Shannon está esperando. Tenho uma caixa colocada nos meus braços, e um "caia fora, você está despedida", antes dele se virar e se afastar.

— Não pode me despedir por causa das ações de outra pessoa! Isto é ridículo! — Exclamo atrás dele.

— Aí é onde você está errada, Melissa. Você trouxe essa bagunça para o meu consultório e causou uma cena bem grande, que agora tenho que limpar. Esvazie o seu armário. Enviaremos seu último cheque pelo correio.

Demoro alguns minutos para entender que, na verdade, não perdi somente o meu trabalho, mas também, a única fonte de renda que mantém a cabeça da minha mãe, do meu sobrinho, e a minha própria, acima das águas turbulentas. Estou ferrada. Nem sequer posso descrever de quantas formas estou ferrada neste exato momento, porque esta cadela aqui está afundando.

Limpo rapidamente meu armário, agarro minhas coisas, e digo à Brenda, a gerente, que ligarei para falar sobre o comportamento do Dr. Shannon. Ela parece chateada, mas ambas sabemos que seria inútil continuar discutindo com ele.

Quando caminho pela porta da frente em direção ao estacionamento e vejo Mandy apunhalando freneticamente os pneus do meu carro com uma faca, perco a cabeça. Em retrospectiva, pode não ter sido o movimento mais inteligente partir para cima de uma mulher com uma faca grande, mas, diabos, já estou farta disso.

— Maldita louca de merda! — Grito, vendo seu olhar se tornar vacilante. Jogando minha caixa no chão, encurto rapidamente a distância entre nós, me inclino e arremesso seu traseiro no chão. Minha mente não registra a dor aguda no meu braço para pensar nisso. Agarro a mão que segura a faca e a bato no chão; vejo seus olhos se arregalarem e encherem de água por causa da dor. Ela afrouxa o aperto e, rapidamente, arremesso a faca para longe com a outra mão.

— Sua estúpida e patética merdinha! Não tenho certeza do que você acredita que teve com o Greg, mas para ele já terminou. Quer que

CAGE

eu acredite que é algo especial para ele, mas, querida, você esquece que ele já deixou claro que está farto de você.

— Ele é meu! — Grunhe. — Você nunca o terá!

— Oh, é aí que você se engana. Já o tenho. — Sorrio docemente, mas quando seu rosto se retorce naquilo que só posso descrever como perturbação no mais alto nível, sei que ela está além de qualquer razão.

— Verdade? Bem, ele esteve na *minha* cama essa noite, e cada noite antes dessa! Pode ser que se divirta com você, mas sempre volta para mim.

— Você é louca. — Me movo para me afastar dela, então ela se levanta, agarrando meu cabelo e me jogando no chão. Minha cabeça bate no asfalto por um segundo, mas não longo o bastante para evitar que ela puxe a minha cabeça e a bata no chão novamente.

Sem me preocupar com o fato de que está puxando o meu cabelo, reajo e soco meu punho no estômago dela. Seu aperto afrouxa instantaneamente. Em seguida, dou um soco no seu rosto e vejo os olhos dela desfocarem, antes de cair no chão.

— Oh, meu Deus! Melissa! Você está bem, querida? — Me viro e vejo a Brenda sair correndo pela porta do consultório com um celular

CAGE

pressionado na orelha. — Chamei a polícia, eu vi tudo. Oh, meu Deus, oh, meu DEUS!

— Estou bem, Brenda, juro. Me dê um minuto, ok? — Me levanto, dou alguns passos e faço a chamada que, para mim, é mais importante que chamar a polícia, neste momento. Não só porque a bagunça é dele, mas não posso negar que vou me sentir melhor com ele aqui.

Depois de uma rápida ligação para ele, que faz a minha pressão sanguínea subir novamente, desligo e não consigo evitar o sorriso que aparece no meu rosto.

Sim, eu o quero aqui, não só pelo desastre, que posso afirmar é por causa dele, mas o quero aqui porque ele me faz feliz. E pela primeira vez, há muito tempo, estou aceitando essa felicidade sem o medo de que alguma coisa vá arrancá-la de mim.

A polícia chega e pega as declarações da Brenda e a minha. Já que a "Barbie" ainda está desmaiada na frente do meu carro, chamam uma ambulância para levá-la até o hospital. Felizmente, o estacionamento tem câmeras de segurança, então me informam que vão obter as

gravações da segurança e entrarão em contato comigo se tiverem alguma outra pergunta. Brenda está atônita quando digo para eles que não vou prestar queixa. Este é um assunto meu e não vou mudar de opinião. Se ela quiser fazer mais merdas, que faça; estarei esperando, da próxima vez.

Para minha desgraça, Greg chega quando o paramédico está limpando o ferimento no meu braço, causado pela faca. Não é grave, mas há tanto sangue cobrindo o meu braço, que basta um olhar para mim e ele enrijece. Posso afirmar que a fúria o atingiu com força.

Se aproxima com duas passadas largas, observa meu rosto com atenção e seus olhos passam por cada centímetro do meu corpo, se assegurando de não deixar passar nada.

— Você não me disse que ela te feriu. Não me falou que ela te atacou. — Não parece estar chateado comigo, mas, ainda assim, decido que é melhor ir com cuidado.

— Creio que essa podia ser uma avaliação correta da situação, mas, tecnicamente, eu a ataquei. — Seus olhos, que tinham estado grudados na atadura branca na minha pele, se erguem até os meus e

CAGE

percebo o humor que aparece brevemente, antes da preocupação retornar.

— Perdão? — Pergunta.

— Bom, uma coisa que você precisa saber sobre mim, é que não vou ficar de braços cruzados e deixar que alguém ferre a minha vida. Ela estava ferrando com o meu carro, portanto, me ferrando. Isto foi dez minutos depois de fazer com que me demitissem, e falou tanta merda no consultório, que duvido que encontre trabalho por alguns anos. Então, sim... é seguro dizer que a ataquei.

— Ok. Não estou certo do que fazer com *isso*, mas podemos voltar a esse assunto depois. Você está bem?

— Greg, estou bem. A faca só encostou por um segundo no meu braço, não é nada mais que uma ferida superficial. — Sorrio para o rosto atraente e trato de aliviar um pouco da raiva que ainda posso sentir emanando dele. — Se te faz sentir melhor, parece muito pior do que é.

Ele encara meu olhar por alguns poucos minutos, antes de soltar uma risada profunda. — Não estou muito entusiasmado por vê-la machucada, bela. Terminou por aqui? O que acha de irmos para a minha casa e me colocar em dia com o resto do que acabou de contar, hein?

— Sim, Greg, isso parece muito bom.

Brenda entrega a minha caixa que, até esse momento, tinha esquecido por completo, e depois de esperarmos o guincho para levar a minha sucata, vamos para a casa dele. No caminho, ligo para a mãe, para informar que tive alguns problemas com o carro e que estaria lá amanhã. Sei que meus problemas ainda estarão me esperando amanhã de manhã, mas, neste exato momento, preciso disso. Preciso do Greg. Espantosamente, pensar que necessito de outra pessoa, não me aterroriza.

CAGE

17
Greg

Depois da ligação rápida, desliga o celular e cai no sono em segundos. Não demora para sua cabeça se apoiar no meu ombro e seu braço se entrelaçar no meu. Inferno, ela podia arrancar o membro se isso a fizesse se sentir melhor.

Quando cheguei no consultório do pediatra e a vi sentada na calçada *sangrando*, quase perco a cabeça. Não sou estranho à sensação esmagadora de ser protetor. Mas nunca a senti com tanta intensidade. Nunca cada centímetro do meu corpo tinha enrijecido por causa da fúria, em segundos. Não tenho a mínima dúvida, depois disso, que ela é minha. E, a julgar por quão rápido seu corpo buscou o meu enquanto dormia, ela também sabia disso. Sua mente, simplesmente, não entrou em sintonia com o seu coração e o seu corpo.

Aceno para o Stan ao atravessar o portão. Escolher o caminho mais longo através do condomínio me dá alguns minutos extras com ela apoiada no meu corpo. Me dá mais tempo para desfrutar da sua confiança.

Quando paro na frente da minha casa, ela ainda não me solta. Desligo a caminhonete e me afasto dela, antes de ir até o seu lado do carro. Fico parado por alguns minutos, apenas olhando para ela. Deslizar os dedos levemente sobre o curativo no braço traz tudo de volta à minha cabeça, e o aperto no meu coração se intensifica um pouco mais. Eu causei aquilo. Talvez não diretamente, mas na minha cabeça, é a mesma coisa e isso está me matando.

— Bela — Murmuro, acariciando levemente o seu cabelo. Seus olhos piscam algumas vezes antes de encontrarem os meus. — Venha, vamos entrar e descansar um pouco? — É cedo, nem mesmo está perto da hora do jantar, mas se descansar a faz se sentir melhor, mais segura, então estou bem com isso.

— Estou bem, só precisava de uma pequena soneca revitalizante. — Tem a voz rouca pelo sono, o que faz com que lute comigo mesmo

para afastar o desejo. — Está bem, então vamos nos acomodar e você pode me contar os detalhes, ok?

— Claro, baby. — Sei que ela acabou de acordar e, provavelmente, nem percebeu o que acabou de dizer, mas essa palavra atinge diretamente o meu coração. Atravessa todo o meu corpo e o enche de emoção. Eu devia estar preocupado; por outro lado, a mulher tem o poder de nivelar o meu mundo.

Caminhamos para dentro e nos acomodamos. Sentando no sofá, não dou tempo para que ela sequer pense em se sentar em qualquer outro lugar do cômodo. Eu a puxo pela mão e a coloco no meu colo. A envolvo com os braços e solto um suspiro de alívio.

— Me conte os detalhes, baby?

Ela olha nos meus olhos por alguns minutos, com que propósito, não sei, mas deve ter encontrado o que buscava, porque começa sua história. Não é fácil de escutar, mas, porra, estou orgulhoso dela por se defender. Quando para de falar, não consigo dizer nada. Tenho que manter a ira sob controle e a vontade de fazer *algo*.

— Não prestou queixa? Por favor, Melissa, diga que escutei errado? — Levanta o olhar até o meu, um pouco confusa por causa do

meu tom. — Não estou chateado com você, baby. Só estou tentando adivinhar por que não prestou queixa contra ela.

— Eu só quero que ela suma. Não a conheço e sei que tiveram algo, mas isto é demais.

A mão que estava acariciando sua coxa, para. — E você vai deixar que esta merda se interponha entre nós?

— Não disse isso. O que eu disse é que é demais. Perdi meu trabalho por culpa dela, Greg. Meu trabalho e o sustento da minha família, tudo por causa da sua companheira de foda.

— Baby, entendo que é uma merda das grandes, mas você tem que entender que eu não era um santo antes de te conhecer. Não era perfeito, nem sequer estava perto disso, mas essa merda com a Mandy terminou quando nós começamos. Não que houvesse algo para terminar, mas deixei claro, no casamento, que tínhamos encerrado. Deixei claro, mais uma vez, quando apareceu no portão fazendo mais merda. Não sei o que está se passando na cabeça dela, mas vou descobrir. Não quero que você se preocupe com ela.

— Acredito em você. De verdade, mas isso não muda o fato que, hoje, perdi muito mais que um pouco da pele do braço. — Me encolho quando lembro de quão perigosa foi a situação hoje.

— Deixe que eu cuide disso, baby.

— Como você vai cuidar disso? — Franze a testa e seus olhos brilham com uma mistura de confusão e incredulidade.

— Primeiro, você vai deixar que eu lide com a Mandy, mas ainda quero uma ordem de restrição para ela. Segundo, conheço pessoas na cidade. Acabo de fazer uma instalação de segurança para alguns consultórios médicos bem no final da rua. Deixe eu fazer uma ligação para ver se estão precisando de funcionários. Terceiro, me deixe entrar. Apenas me deixe entrar, Bela.

O silêncio que nos rodeia enquanto ela assimila minhas palavras, é pesado. Não quer me deixar entrar. Eu sei, mas isso não significa que vou parar até que, pelo menos, deixe provar que a mereço.

— Meli, baby — sussurro. — Acredite quando digo que tenho vivido uma vida que me permite saber quando vale a pena lutar por algo. Apenas um olhar para você, e soube que valia a pena. É novo, eu sei, mas também sei que você sente isso.

— Sinto — sussurra — eu sinto e isso me aterroriza.

— Por quê? O que assusta você, baby? Me diga para que eu possa ajudar.

— Você não entende. Quando perdi Fia, algo dentro de mim mudou. Sempre fui a cautelosa da família. Mamãe é incrível, mas é fraca. Fia era igual. Deixavam os homens as pisotearem e sempre disse que não seria como elas. Nunca precisaria de um homem. Meu pai era um merda. O que lembro dele não é bonito e vi minha irmã reviver esse pesadelo sem poder ajudá-la. Por anos, tenho me divertido, mas nunca deixei algum homem entrar. Greg, você tem o poder não somente de entrar, mas de me destruir se voltar atrás.

— Não posso fazer promessas, Bela. Não posso me sentar aqui e dizer que vale a pena baixar suas defesas para eu entrar. Mas posso dizer que, se o que sinto por você continuar crescendo, não há defesa forte o bastante para me manter afastado. Esperei muito tempo por alguém que valesse a pena, e parece tão louco quanto soa? Um só olhar, baby... só um olhar, e mesmo coberto pelo vômito do Nate, não conseguiu apagar a beleza que me nocauteou.

Ela sorri baixinho, mas ainda me olha como se estivesse preocupada que eu pudesse desaparecer no próximo segundo. — Quero estar aqui. Só que muitas coisas estão acontecendo. Agora isto, nós, e tudo o mais que está acontecendo ao nosso redor, sem nenhum tipo de controle. Não sei simplesmente como deixar para lá.

— Me deixe entrar. — Peço de novo.

— E-eu não sei como. — Parece um animal enjaulado tentando escapar. Sei que ela quer isso, quer muito me deixar entrar, mas realmente não sabe como.

— Você não tem que ser forte o tempo todo. Deixe que eu faça isso, Bela. Permita que eu seja o seu apoio. Permita que EU lute. Pelo amor de Deus, me deixe ser quem você precisa.

A cada palavra que saía dos meus lábios, seus olhos se arregalavam mais. Inferno, nem sequer sei de onde estão vindo, mas preciso que ela entenda. Preciso que esteja na mesma página que estou, antes que eu perca a mim mesmo por alguém que não me ama.

— Minha mãe tem a custódia do Cohen, o filho da Fia, mas só porque, devido a todas as horas que trabalho, torna impossível que eu fique com ele. Passo o máximo de tempo possível com ele, mas ainda

CAGE

não é o suficiente. Mamãe já tem uma certa idade, mas consegue cuidar dele. Ela não trabalha porque, bem... já tem uma certa idade. E, embora consiga cuidar dele, não significa que o faz sem dificuldades. Meu salário banca tudo, por isso moro em um apartamento de merda no meio do gueto. Cohen e seu bem-estar levam tudo. *Não* pense que isso é uma reclamação. Daria tudo para essa criança. — Faz uma pausa e olha nos meus olhos por alguns segundos, antes de voltar a olhar para a minha mão, que descansa na sua perna. Eu a aperto levemente e ela continua: — Simon, o ex da Fia, era um verdadeiro babaca. Já falei dele antes, mas embora tenha morrido, ainda sinto como se estivesse ferrando a minha família. A mãe dele, Susan, tem aparecido no último ano, tentando pegar o Cohen. Ela tentou pela rota legal, mas não há um único jurado no mundo que daria a ela a custódia ou, inclusive, o direito à visita. Infelizmente, é do pior tipo de ser humano.

Estou bem informado sobre Susan Wagner. Mas não vou deixar que ela saiba, neste exato momento. Está acabando de me deixar entrar, está começando a derrubar suas defesas e a confiar em mim. De jeito algum vou estragar tudo agora.

CAGE

— Bem, enfim. Está fazendo drama. Ligando, enviando cartas e aparecendo. É inofensiva, mas irritante, e assusta o Cohen. Foi com isso que estive lidando no domingo. Tentando manter a minha mãe calma e evitando que Cohen ficasse sabendo.

— Você acha que ela vai causar problemas? — Pergunto.

— Não. Quero dizer, sim, por enquanto, mas acredito que simplesmente tem saudades do filho, ou melhor dizendo, da ideia do seu filho. Ela não gosta do Cohen, só *não* quer que fiquemos com ele.

— Parece razoável, baby; mas não gosto que tenha que lidar com isto sozinha.

— Não estou sozinha — diz, com um pequeno sorriso nos lábios.

— Não, Bela... definitivamente não está.

Ficamos sentados por algum tempo, em silêncio, enquanto permitíamos que o outro entrasse, quando sua voz quebra o silêncio. — Me fale sobre a Grace.

— Você está tentando mudar de assunto? — Sorrio, mas estou muito feliz que queira saber mais sobre mim.

— Só quero saber mais sobre você, tudo de você, inclusive sobre essa besta que você parece soltar quando está perto de mim. — Sorri e apoia a cabeça no meu ombro.

— Grace era incrível. Éramos melhores amigos e a sombra um do outro, durante toda nossa vida. Não aceitou muito bem quando me alistei, mas sabia que era o que eu queria. Nosso pai fez carreira nos Marines e eu sabia, antes mesmo de saber andar, que era o que eu faria. Era o homem mais corajoso que já conheci, até que o perdi. Ela sabia o significado de o carregar na memória. Conversávamos tanto quanto podíamos, mas não era o suficiente. Conheci seu noivo quando fui para casa, em uma folga, e não gostei do bastardo. Falei isso para ela, mas estava tão apaixonada que não houve nada que eu pudesse fazer. Foi a única vez em que estivemos em desacordo sobre algo. Casou com ele logo depois que parti. Com apenas vinte anos e pronta para segui-lo pelo mundo todo, se ele pedisse. — Respiro fundo e lembro do bonito sorriso e dos seus olhos violetas. — Você a teria adorado. Era muito parecida com a Dee, sempre alegre. Imagine quando recebi a ligação. Desnecessário dizer que não aceitei bem. Fui até o fundo do poço. No segundo em que pude cair fora, deixei os Marines, o único sonho que tive, e sumi. Axel e os caras, maldição, minha própria mãe, ninguém

soube onde eu estava por dois anos. Conheci um cara na estrada, que me ajudou a resolver minhas merdas, voltei para casa e montei minha própria empresa. O resto, como costumam dizer, é história.

— Melhora com o tempo? Perder a sua metade? — Pergunta. Sei o que ela quer dizer. Grace era a outra metade da minha alma e suponho que sua irmã era a dela.

— Sim, baby, melhora. Nunca é fácil, mas melhora.

— Isso é bom. Não quero que doa mais — sussurra.

— Estando por perto, vou me esforçar para garantir que nunca mais sinta dor. — Levanta a cabeça do meu ombro, se vira levemente, segura meu rosto entre as mãos e apoia a testa dela na minha.

—Você é um bom homem, Greg. Se me der mais tempo, pode ser que me apaixone por você.

— Esse é o plano, Bela — sussurro e tomo seus lábios, enviando uma mensagem que, espero, mostre o quanto quero ser merecedor do seu amor.



Quando puxo Melissa do sofá e a guio para o andar de cima, até o meu quarto, sei que vamos fazer mais do que apenas incendiar os lençóis. Isto se trata de comunicação sem palavras, que precisa ser mostrada e não dita, dando a ela o que precisa de mim, e me assegurar que ela "sinta" isso. Não sou nenhum virgem envergonhado, mas, ainda assim, sinto a pressão de garantir que vai ser algo para ficar na história.

Quando chegamos no meu quarto, eu a puxo para perto e inclino os lábios sobre os dela. Simples e lentamente, faço amor com a sua boca.

Esta é uma conjunção lenta. Ficamos parados ali, nossos braços envolvendo um ao outro, e apenas desfrutamos. Nenhum de nós tem pressa, mas ambos estamos necessitados. Lentamente nos revezamos em tirar a roupa um do outro e, quando ambos estamos nus, ficamos parados, nos contemplando mutuamente. A pele dela é imaculada,

brilhando com um bronzeado natural. Seus peitos fazem minha boca se encher de água e meu pau saltar. Aquelas pernas, minhas bolas se contraem só de admirar as pernas longas. Sei que a parte de trás é tão bonita quanto a da frente; ela é pura perfeição e beleza.

— Você vai continuar me devorando com os olhos, baby? — Lá está, mais uma vez, e desta vez está bem acordada.

Baby.

Estendendo a mão e segurando sua cintura, recebo um suspiro entrecortado e sorrio para ela, antes de voltar meus lábios aos dela. Ainda vagarosamente, desfruto do beijo lento e cheio de desejo.

Minhas mãos, que descansam bem em cima da bunda dela, fazem uma lenta viagem para baixo, até que tenho ambas as nádegas nas minhas mãos. Com um apertão, a levanto e sou recompensado no mesmo instante, quando suas pernas envolvem os meus quadris. Meu pau salta diante do contato com o seu calor úmido.

Não digo nenhuma palavra quando começo a caminhar até a cama, continuando com o assalto à sua boca. Ela está agarrada tão fortemente ao meu corpo que não há espaço para o ar, entre nós. Meu corpo está no modo piloto automático. Não preciso que a minha mente

CAGE

diga ao meu corpo o que fazer. Anseio por ela, portanto, é uma reação instintiva. Ficamos sem nos ver por apenas dois dias, caralho, e parece que é um ano.

Deitando-a suavemente, começo a afastar meus lábios dos seus, mas ela me aperta com os braços e as pernas, e o gemido baixo que emite dispara direto no meu pênis. Ele está latejando e me pedindo para penetrá-la, mas isso tem que ser sobre ela.

Quando finalmente consigo soltar sua boca, levanto o olhar e posso ver a luxúria brilhando intensamente, mas por trás dela, juro que quase vejo adoração. Não duvido que esteja refletindo a mesma coisa, mas nunca acreditei que veria isso tão rápido no olhar da minha Bela.

— Tão linda — sussurro, deslizando os dedos para baixo, pela lateral do seu rosto, pescoço e seus ombros. Meus olhos seguem a minha mão, enquanto passeia por sua pele. Me apoiando de lado, levo a mão até o seio dela. O mamilo rosado se arrepia e implora pela minha boca, mas simplesmente deslizo os dedos sobre a pele macia. Sua respiração vem em ofegos agudos, sua pele formiga com arrepios e, quando seguro o mamilo entre meus dedos, dando um puxão suave e um beliscão, ela arqueia as costas contra a cama e a respiração rápida ecoa no quarto.

Meu pau podia estar em sério perigo de explodir mais cedo, se não acelerasse as coisas, mas não conseguia me afastar dela. Ela olha para mim, os olhos arregalados, e logo depois desse olhar atordoado, ela goza.

Me movendo levemente, tomo o outro mamilo na boca, girando a minha língua e afundando as bochechas quando chupo com força. Ela tem um sabor delicioso; cada parte da sua pele é apetitosa.

Movo a mão, até que encontro a pele nua e molhada da sua boceta. Um gemido irregular sai da minha garganta quando sinto quão pronta ela está, e empurro o pau duro como uma rocha contra sua coxa, tentando aliviar um pouco a pressão.

— Caralho, a minha garota está pronta para mim — falo contra o seu seio. — Sempre pronta para mim.

— Ela murmura algo ininteligível antes de agarrar a minha nuca e empurrar seu peito novamente para a minha boca. Sorrio suavemente contra a pele antes de envolver os lábios ao redor do broto entumecido e o chupar profundamente, dando tudo o que quer. Desta vez, não contenho nada. Meus dentes mordiscam, minha língua lambe, gira e, quando fecho os lábios em volta do botão rígido e sugo, ela grita.

— Tão bom, baby — ela sussurra.

Me movo para o outro lado e dou ao outro seio um pouco mais de atenção, fazendo com que aperte a mão no meu cabelo. Quando empurro profundamente os dedos dentro dela, sua boceta se estreita com um aperto tão feroz que mal consigo mover os dedos para fora. Esfrego o clitóris com o polegar e curvo os dedos enquanto pressiono suavemente, o que faz com que o gemido dela soe mais alto. Ela puxa minha cabeça para trás e, com um olhar, sei que está pronta. Minha garota me quer e não tem receio de me avisar.

— Ainda não — sussurro, me erguendo para encontrar seus lábios. Eu os devoro, dando tudo de mim mesmo a cada entrelaçamento das nossas línguas e empurrão dos meus dedos. Quando acerto aquele ponto que nunca falha em fazê-la gozar, se afasta da minha boca e grita meu nome tão alto, que fico impressionado que as janelas não tenham quebrado.

Espero ela se acalmar e me olhar com aquele olhar lânguido, antes de tirar os dedos de dentro dela e os lamber lentamente, vendo seus olhos se arregalarem e seus lábios se curvarem levemente.

Girando na cama, alcanço o outro lado e pego algumas camisinhas na mesa de cabeceira, e nesse tempo todo, seus olhos não me

CAGE

abandonam. Ou, devo dizer, nunca abandonam o meu pênis, o qual, tenho certeza, a esta altura, já está roxo. Quando volto para o seu lado e paro entre as suas pernas separadas, seus olhos ainda não deixaram minha rígida ereção. Largo todos as camisinhas, exceto uma, sobre a cama e tomo o pênis na mão. Seus olhos piscam enquanto observa eu me tocar, mas quando a ponta da língua rosada aparece rapidamente e lambe os lábios, não tenho dúvida que estou a dois segundos de distância de gozar no seu estomago liso.

Rasgando a embalagem da camisinha, trabalho rapidamente para colocá-la em afundar. Pela primeira vez na minha vida, desejo poder possui-la sem essa proteção. Entendo suas preocupações, que é a razão pela qual vou à clínica, na primeira chance que tiver, na segunda-feira. Por sorte, o médico, que é um velho amigo, prometeu resultados para o fim da semana. Graças a Deus; mal podia esperar para tomar a minha mulher, sem nenhuma barreira.

— Deslize um pouco para trás, baby. Seremos criativos mais tarde, mas nesse exato momento, quero conseguir olhar nos seus olhos quando a penetrar. — Ela não perde nem um minuto em deslizar para trás, até que a sua cabeça quase fica pendurada na beira. Sem fechar as pernas,

seus olhos já não seguem o meu pênis. Estão suplicando para os meus, implorando que eu me apresse.

Subo e me ajoelho entre suas pernas, desfrutando o seu olhar de entrega sem hesitação. Seus olhos nunca deixam os meus, enquanto me inclino para frente e estabilizo meu peso sobre o corpo dela. Tomando o pênis na mão e esfregando seu centro molhado, um ofego agudo me recompensa cada vez que meu piercing bate no seu clitóris. A melhor aposta, diabos, que alguma vez já aceitei, foi colocar os piercings no pênis. Ela ama, e não é tímida ao fazer com que eu saiba disso, a cada ofegada e gemido que abandona seu corpo. Mal posso esperar para a sentir sem a camisinha que está entre nós.

Me inclino para baixo e me apoio em um braço ao lado das costelas dela, mantendo seus joelhos separados e pressionando o pênis no seu calor. Beijando seu estômago antes de depositar mais beijos ao longo do caminho até o seu pescoço, lentamente alcanço sua orelha. Mordendo-a levemente, murmuro minha aprovação quando ela move os quadris, tratando de empalar o meu pau. Me inclino e sustento seu olhar, enquanto empurro somente alguns centímetros dentro dela. Que se derrete, não há outra palavra para descrever, ela simplesmente se derrete

na cama, ao mesmo tempo que a empurra com os pés para acelerar a minha entrada.

Paciência, baby, sinta-o. — Não há jeito desta conexão entre nós ser perdida. Não é surpresa ter me tornado um caso perdido, no segundo que trocamos olhares. Ela também sente isso e não há dúvida disso, quando empurro dolorosamente devagar, em seu corpo. Seus olhos se expandem a cada centímetro e meus quadris se acomodam contra os dela. Suas pernas se prendem nas minhas costas, onde enterra os saltos. Suas mãos serpenteiam ao redor das minhas costas e suas unhas arranham minha pele quando movo os quadris e o piercing esfrega seu clitóris.

Me inclino para frente e a beijo profundamente, antes de recuar e descansar meu rosto contra o dela. Só então, começo a deslizar para fora lentamente, até quase perder o seu calor. Quando empurro novamente para dentro, ao mesmo tempo devagar, ela trata de enterrar os saltos nas minhas costas outra vez, implorando que eu me apresse.

— Seja paciente, baby, deixe eu te amar. — Seus olhos se arregalam e um soluço fica preso na sua garganta. — Deixe eu te mostrar. Sinta isso, Bela.

Melissa

Oh, meu Deus. Ele acabou de dizer isso? Não posso nem sequer entrar em pânico completamente, porque ele está certo. Não há nada sobre isto que não grite amor. Seu olhar está deslumbrado com isso, seu toque e o modo como adora o meu corpo atestam o fato de que isto não é nada, além de fazer amor. Isso deveria me aterrorizar, deveria correr, mas não posso. Ainda que pareça imprudente, não há nenhum jeito de desconectar a mim mesma deste homem, física ou mentalmente. Ele tem razão; posso sentir isso. Certo ou errado, sem levar em conta o quanto estou aterrorizada, lamentarei para o resto da minha vida se não explorar isto.

— Eu sinto, baby — respondo, sem fôlego.

Ele parece chocado, a princípio, que eu esteja expressando minha concordância. Um sorriso, tão amplo que os cantos dos seus olhos enrugam, toma conta do seu rosto e seus quadris voltam a baixar, antes dele falar: — Sim, baby, parece um sonho, mas é tão bom que nunca mais quero acordar.

Oh, Deus.

Não tenho nenhuma vontade de resistir a ele, quando se abre assim.

Seguimos olhando nos olhos um do outro. Nossos lábios estão separados por centímetros e nosso fôlego baila a cada respiração. Meus dedos apertam os músculos firmes nas suas costas e minhas pernas o mantém fortemente junto a mim. Quando atinge meu clitóris outra vez, sei que levarão apenas alguns segundos antes de perder o controle. Posso sentir meu orgasmo se formando, crescendo, e dominando o meu corpo lentamente, como um cobertor quente. Laços de prazer se soltam no meu ventre, um formigamento dança pela minha coluna, e minha pele aquece a ponto de doer.

— Tão... perto, tão perto — sussurro contra os seus lábios. Ele empurra outra vez e gira os quadris, fazendo com que a barra do piercing esfregue o meu clitóris inchado. O orgasmo me acerta com uma força tão potente que grito, arranho suas costas e me contorço contra ele como uma louca desenfreada. Jesus, este homem faz coisas com o meu corpo, que nunca havia sentido.

Ele segue se movendo devagar, enquanto minhas costas arqueadas repousam na cama, me olhando com os olhos ardentes.

— Sim. Você sente isso, baby — diz, com uma voz tão cheia de tensão, que sei que está se esforçando bastante para manter o controle. — Magnífico.

Ele abaixa a cabeça no meu ombro e a descansa ali durante alguns segundos, enquanto continua a tortura lenta e rítmica. Esfrego as mãos para cima e para baixo nas suas costas, desfrutando dos grunhidos suaves que vibram contra o meu peito.

Olhe para nós, baby. — Seu pedido parece estranho, até que levanta a cabeça do meu ombro e repete: — Olhe para nós. Veja eu te amando.

Seguindo seu olhar para baixo, onde nossos corpos se unem, meus olhos contemplam o membro grosso enquanto estica o meu corpo para o receber. Seu pênis está empapado com meu gozo e, cada vez que desaparece profundamente no meu corpo, o piercing acaricia meu clitóris. Observamos durante alguns minutos, mas quando o prazer se torna intenso demais, minha cabeça empurra contra a cama, enquanto meus olhos reviram, e me pressiono contra ele outra vez. Gritando seu

CAGE

nome através do quarto e o escutando ecoar nas paredes, meus gritos se misturam ao seu próprio grito de liberação.



Ficamos deitados, tentando voltar à realidade, pelo que parecem ser horas. O suor mútuo que cobre a minha pele começa a secar, me deixando fria onde o corpo dele não cobre o meu. Não falamos, mas as palavras não são necessárias. Eu sinto isso e ele não está enganado a esse respeito. Não somente foi o sexo mais poderoso que já experimentei, mas também não estava enganado quando disse que ia me amar. Eu mesma, também, já podia estar a meio caminho disso.

Ele rola para o lado, segurando minha bochecha com a mão grande e gira minha cabeça para encontrar o seu olhar. — O que quer que isto tenha sido para você antes de agora, baby, não há mais como tentar ir devagar. Sei que você sentiu isso; apareceu no seu rosto. Sinto como se tivesse acabado de encontrar um pedaço de mim que tem estado perdido desde sempre. Uma das peças do quebra cabeças, que nem sequer sabia que fazia falta, até que você entrou na minha vida. Isto, nós... baby, vou me esforçar o máximo que puder, e então vou provar para você que não há nada a temer.

Pega a lágrima que escapa dos meus olhos com os lábios e, a seguir, beijo os meus lábios antes de sair da cama e ir até o banheiro. Escuto o chuveiro ligar e, alguns segundos mais tarde, volta, me levanta da cama e me carrega até a ducha quente. Depois de limpar cada centímetro da minha pele, e depois da sua, mostra para mim, uma vez mais, o que é se sentir amada.

Quando finalmente caímos na cama, mais uma vez, me abraça com força contra o seu corpo e, com os braços fortes me segurando bem perto, me entrego ao sono. O último pensamento que passa na minha cabeça antes de adormecer, é que já não me sinto tão assustada, se é assim que o amor parece.

CAGE

19
Melissa

Faz pouco mais de um mês, desde que Greg e eu, oficialmente, nos convertemos em "nós". Não tem sido perfeito, mas tem estado muito perto disso. Fiel à sua palavra, poucos dias depois que o Dr. Shannon me despediu, Greg arrumou uma entrevista com o Dr. Roberts. É um senhor de família que abriu seu próprio consultório. No transcorrer dos anos, contratou mais médicos para sua equipe e, agora, precisa de mais enfermeiras. É uma dessas pessoas para a qual você ama trabalhar e, para minha sorte, me quis na sua equipe. Comecei na semana posterior a qual fui demitida e sou mais feliz do que jamais tinha sido no trabalho. Também ajuda que meu salário aumentou, e muito. Não há mais preocupações em como vou esticar meu pagamento para garantir que estejamos todos cômodos.

CAGE

Falei com o Greg para me ajudar a encontrar um apartamento novo, já que agora posso alugar um em um condomínio melhor e mais seguro. Isso deu início à nossa primeira briga de verdade. Ele não vê necessidade de eu pagar para morar em outro lugar, quando passo todo meu tempo livre na casa dele, enfim. Isto, coincidentemente, porque deu uma olhada no meu apartamento e na vizinhança em que eu vivia, no dia seguinte ao que nos convertemos em "nós", manobrou sem estacionar e se negou a me levar de volta. Eu o entendo, e para ser honesta, nunca me senti segura ali, de qualquer modo. Assim, se queria agir como um bebezão e me manter como refém, quem sou eu para reclamar? Acompanha uma casa de arrasar e o melhor sexo de todos.

E, para ser completamente honesta, não quero ficar longe dele.

Todavia, ainda tenho meu apartamento, mas a maioria das minhas coisas, pouco a pouco, tem começado a aparecer na casa dele. Algumas, porque necessito, mas estou começando a me perguntar se ele não está embalando meus pertences e os trazendo para a sua casa quando não estou vendo. De qualquer forma, nesta altura, estamos quase morando juntos.

CAGE

Nossa segunda briga foi sobre o meu carro. Apesar de estar pronto alguns dias depois que a Mandy despejou sua loucura sobre ele, Greg, sem que eu soubesse, disse ao mecânico que o vendesse. No dia seguinte, um Honda novo estava na entrada da casa dele. Brigamos por causa disso durante um dia inteiro. Ele teve que suportar meu silêncio, mas quando finalmente ficou farto, calmamente, me disse que queria que eu ficasse em segurança. Meu velho automóvel não podia oferecer isso, então cuidou do assunto. Quando aquilo não funcionou, me puxou para mais perto e disse: — Baby, depois que perdi a Grace em um acidente de carro, você acha que poderia, por favor, ceder um pouco? Quero saber que você está segura, quando não posso estar com você. — Sim, pode me chamar de submissa, mas foi o suficiente.

Temos feito todas as coisas tradicionais aos casais. Namoramos, saímos com amigos, ele conheceu a minha mãe, e temos toneladas e toneladas de sexo. Estou começando a acreditar que Greg Cage está incrivelmente perto da perfeição.

As coisas com a Susan também se acalmaram com o passar das semanas. Ligou algumas vezes, mas, geralmente, somente quando estava

muito bêbada. Mamãe e eu acreditamos que, eventualmente, vai se esquecer que o Cohen existe e simplesmente nos deixará em paz.

Uma coisa com a qual não temos que nos preocupar mais, é a Mandy. Outra promessa que Greg cumpriu. No dia seguinte, me levou ao Departamento de Polícia e me ajudou a preencher os relatórios necessários para obter uma ordem de restrição contra ela. Embora tenha me garantido que não será necessária, mesmo assim, se sente melhor sabendo que foi feita. Só me contou bem depois daquela semana, que teve uma "conversa ao pé do ouvido" (como minha mãe chama) com a Mandy. Não me importa o que acontece com a cadela, mas, segundo ele, voltou a tomar sua medicação e está buscando ajuda. Falar da sua medicação devia ter sido indício suficiente de que ela realmente é uma cadela psicopata. Talvez, da próxima vez, se manterá em dia com aqueles malditos comprimidos. Tudo o que importa é que disse que ela não será um problema, e acredito nele.

Há cerca de duas semanas, comecei a trazer o Cohen. Se existia a menor dúvida na minha mente que Greg era o homem perfeito, observá-lo com o meu sobrinho, acabou com ela. Ficou claro que foi feito para ter crianças em sua vida, mas quando começou a me perguntar sobre

CAGE

meus projetos para o futuro, quando se tratava do Cohen, comecei a me preocupar um pouco que, talvez, crianças não sejam algo que ele queira. Não posso evitar meus medos; é só que tudo parece tão perfeito, que sigo esperando que acabe e tudo simplesmente exploda no meu rosto.

Então, disse a verdade. Quero ter a guarda do Cohen. Minha mãe quer que eu fique com o Cohen. É um garoto de três anos, levado pra caralho, que precisa de alguém que possa acompanhar o ritmo dele. Ele sorriu e me disse que esse era um grande plano, e então continuou sentado comigo durante horas e planejou nosso futuro, com o Cohen nele.

Essa foi, também, a noite em que percebi que estava apaixonada por ele.



Estamos nos aproximando do outono e o clima ainda está bastante agradável para ficar ao ar livre por longos períodos. Então, aqui estou, na cozinha do Greg, fazendo o almoço para os dois homens mais importantes da minha vida. Greg e Cohen estão passando o tempo

CAGE

fazendo o que Cohen chama de "man fluff, no hips"[15], o que, traduzido por um sorridente Greg, significa "coisas de homem, baby, não é permitido garotas". Saíram há algumas horas para fazer o que quer que seja que os caras fazem. Minha mãe aceitou amavelmente minha oferta de começar a ficar com o Cohen em alguns fins de semana. Agora tenho um lugar no qual me sinto segura o suficiente para levá-lo e, finalmente, estamos passando mais tempo juntos.

Tinha acabado de cortar o último sanduíche, quando escuto a porta da frente abrir e pequenos passos soando no corredor.

— Melwee! Melwee, olha o que tenho! — E como um relâmpago, entra Cohen, com uma capa vermelha brilhante esvoaçando atrás dele. — Greg disse que isto me ajudaria a lutar contra os ninjas. Disse que todos os ninjas têm medo dos super-heróis. Disse que se eu tenho uma capa, tenho MAGIA! Poderes mágicos que os ninjas não conseguem lutar contra, porque eles não são SUPERheróis! Melwee! Você vê? Você consegue ver? — Todo o tempo que esteve dando esse discurso, nem

[15] Trocadilho usado pela autora para "man stuff, no chicks" (coisas de homens, nada de garotas), devido à idade da criança.

CAGE

sequer uma vez, toma fôlego. No momento em que termina, tem que respirar fundo algumas vezes para permanecer de pé. Olho sobre ele e vejo o Greg apoiado no batente da porta, os braços cruzados sobre o peito amplo e um enorme sorriso no rosto. Ofereço um dos meus, antes de voltar minha atenção para o Cohen, que agora está girando em círculos e dando golpes com os pés, a cada poucos segundos. Minha suposição é que está lutando contra os ninjas agora mesmo e se esqueceu completamente de nós.

— Venha aqui e me deixe ver seus poderes, homenzinho. Já posso dizer que os ninjas estão com muito medo de você. Aposto, inclusive, que nem chegarão perto da casa da Nana, nunca mais!

Ele para com os estranhos giros e chutes e salta nos meus braços.

— Você consegue sentir o meu poder? — sussurra bem na frente do meu rosto. — Greg disse que tenho poderes sobre você, também — disse, ainda sussurrando audivelmente.

— Oh, ele disse isso? — Pergunto e olho para o Greg, vendo quando um sorriso abafado sacode o seu corpo.

— Co, meu homem, isso não é algo que você pode dizer para as mulheres. — Greg sorri em resposta ao Cohen, que se aproxima e bagunça o seu cabelo.

— Bom, me diga, homenzinho, que tipo de poderes você tem sobre mim?

— Posso fazer você me amar! — Ele sorri e olha para o Greg, balançando a pequena cabeça: — Greg disse que posso fazer você me amar, e tudo o que tenho que fazer é sorrir! Disse que funcionou com ele, então deve existir poderes mágicos, Melwee! Ele me disse. Ele disse que tudo o que tenho que fazer é sorrir, e todo mundo vai me amar porque sou especial assim.

Bem. Merda. Minha garganta se fechou, agora, e posso sentir meus olhos ardendo. Vou chorar. — Ele disse? — Engasgo.

— Melwee, o que está havendo com o seu rosto? Você parece engraçada. Como aquela vez quando uma coisa caiu no seu pé e você gritou uma palavra realmente feia; seu rosto está assim. — Segura minhas bochechas com as pequenas mãos e move a minha cabeça, estudando cada centímetro. — Sim, parece engraçada. — Então se vira

e escapa correndo através da casa, gritando para os ninjas terem cuidado porque está indo atrás deles.

— Você, provavelmente, deveria ir atrás dele para se assegurar que não vai destruir a casa — sussurro para Greg, que agora está me atraindo para os seus braços.

— Não me importo com nada na casa que ele possa quebrar.

— Nem mesmo a sua televisão de tela plana novinha? — Pergunto, ainda tentando controlar as emoções.

— Não.

— Nem com aquele computador realmente caro?

— Nem mesmo isso.

— Você o ama? — Ele se inclina levemente e deposita um beijo no meu nariz. Quando se afasta, posso ver. Seu sorriso é enorme, indo até os olhos, fazendo com que as rugas do riso se aprofundem. Os olhos azuis que tanto amo estão brilhando com humor, mas, claro como o dia, posso ver.

— Sim, Bela, eu o amo.

CAGE

— Oh — patético, mas isso é tudo que falo para ele. Estou certa que meu "rosto engraçado" acaba de se tornar ainda mais engraçado. Não posso impedir as lágrimas, mesmo que tentasse. O pensamento deste homem, que já roubou o meu coração, amar o Cohen tanto como eu, é demais para conter.

— Baby, como você pode ser tão cega, quando seus olhos estão tão abertos? Mesmo que não fosse o garoto mais genial que já conheci, mesmo que não desfrutasse pra cacete passar o tempo revivendo minha infância com o homenzinho, ele é parte de você. Não, não é seu, e entendo isso, mas é parte de você e, Bela, como posso não amar isso?

— *Oh. Deus.*

— Oh — repito e encosto a cabeça no seu peito. Ele sorri algumas vezes antes de segurar meu rosto e afastar suavemente a minha cabeça do peito dele.

— Oh? Isso é tudo o que você tem para me dizer? — Brinca. Como ele pode brincar neste momento, está além da minha compreensão.

— O que você quer que eu diga? Você tem que ser claro comigo, baby, porque não quero interpretar mal alguma coisa que pode estar

dizendo, agora mesmo. — Minha voz soa estranha, e as lágrimas começam a cair livremente. Ele simplesmente segue sorrindo, as palmas quentes contra o meu pescoço e os polegares seguem limpando minhas lágrimas. Todo o tempo, continua sorrindo.

— Muito bem. Amo ter você na minha casa, dormir com o seu corpo pressionado ao meu e acordar com você nos meus braços. Adoro vir para casa e jantar com você, ver filmes no sofá, com você deitada sobre mim. Adoro receber suas ligações cada vez que acontece algo tão ridículo, que não pode esperar para me contar. Amo o Cohen. Ele é incrível e, um dia, adoraria fazer parte, permanentemente, da sua vida. Mas não o amo porque é incrível. Não, quero ser alguém permanente na vida dele, porque estou profundamente apaixonado pela tia dele. Bela, eu te amo.

— Você me ama? — Sussurro outra vez, depois de alguns momentos para assimilar aquilo.

— Sim, amo. Completamente — sua voz forte me envolve e seu amor é como um cobertor quentinho. Posso senti-lo como uma coisa palpável, tomando conta do ambiente.

CAGE

— Eu também te amo. Deus, eu o amo... tanto. — Minhas lágrimas silenciosas se convertem, agora, em soluços. Ele solta meu rosto por um segundo, mas só para me levantar pelos quadris e me sentar sobre o balcão. Minhas pernas se abrem automaticamente, e ele dá um passo à frente, os braços envolvendo meu corpo enquanto apoia minha cabeça no seu pescoço.

— Baby, do meu ponto de vista, isso é uma coisa boa. Por que você está chorando? — Pergunta, a voz retumbando nos meus ouvidos. Ele fica parado, minha cabeça apoiada no peito dele e deixa que eu tenha o meu momento. Silenciosamente, sendo minha rocha, minha força e me deixando ver isso.

Quando escuto alguns barulhos altos e o grito de vitória do Cohen, sei que é somente uma questão de tempo, antes do nosso momento ser interrompido. Me afasto e seco os olhos antes de olhar nos olhos do Greg.

— Você me ama? — Pergunto novamente, mas desta vez, deixando minha felicidade aparecer, e meu sorriso é tão largo, que inclusive dói um pouco.

— Ele joga a cabeça para trás e sua gargalhada soa ao nosso redor.

— Sim, eu te amo.

— Isso é bom.

— Está enganada, baby — diz, com um sorriso. — Não é bom, é incrível pra caralho.



Já que é domingo e Greg e eu começamos a trabalhar muito cedo, levamos Cohen para casa antes do jantar, para podermos sair e ter algum tempo para nós, antes da semana começar. É algo que também tentamos fazer durante a semana. Quando as coisas ficam loucas no escritório da Corps Security, já passou da hora do jantar quando ele chega em casa. Então, se temos tempo, nos comprometemos a passar momentos especiais como esse, juntos.

"Super Co", que é como devemos chamar o Cohen agora, voa para a casa da minha mãe no segundo em que Greg estaciona. Sua capa balança com o vento, atrás dele, e já podemos escutar ele começar seu discurso para a mãe. Greg dá a volta no carro e segura a minha mão antes de caminharmos na direção da casa.

Quando chegamos na cozinha, Cohen ainda está gritando sobre toda a sua magia.

— Oh, meu Deus, essa é uma boa notícia, bebê. — Minha mãe sorri para nós e dá ao Cohen um grande beijo antes dele sair correndo para o seu quarto, para garantir de que não há nenhum ninja.

— Esse menino é tão divertido às vezes — diz, balançando a cabeça. — Meli-Kate, venha cá, querida — solto o Greg e ando até os seus braços. — Você parece feliz hoje — sussurra no meu ouvido.

— Estou — sussurro em resposta. — Realmente, estou.

— Isso é bom, querida. Você merece — se afasta e me dá um beijo, antes de se virar para o meu homem.

— Venha cá, bonitão, e dê uma pouco de emoção a esta velha senhora — e aqui começa o deleite semanal da minha mãe com meu noivo, me envergonhando todas as vezes.

— Lilly — diz, enquanto caminha, envolve os braços ao redor dela e a levanta do chão em um grande abraço.

— Ela sorri ruidosamente e, brincando, bate no braço dele, quando a coloca no chão. — Que homem forte! Leve a minha garota

para casa e dê a ela uma ótima noite — sorri e eu fico vermelha como um pimentão.

— Mãe! Jesus! — Ambos sorriem, desfrutando o novo esforço em equipe para me envergonhar.

Ficamos na cozinha por algum tempo, antes do Greg pedir licença para se despedir do Cohen. Como não vi o quanto se importa com o meu sobrinho por tanto tempo?

Não percebo que fiquei olhando para o corredor vazio, desorientada, até que a risada suave da minha mãe soa perto de mim.

— Oh, minha menina querida, você está muito apaixonada.

Desvio o olhar e sorrio para minha mãe. Seus olhos estão toldados com emoções, mas tristeza não é uma delas. Seu sorriso é enorme e posso afirmar que está feliz por mim, por ter encontrado isto.

— Não faz a mínima ideia de quão apaixonada estou. Ele é incrível, mãe, e ama o Cohen. Você pode acreditar? Ama esse menino louco como se fosse dele. Assim como nós.

— Eu sei, querida. Poderia tê-la poupado do aborrecimento de averiguar tudo isto por conta própria, mas sabia que chegaria lá. Ele é

CAGE

um tesouro, Meli-Kate. Sei que não tenho a melhor pontuação na hora de julgar os homens. Primeiro, o seu pai e depois... bom, simplesmente não tenho. Mas, com um homem como ele, não há dúvida. É o tipo de homem com que o qual você sonha, querida. Nunca deixe que o seu passado nuble esse conhecimento.

— Não deixarei. Eu te amo, mãe.

— Eu sei, doçura. — Nos abraçamos e sentamos para conversar sobre as coisas que aconteceram essa semana, enquanto esperamos os caras fazerem suas coisas. Uns trinta minutos depois, ou algo assim, Greg vem andando, às gargalhadas.

— Ele estava na metade de uma frase e dormiu. Estávamos sentados, falando sobre as melhores maneiras de acabar com os ninjas voadores e bum, sua pequena cabeça afundou no meu colo e ele estava fora do ar. Lilly, me adiantei e coloquei o pijama nele, para que não tenha que se preocupar em fazer isso.

Ela dá um sorriso brilhante para ele, se inclina e sussurra no meu ouvido: — Protetor.

Não muito tempo depois, partimos e vamos ao centro, até a nossa hamburgueria favorita. Tínhamos acabado de sentar, quando seu

CAGE

telefone toca, e ele pede licença para atender a ligação lá fora. Só fica fora por alguns minutos, mas quando volta a entrar, parece agitado.

— Você está bem?

— Sim, estou bem. Somente alguma merda do Axel, mas não é grande coisa. Olha, encontrei com a Mandy lá fora. Não aconteceu nada, mas vamos dar o fora daqui, ok?

Inferno. Justo quando acredito que aquela mulher desapareceu para sempre. — Claro, baby.

Pagamos a conta e levamos a comida para comer em casa. Na saída, vejo Mandy parada ao lado de algumas amigas. Não me aborrece vê-la, o que me aborrece é o olhar que ela me dá. Pode enganar aos outros, mas posso ver pura maldade por trás daquela máscara cuidadosamente elaborada. E, simplesmente, sei que ainda não terminou conosco.

Essa noite, depois de três orgasmos alucinantes, estou aconchegada nos braços do Greg e pergunto para ele sobre a ligação do Axel. Havia esquecido que, quando mencionou a Mandy, parecia

irritado, mais irritado do que normalmente ficava quando via a cara dela. Não gosto de saber que tem alguma coisa o irritando, se há uma chance de poder ajudá-lo.

— Baby? — Pergunto, levantando a cabeça do seu peito.

— Hum — responde, ainda deslizando os dedos pelas minhas costas. Seus olhos estão fechados e sua expressão está em branco, ainda gentil.

— O que o Axel queria?

Seus olhos se abrem abruptamente, e um olhar que não gosto nada, substitui a expressão em branco. Está escondendo algo e fazendo um trabalho de merda para não demonstrar isso.

— Nada, Bela. Só algumas merdas que temos discutido há algum tempo.

Poderia pressioná-lo, e meu instinto me diz que devo fazer isso, mas meu orgulho me detém. Eu o conheço e sei que, o que quer que o está irritando, está atingindo profundamente. Vai me contar quando estiver pronto, mas detesto achar que há um segredo entre nós dois.

— Está bem. Se quiser conversar, me avise.

Seus olhos brilham, mas o que quer que estava ali, se foi antes que eu consiga decifrar. — Eu sei. Te amo, Bela.

— Eu também te amo.

Pela primeira vez em semanas, meu sono não é tranquilo.

CAGE



Estava deitado na cama, com a Melissa aninhada contra o meu corpo, nas duas últimas horas, sem conseguir dormir. Hoje estava sendo um dia perfeito, mas quando Axel ligou e, dois segundos depois de ter iniciado a conversa, me perguntou se já havia contado tudo a ela, meu bom humor foi para a casa do caralho. Quando não estávamos avançando nem recuando neste debate sobre por que era tão importante fazer isso agora mesmo. Se tornou exaltado antes que pudesse impedir.

Sei que ele tem razão. Preciso contar para Melissa sobre a minha conexão com Simon Wagner. E precisava ter feito isso, ontem. Quanto mais o tempo passa, mais cresce a bola de preocupação no meu estômago. Não acredito que encararia tão mal se tivesse dito antes, mas agora que estamos solidamente envolvidos nesta relação, e nossos

CAGE

sentimentos finalmente estão expostos, bom... não acredito que isto vá acabar bem.

Me virando depois de falar "Caralho, vou contar para ela sobre o Simon amanhã; apenas fique tranquilo sobre isso", ver a Mandy parada atrás de mim, não foi uma visão bem-vinda. Não há como saber há quanto tempo estava ali, mas qualquer quantidade de tempo é suficiente. Simples e estupidamente, despejei tudo, e se ela estava aqui tempo suficiente, sabe a única coisa que estou escondendo da minha garota, a única coisa que pode ter o poder de se colocar entre nós.

Sequer dou a ela um segundo do meu tempo. Entro, pego a minha garota, e dou o fora de lá.

E meu coração não se acalmou nem por um momento depois daquela ligação. Preciso contar a ela e, depois, lidar com as consequências. Posso afirmar que, quando me perguntou sobre a ligação do Axel, não acreditou em nada do que disse. Com toda razão, além disso, já me conhece suficientemente bem para saber que estou escondendo alguma coisa dela.

A manhã seguinte não é muito melhor. Ambos dormimos demais, assim, quando descemos as escadas, só temos tempo para um beijo rápido, antes de irmos trabalhar. Eu a sigo e a vejo estacionar na frente da clínica, antes de prosseguir pela rua, até o escritório da Corps.

As coisas por aqui têm estado, felizmente, tranquilas nas últimas semanas. Por sorte, a calçada dourada parece manter o Sway em um humor bom suficiente para não nos irritar, nem de perto, do modo que costumava fazer. Eu o peguei pulverizando glitter sobre o Coop algumas vezes, e isso é suficiente para nos manter sorrindo por uma semana, pelo menos.

Emmy está melhor, mas ainda posso ver um pouco de dor nos seus olhos. Decidiu que é melhor se distanciar completamente do Maddox. Não sei se é algo que ela está fazendo conscientemente, mas ele não está feliz com isso.

Acabo de me sentar para começar a ler meus e-mails, quando minha porta se abre e Axel entra.

— Você ainda está com esse espinho na bunda? — Fala e senta de frente para mim.

— Vá se foder.

— Oh, estou vendo, não somente o espinho segue aí dentro, mas pode ser que tenha penetrado um pouco mais, hein?

— Jesus Cristo. O quê? O que você quer que eu diga? Não, não conversamos ontem à noite porque quando terminei a nossa conversa, que já estava interrompendo o nosso jantar, dei de cara exatamente com a Mandy. Então não, quando cheguei em casa e amei a minha mulher, não estava de humor para estragar essa merda.

Ele se reclina e solta um longo suspiro.

— Entendo você, homem, mas essa merda não vai acabar bem.

— Você acha que já não sei isso? Não estou esperando apenas seguir em frente depois que abrir essas velhas feridas, mas esfregar sal nelas quando fizer isso. Não acha já que me sinto culpado o suficiente? Podia tê-lo prendido, mas, em vez de ficar por perto, me afoguei no álcool e nas bocetas durante anos, para tentar esquecer. O deixei escapar pelas frestas e, em troca, o homem que assassinou a minha irmã, se casou com a irmã dela. Oh, que bela reviravolta do destino. Nos colocar juntos finalmente, apenas para ter *isso* entre nós.

— Sério, G? Isso é o que está comendo você vivo? Como, diabos, você sente que poderia, remotamente, ser culpa sua que ele matou a irmã

dela? Você não os apresentou, não puxou o gatilho, caralho, então simplesmente não entendo porque você está somando um mais um e obtendo o resultado de cinco. — Se inclina para a frente e apoia os cotovelos nos joelhos, antes de continuar. — Irmão, não é culpa sua, então não a carregue.

— Mas é, Axel, é sim.

E essa é a raiz do problema. Depois que Grace morreu, estava muito abalado para ficar e lidar com qualquer coisa. Minha mãe perdeu a cabeça e passou os anos em que estava sumido, deixando que seu coração murchasse lentamente. No momento em que tirei a cabeça do traseiro e voltei para casa, ela não estava bem. Conseguiu aguentar mais um, antes que eu a perdesse também. Minha cabeça não estava bem, para lidar com Simon Wagner.

No momento em que abri minha empresa em Atlanta e finalmente o localizei, fiquei surpreso por estar a poucos condados de distância e tinha casado novamente. Foi quando comecei a manter um olho nele quando podia. E quando não podia, tinha o Derrick. Que piada fodida.

— Você precisa contar para ela, mas também tem que parar de se culpar por uma merda que não é culpa sua.

— Escuto você, irmão, mas não quer dizer que vou concordar com você agora mesmo.

Depois de alguns minutos de silêncio, me deixa com minha melancolia silenciosa.

Melissa liga um pouco depois para me avisar que vai sair para jantar com a Izzy e as garotas hoje à noite. Espero que isso signifique que vai tomar algumas taças de vinho e chegará em casa de bom humor. Mas, também me dá a oportunidade de criar coragem para ter aquela conversa com ela, que estou prorrogando há semanas.

— Oi, Greg — Emmy diz, enquanto entra no meu escritório e deixa alguns arquivos na mesa. — *Ela* falou com você? — Pela forma com que frisa a palavra "ela", sei que não está falando da Melissa. Se tornaram unha e carne, recentemente, e a menos que tenha perdido uma grande briga, ainda são.

— Uh, quem seria "ela"? — Pergunto.

— Sério? Deus, não suporto essa mulher. Mandy. Esteve aqui faz uma hora. Entrou quando eu estava no telefone, então não pude impedi-la. Acho que você estava falando com o Axel. De qualquer maneira, saiu

CAGE

rapidamente poucos minutos depois, então, simplesmente presumi que a tinha expulsado.

Merda — vocifero. — Ela estava aqui?

— Hum, sim? — Posso notar que ficou ligeiramente preocupada por eu ficar irritado com a presença da Mandy. Ela está prestes a sair do escritório, quando balanço a cabeça para afastar a raiva.

— Emmy, não estou aborrecido com você. A próxima vez que você a vir, não a deixe entrar. Desligue o telefone, se tiver que fazer isso. Inferno, arremesse o aparelho nela, mas ela não pode dar dois passos dentro deste prédio, de acordo?

— Certo, tudo bem, Greg — franze a testa e sai, apressada, pela porta.

Maldição. Este é outro problema que não necessito no meu dia. Quem vai saber o que a Mandy quer agora, mas sei de uma coisa, não vai ser nada bom quando descobrir.

O dia fica cada vez pior à medida que as horas passam. Não há nenhuma maldita coisa, exceto o telefonema da Melissa na hora do

almoço, para traga beleza e alegria. Quando chego em casa, estou com um humor tão ruim e exausto pela minha mente trabalhar incessantemente o dia todo, que me jogo no sofá e durmo poucos minutos depois de ter ligado a televisão. O que é uma infelicidade para mim, já que, como estou dormindo, perco todas as chamadas da Izzy, depois da Dee, da Emmy e, finalmente, do Axel, algumas horas depois.

A única ligação que não perco é a da Melissa. E isso, porque ela não ligou.

CAGE

21

Melissa

O trabalho tem estado tipicamente normal. O Dr. Roberts está de bom humor, então é fácil seguir seu exemplo. Ainda estou preocupada com o Greg e com o que o está aborrecendo, mas estou determinada a fazer com que hoje seja um bom dia. Ligo para ele algumas vezes durante o dia só para confirmar que está bem e, a cada ligação, sua voz parece mais e mais agitada. Odeio saber que está sofrendo, mesmo que saiba que é por algo que está escondendo de mim. Dói saber que ele acredita que precisa fazer isso.

Quando Izzy liga com a ideia de uma improvisada noite de garotas, estou completamente dentro. Não estou evitando ir para casa, mas também não estou ansiosa para fazer isso. Saio do trabalho cedo e dou uma rápida passada em casa para mudar o uniforme, antes de ir para o

CAGE

Heavy's me reunir com as garotas. Passo pelo Greg no meu caminho, mas ele está olhando para o outro lado, por isso não me vê. Penso em chamá-lo, mas imagino que não vou ficar fora tanto tempo, então, não há necessidade. Quando chegar em casa, eu o farei se sentar e pedirei que converse comigo.

Conheço o meu homem, e ele pode não querer me dizer o que está se passando na sua cabeça, mas se eu pedir, ele o fará.

Chego no Heavy's exatamente quando a Dee e a Izzy estão estacionando. Dee se aproxima com o sorriso despreocupado firmemente no lugar.

— Oi! Olhe para você, toda casualmente sexy esta noite! Izzy — grita sobre o ombro. — Você está vendo isto? É assim que se desfaz de jeans e camisetas!

— Cale-se, Dee! Não coloco os meus há anos, e você sabe por que? Porque jogou todos fora! Como uma fada louca da moda. Quem faz isso? — Sorri. Essas duas têm o tipo de amizade que qualquer um teria inveja. Sou mais do que sortuda por tê-las na minha vida.

— Vocês duas são loucas, sabiam? Onde está a Emmy? — Olho ao redor do estacionamento, mas não vejo seu carro, nem ela. — Passei

pelo Greg no caminho para cá, então sei que não está na empresa. Ele nunca sai se ela ainda está lá.

Ambas trocam olhares, do tipo que comunicam tudo com apenas uma visualizada.

— O quê? Aconteceu alguma coisa? — Emmy e eu estamos cultivando o tipo de amizade que Izzy e Dee têm. E pensar que algo ruim aconteceu com ela me atinge com força. Sei que está lidando com seus sentimentos pelo Maddox, e depois de tudo o que aconteceu no casamento da Izzy e do Axel, acredito que decidiu que é melhor recuar por um tempo. O coração daquela garota é muito grande para o seu próprio corpo.

— Não, não aconteceu nada, mas sei que o Mad está farto dela o tratar com frieza. De acordo com o Coop, que ouviu do Beck, que soube pelo Sway, discutiram no estacionamento, hoje à tarde. Não sei muito mais, depois disso. Axel não sabe o que aconteceu porque tirou a tarde de folga para cuidar do Nate e para que eu pudesse terminar alguns trabalhos. Eu liguei para ela e parecia bem, mas disse que quer ficar em casa hoje à noite — Izzy termina de falar e se vira para entrar.

— E é isso? Simplesmente a deixaram escapar com uma desculpa tão pouco convincente? Vocês a conhecem; se aconteceu alguma coisa, ela está sofrendo.

— Meli, não há nada que possamos fazer. Ela tem que perceber, por conta própria, que ele não vai mudar de ideia. Disse para ela que ia dar uma passada lá, antes de ir para casa. Ela precisa de tempo. — Olho para a Dee como se houvesse ficado completamente louca. A última pessoa que deveria dar à Emmy qualquer tipo de conselho sobre relacionamentos é a Dee. Gosto dela, mas, porra, está igualmente ferrada.

— Sério, Dee? Esse é o caminho que você decidiu usar entre você e o Beck? — Ela estremece e no mesmo instante, me arrependo da minha explosão. — Desculpe, Dee, isso não foi legal. Tenho algumas merdas na cabeça e não devia soltá-las em você.

— Tudo bem. De verdade, sei que não entendem como estão as coisas com o Beck, porque nunca contei para vocês. Só sei que é como querer o impossível, ok. Dê a ela um pouco de tempo — dá um leve sorriso, antes de se virar e caminhar até a Izzy, que está esperando,

impacientemente, para entrar. Para uma coisa tão pequena, come churrasco como se fosse um homenzarrão.

Estávamos desfrutando nosso jantar há algum tempo e discutindo tudo o que aconteceu desde a nossa última reunião. Tentamos fazer uma noite das garotas ao menos uma vez na semana, mas como o Nate estava doente, na semana passada, e Dee teve que ir à Carolina do Norte para lidar com alguma coisa na sua empresa, só sobramos eu e a Emmy.

— O que está acontecendo na outra filial? Parece que você está precisando fazer duas viagens por semana, nos últimos dias. — Pelo que entendi, a outra filial da sua empresa de seguros era tão bem administrada, que ela podia desaparecer por um ano, e a empresa continuaria bem. Até o Greg disse que está impressionado com a equipe que ela administra.

Ela suspira profundamente e olha ao redor. — *Não* contem para os caras, ok? Não quero que se intrometam, até que tenha mais informações. Há algumas inconsistências nas contas. Os pagamentos entram através de grandes contratos, mas há registros por todos os lados e parece que está faltando dinheiro. Estou resolvendo isso.

CAGE

Simplesmente, não quero que os caras resolvam ir até lá, com suas armas brilhantes, e causem mais problema que o necessário.

— Hum, Dee, odeio apontar o óbvio, mas de que maneira vai resolver isso sem que um deles descubra? Você sabe que não fariam nada sem perguntar primeiro — Izzy os conhece melhor que eu, mas até eu acredito que está certíssima. Se souberem que uma das "suas" garotas está metida em problemas, moverão céus e terra para solucionar o problema. Decido que o mais sábio, neste ponto, é manter a boca fechada e deixá-las resolver esta merda.

— Tenho tudo sob controle, Izzy. Assim que averiguar o que está acontecendo, falarei com eles, que vão poder me ajudar a decidir o que fazer a partir daí. Não quero fazer disso um grande problema. Poderia perder clientes se isto vazasse.

— Não quero apontar o óbvio — interrompo — mas, Maddox não é, tipo, o "mestre" dos computadores? Provavelmente, consegue hackear os servidores e decifrar os rastros, antes mesmo que você pegue um voo para lá. Por que não conta para ele e termina rapidamente com isso?

— Essa não é uma má ideia, Dee — Izzy concorda.

— Não. Você sabe que ele pode ser todo solidário e silencioso, com você, Izzy, mas se souber que há problemas, não vai manter a boca fechada.

— Creio que está enganada, mas por outro lado, o conhece melhor que eu. Vou correr para o banheiro e depois para o bar; vocês querem mais alguma coisa, além da cerveja? — Levanto da mesa e espero um momento para resolverem. Izzy consegue se comunicar com ela melhor que eu.

Talvez, se não estivesse pensando em todas as coisas que podiam dar errado com a Dee e sua empresa, ou entre Emmy e o Maddox, ou no que havia de errado com o Greg, poderia ter reparado na armadilha na qual estava entrando. Dou dois passos dentro do banheiro e lá está ela. Com as pernas separadas e os braços cruzados sobre os peitos exageradamente grandes, exibe o que acredito ser uma testa franzida, na sua cara cheia de botox.

— Jesus, o que você quer? Percebe que está violando a ordem de restrição, certo? — A ignoro e sigo até a cabine. Quando saio, ela continua parada na mesma posição. É difícil dizer se está me encarando,

ou se o seu rosto está congelado. — O quê? Você não quer, realmente, me irritar hoje à noite, Mandy, de verdade, não quer.

— Onde está o seu namorado? — Deus, até a sua voz me faz querer espetar os ouvidos com facas.

— Onde está o meu homem, definitivamente, não é problema seu. Que tal falar logo sobre o que é essa merda, para eu voltar a desfrutar da minha noite e, depois, voltar para o MEU homem.

— Você é uma cadela idiota, de verdade — joga a cabeça para trás e sorri. Parece um pequeno duende diabólico.

Caminho até ela e me aproximo, o suficiente para garantir que, se me irritar, posso cuidar dela sem muito esforço.

— O. Que. Você. Quer? — Solto cada palavra com pequenos cutucões nos peitos falsos. — Hum, parecem duros como pedra. Sério que você pagou por isso?

— Cale-se! — Ela grasna. Sim, grasna. O som que sai da sua boca parece aquele ruído que se ouve quando está parado na praia e milhões de gaivotas marinhas atacam. Essa cadela é louca.

— Mandy, estou cansada e não vou aturar mais nenhuma merda. Você pode, por favor, se apressar?

— Me diga, o Greg te conta tudo? É aquela felicidade total no paraíso? Sei como satisfazer um homem como ele, e posso te garantir que não está feliz. Ele tem algumas preferências, e duvido que você tenha esse tipo de... ousadia.

— Ousadia? Você sabe o que, diabos, é ousadia? Acredite, doçura, quando se trata do Greg, recebo um monte de *ousadia*[16] dele.

Ela olha para mim, aturdida, durante alguns segundos, claramente confusa diante do meu comentário. No ensino médio tive uma amiga que tinha acabado de se mudar de Londres, e cada vez que minha mãe dizia que ela tinha "ousadia", ela faltava morrer. Dizia que, para ela, sempre tinha significado esperma. Nós gostávamos de chamar as pessoas de "ousadas" quando estavam nos aborrecendo, porque, para nós, ser chamado de esperma era muito divertido. Não me importa quão mais velha eu seja, essa merda nunca sai de moda.

[16] Um trocadilho que a autora faz com a palavra "Spunk", que também pode significar "esperma".

CAGE

— O quê? Esquece. Responda. Vocês têm algum segredo? Sei que sim, o que é uma pena, porque ele nunca escondeu nada de mim. — Meu estomago afunda, porque mesmo sabendo que ela é completamente louca, sim, temos segredos. Ou, ao menos, ele tem. Dois dias atrás, teria rido na cara dela e, talvez, tivesse estourado um dos seus seios, mas hoje, hoje não. Já tenho essa semente de dúvida plantada tão profundamente, que tudo o que ela diz, simplesmente rega e a faz crescer.

— Sério? Você está tão louca que precisa começar a inventar mentiras? — O sorriso confiante que distorce suas feições falsas, me gela até os ossos.

— Fui vê-lo hoje. Quando me viu, ontem à noite, me implorou que fosse ao escritório falar com ele. Sabia que era uma questão de tempo até se cansar de você, então esperei. Esperei e estava certa. Mas, fiquei chocada ao descobrir porque se cansou de você.

— Mandy, você é louca pra cacete. Estou indo. Não vou ficar aqui e ouvir suas mentiras sobre o MEU homem. Ouça bem, e enfie isso no seu cérebro ferrado, ele não é seu e nunca vai ser — me movo para me

CAGE

desviar, mas ela dá um passo para o lado, bloqueando o caminho até a porta.

— Quem é Simon, Melissa? — Sua pergunta me faz parar abruptamente. Como, diabos, ela saberia sobre o Simon.

— Não sei do você está falando, Mandy. É um novo cara no qual você planeja enfiar suas garras? Graças a Deus, minha voz soa com firmeza, apesar de como me sinto por dentro. Por dentro, estou morrendo lentamente. Não há outra maneira dela saber sobre o Simon, se não fosse pelo Greg.

— Oh, garota idiota. Deixe eu colocar você por dentro. Sua irmã foi casada? Hum? Talvez, casada com Simon? Bom, o que você não sabe e o que o seu querido Greg está escondendo, é que Simon também foi casado com a irmã *dele*. — Leva tudo o que tenho, cada gota de controle, para não reagir diante das suas palavras. Ela não espera para desferir o golpe final. — Você sabe o que ele disse hoje? Me disse que ficava enojado ao olhar para você, porque cada vez que o fazia, tudo em que podia pensar, era em como você está ligada ao homem que matou a irmã dele. Mal consegue ficar perto de você por muito tempo, porque o faz lembrar de tudo que odeia. — Vocifera as últimas palavras e, mesmo

que esteja certa que toda a cor sumiu do meu rosto, permaneço parada no lugar e não deixo transparecer nada.

— Você vai ter que fazer muito mais do que isso, se o seu plano é me assustar, Mandy. Tenha uma boa noite — eu a contorno e vou para o corredor. Nem sequer vejo o bar à minha volta, ou os clientes desfrutando suas refeições e exibindo toda a felicidade do mundo. A felicidade que havia em mim, acaba de ser arrancada do meu corpo. Me sinto completamente vazia.

Como ela sabe sobre o Simon? Sabe sobre a Fia. E Grace? Mesmo que pudesse acreditar nela, isso significa que o Greg esteve escondendo algo importante de mim. Grace e Simon foram casados? Ele sabia disso, o tempo todo em que me abri com ele a respeito do Cohen, da minha irmã, sua morte... sabia quem era Simon, e sabia quem era Cohen.

Oh, meu Deus, ele podia ter evitado aquilo! Assim que esse pensamento atinge o meu cérebro, quase desmaio diante da grandiosidade da situação. A irmã do Greg morreu há quase uma década, e ele sabia que a culpa era do Simon. Ele me disse que sumiu depois do que aconteceu, mas se tivesse ficado e garantido que o Simon pagasse pelo que fez, MINHA irmã ainda estaria aqui. Meu coração está

CAGE

batendo rápido demais e minha respirações está acelerada. Tenho que sair daqui.

Caminho para a mesa, mas as garotas deviam estar me olhando, porque se levantam e estão ao meu lado em um segundo.

— Meli? O que houve? — Izzy, ou talvez a Dee, pergunta. Simplesmente balanço a cabeça e alcanço a minha bolsa.

— Meli, por favor, fale conosco. O que aconteceu? — Tenho certeza que desta vez foi a Dee.

— Foi aquela desgraçada da Mandy? — Pergunta uma delas e meu corpo estremece diante do nome. Tenho que sair daqui antes que a Mandy veja que suas palavras tiveram o efeito desejado. Posso me partir em pedaços e entrar em colapso mais tarde, mas, maldita seja, se a deixar ter a satisfação de me ver fazer isso.

— Aqui não — falo com voz rouca e pego um pouco de dinheiro na carteira. Depois de o jogar na mesa, caminho até a porta, me assegurando de não mostrar à Mandy quão afetada estou.

Sinto como se alguém tivesse acabado de arrancar o meu coração. Minha pele parece rígida e meu rosto dói ao controlar a expressão. O

ardor que ocupou o meu peito começa a subir pela minha garganta e sei que, em segundos, não serei capaz de reprimir os soluços.

— Meli, espere... por favor! — Posso sentir a Izzy correndo atrás de mim, mas tenho meu carro à vista e a fuga no horizonte. — Melissa!

Agarra o meu braço com força suficiente para evitar que siga o meu caminho e me vira para ela. Posso sentir as lágrimas escorrendo e, quando abro a boca para dizer para ela deixar para lá, a duras penas, reconheço o som que escapa. É o som do meu coração se partindo em milhões de pedaços.

— O que está acontecendo, querida?

— Você sabia? — Sussurro com voz trêmula, e as lágrimas seguem descendo pelo meu rosto. — Você sabia? — Pergunto novamente, com mais firmeza.

Ela recua levemente diante da pergunta, suas sobrancelhas se franzem, e sacode a cabeça. — Meli, não tenho ideia do que você está falando. O que eu sabia?

Nego com a cabeça algumas vezes e tento chegar ao meu carro novamente. Não sei onde está a Mandy, mas sei que, depois dessa bomba, não perderá a oportunidade de verificar que acertou o alvo. —

Tenho que ir, Izzy. Não posso estar aqui quando desabar — imploro a ela.

— Nem pode dirigir. Venha, pode vir comigo, vou te levar para casa.

— NÃO — começo a lutar para me soltar, mas ela se mantém firme. Jesus... tenho a vantagem do tamanho sobre a figura pequena; como ela consegue me segurar? — Não vou para casa, não vou até ele!

Ela parece ainda mais confusa diante da maneira como nego ferozmente ir até o Greg.

— Por favor, não posso ir para casa. — Minha força está desmoronando e meu corpo começa a tremer pelo esforço que custa me manter firme.

— Está bem, querida, está bem. Vamos. Vamos ver aonde você quer ir no caminho, certo?

Me guia até o assento do carro, entrega a minha bolsa, entra, manobra rapidamente o carro e arranca. Não tenho nem ideia para onde vou, mas sei que não posso ver o Greg agora mesmo. Neste ponto, não sei se alguma vez vou conseguir olhar na cara dele novamente.

CAGE

A última coisa que vejo antes de sairmos do estacionamento, é a Mandy saindo correndo do Heavy's com a Dee nos seus calcanhares. Olha ao redor, mas quando não encontra o que procura, se vira para a Dee e começa a balançar as mãos.

Pelo ao menos, estou fora dali antes que ela possa me ver desmoronar. Posso ouvir a Izzy me perguntando para onde ir, e falando ao telefone algumas vezes, mas estou isolada no meu próprio mundo. Levanto as pernas contra o meu corpo e dou boas-vindas ao choro.

CAGE

22
Greg

Quando acordo, no sofá, estou ligeiramente confuso. A casa ainda está às escuras e em silencio, mas ao olhar no relógio e ver que já passou da meia noite, sei que algo está errado. Melissa nunca teria me deixado continuar no sofá se já tivesse chegado em casa. Maldição, estou exausto. Sinto como se o estresse de manter alguma coisa escondida da garota que amo, está me devorando lentamente. Sei que a conversa não vai ser fácil, mas precisamos conversar. Só tenho que ter fé suficiente em nós e no nosso amor, para saber que ela vai ser capaz de me perdoar por ter escondido isso dela.

Me levanto do sofá e estico os músculos doloridos pela cochilada; vou procurar minha garota. Talvez, não tenha feito um bom trabalho tentando convencê-la que tudo estava bem. Ela sabe que alguma coisa está errada, mas não creio que possa ter se aborrecido tanto para não

CAGE

voltar para casa. Claro, tivemos nossas brigas, mas por pequenas coisas, como deixar a pasta de dentes sem a tampa.

Dez minutos depois, estou oficialmente começando a ficar preocupado. Ela não está aqui. Não só não está, mas parece que não esteve aqui, desde que cheguei em casa. Todas as suas coisas ainda estão aqui, mas ela não.

Passo outros dez minutos procurando o celular, somente para não o encontrar. Jesus, estou ficando louco. Começo a entrar em pânico quando percebo que, se não estou com o telefone, não teria conseguido entrar em contato comigo, se alguma coisa ruim tivesse acontecido. E se tivesse se envolvido em um acidente? Caralho! Podia estar em um hospital, agora mesmo, e eu dormindo. Finalmente, localizo o pequeno bastardo debaixo do assento da minha caminhonete, e quase caio no chão ao ver aquele monte de chamadas perdidas. Uma do Axel, uma da Emmy, duas da Dee, mas são as dezesseis ligações da Izzy que fazem o meu coração falhar.

Quando acabo de ler todas as mensagens, ainda não entendo completamente o que está acontecendo. Emmy parece estar confusa e sem nenhuma pista. Ela me fala que não saiu com as garotas, mas que

falou com a Izzy, para quem tenho que ligar o mais rápido possível. A primeira mensagem da Dee é tão confusa quanto a da Emmy. Sua segunda mensagem, porém, faz meu sangue gelar.

— G, não sei o que aconteceu. Meli foi ao banheiro e saiu de lá como se tivesse visto um fantasma. Ela foi embora, mas sei que a Mandy fez alguma coisa. Ainda que a pequena cadela não tenha admitido. Você tem que encontrá-la, G. Alguma coisa está errada, mas não sei o que é. Ligue para a Izzy. Foi embora com ela, faz um tempo. Amo você.

Mandy. Aquela cadela filha de uma puta. Quem sabe o que pode ter dito à Melissa, mas o que quer que seja, não pode ser bom. Por que pensei que tinha parado e havia superado sua obsessão pelo meu pau? A última conversa que tive com ela, não terminou bem o suficiente. Se desculpou, uma e outra vez, e disse que não me desejava nada, além do melhor. Suponho que meu primeiro sinal deveria de ter sido quando disse que ia voltar a tomar sua medicação. Merda.

Quando escuto as mensagens da Izzy, que começam com ela parecendo preocupada e termina arrasada, sei que minha má sorte ficou pior. Não me dá muito mais informações que a Dee; aparentemente, minha garota está perdida e não deixa ninguém entrar.

— Estou andando em círculos pela sala de estar, quando a mensagem do Axel soa através da linha.

— Ela está aqui e você tem que ficar longe, irmão. Sei que vai ser impossível para você, mas acredite quando digo para você que está a salvo, e que vou garantir que fique dessa forma. Você sabe e, quando digo isso, sabe ao que me refiro. Iz não disse muito, só que a Mandy contou sobre o Simon. Gostaria de saber como aquela cadela sabia o bastante para deixar sua mulher neste estado. Deixe-a se acalmar e venha amanhã de manhã. E, G... se falar para a Izzy que contei que ela está aqui, eu, pessoalmente, vou arrancar o seu pau.

Graças a Deus, está em segurança, mas isso não ajude a aliviar a tensão no meu coração. Preciso proteger a minha garota, preciso estar com ela. Sem nenhuma preocupação pelo fato de ser muito tarde para ligar, retorno a ligação do Axel.

— O que é, filho da puta? — Grunhe no telefone.

— Ela está bem?

— Que caralho você acha? A minha mulher está com a sua, porque ela não para de chorar, desde que chegaram. Não sou idiota e gosto do meu pau, então não escutei muito, mas ela falou muita merda

da qual eu sei que vai se arrepender e, inclusive, muita merda que sei que não vai fazer.

— Não estou entendendo, Axel. O que você está dizendo?

— O que estou dizendo é que se vier agora mesmo, não acredito que vá gostar do que vai receber dela. Está magoada e tenho certeza que vai explodir, então tenho que dizer que concordo com a sua dor. Mas também está em choque. Está falando um monte de merda, e não acredito que diria se estivesse com as ideias claras. Você gosta dela, então tem que aquietar o traseiro fodido em casa e deixar que Izzy seja a força que ela necessita.

— Não sei como fazer isso, Ax. — Suspiro e passo a mão pelo cabelo. Cada instinto que tenho me diz para correr até ela e juntar os pedaços.

— Sei que não sabe, mas está na hora de aprender. Você não pode ser sempre aquele que torna tudo melhor. Não pode proteger todos de tudo. Foi isso que o colocou nesse desastre. — Há algum movimento ao fundo e posso ouvi-lo caminhando pela casa, fechando algumas portas. — Deixe eu ver como elas estão. Isto ajudará um pouco?

— Por favor — sussurro.

— Espere. — O telefone silencia e, depois do que parece ser uma eternidade, eu o ouço pegá-lo e apenas suspirar. — Ela dormiu. Aninhada como um fodido bebê nos braços da Izzy. Ela está bem, G; mas você tem que dar a ela algum tempo. Ligarei para você de manhã, ok?

— Ax, não sei se consigo fazer isso. Parece que arrancaram uma parte da minha alma.

— Eu sei. Acredite em mim, eu sei. Vivi isso durante doze anos, meu amigo. A única coisa que eu posso te dar, é esperança. Izzy e eu passamos por muitas coisas; mas, no final, se está destinado a ser assim, nada vai poder afastar a sua mulher dos seus braços.

Ele desliga e fico parado ali por horas, até que os raios do sol começam a invadir o aposento. Me sento e penso no que vou fazer se não puder consertar isso, porque, agora mesmo, sei que não serei capaz de me recuperar se ela não quiser que eu esteja mais na sua vida. Seria como perder a Grace de novo.

Estava olhando para alguns livros românticos que a Melissa deixou na mesinha de centro na noite passada, apenas olhando sem

realmente ver, quando o telefone toca. Vejo que é o Axel e tenho o celular na orelha em questão de segundos.

— Sim? — Até para os meus próprios ouvidos, consigo sentir o desespero daquela única palavra.

— Ela foi embora, Greg. Estava trocando o Nate e ela e a Izzy estavam no térreo. Demorei só cinco minutos, mas quando voltei lá para baixo, ela já tinha saído. Izzy não vai me dizer aonde foi, porque diz que ela precisa de tempo. Merda, sinto muito.

— Ela foi embora? — Pergunto.

— Foi. — Diante daquela palavra, a esperança na qual estava me agarrando, vai morrendo lentamente. — O carro dela não estava aqui, então acho que seria seguro afirmar que uma das outras garotas está com ela. Não ouviu isso de mim, entretanto. Tenho que viver com uma delas e prefiro estar inteiro. Cheque isso, ok?

Não sei se respondi. Pode ser que sim, mas quando escuto o bipe do telefone, desperto e largo o celular. Fico sentado lá, imaginando que diabos devo fazer agora.

Volto a olhar para os livros na mesinha de centro e desejo que o amor fosse tão fácil como é nos livros de romance. Tornaria um pouco

mais fácil o que estou sentindo agora, se soubesse que teria um final feliz logo depois da virada de algumas páginas. Até o cara na capa do livro parecia estar zombando de mim. Olha para mim como se eu tivesse que saber como manter um segredo da mulher que amo. Porra, mas eu devia saber. Estou pronto para levantar quando reparo no título, "Withstanding Me"[17] de Cristal Spears. Oh, ironia... você realmente é uma cadela.



Demoro uns trinta minutos até estar na caminhonete e a caminho da casa da Lilly. Nem mesmo espero que a Melissa esteja lá, mas preciso falar com alguém que não seja um dos meus amigos. Necessito de alguém do lado dela, que a entenda.

Já que é terça-feira e Cohen passa as manhãs na creche para interagir com outras crianças, sei que será mais fácil ter uma conversa com a Lilly. Só espero, ansiosamente, que não me odeie quando terminar de contar tudo.

[17] Resista a mim.

— Greg? O que está fazendo aqui, querido? — Seu sorriso é brilhante quando abre a porta, mas, assim que vê o meu rosto, o sorriso morre e ela acena ligeiramente com a mão antes de a colocar sobre o peito. — Meli-Kate? Oh, Deus, minha menina está bem?

— O quê? Oh, Deus, Lilly... sinto muito. Nem pensei em como você reagiria ao me ver sozinho. Ela está bem. Só preciso conversar.

— Oh, Graças a Deus. Claro, querido. Apenas entre e deixe eu pegar a roupa na máquina.

Eu a sigo pelo curto corredor e me sento na cadeira da cozinha. Ela traz um monte de toalhas e se senta, exibindo um sorriso. — Certo, desembuche, querido. Me diga o que está na sua mente.

— Não sei nem por onde começar.

— Pela minha experiência, o melhor é sempre pelo princípio. — Fala em voz baixa e dá um tapinha na minha perna.

Então, começo. Começo pelo princípio, e falo para ela sobre Grace, como lidei com a morte da Grace, inaugurei a empresa, Izzy e os seus problemas e finalizo com Melissa. Em nenhum momento, olha para mim com desgosto. Permanece sentada, pacientemente, ouvindo meu desabafo enquanto dobra as toalhas. Espero que me chute e me mande

embora quando conto que conheci o Simon, mas simplesmente acena e continua dobrando as toalhas. Finalmente, quando concluo, me reclino na cadeira e espero por isso. Com certeza, não quer um pedaço de merda como eu, perto da sua filha.

— Você tem um coração bom, Greg. Soube no segundo em que entrou por aquela porta com o Cohen nos ombros e um enorme sorriso no rosto. Nem uma única vez, neste mês, me preocupei com a Meli-Kate. Parece que é tudo o que tenho feito, desde que perdi a minha Sofia, me preocupar com essa garota. Não estava feliz e não vivia. Vi sua felicidade voltar quando te conheceu. Então, pode ser que não entenda completamente porque não disse para ela desde o começo, mas sei que você não queria ferir a minha menina.

— Não senhora, preferiria cortar o braço a feri-la, mas foi o que eu fiz, no fim das contas. Tentando não a ferir, acabei ferindo e, agora, não faço nem ideia de como consertar isso.

— Querido, o amor verdadeiro sempre pode consertar tudo. Quando se ama alguém, tanto quanto você e a Meli-Kate se amam, não há uma única montanha no mundo alta demais para escalar, quando as coisas precisam ser consertadas.

CAGE

Respiro fundo e tento controlar a turbulência que está causando estragos no meu corpo. — Não posso perdê-la. E é simples assim. Perdê-la seria inimaginável.

— E não vai perdê-la, querido. Ela precisa de tempo para processar tudo isso. Conheço a minha menina, está ferida, mas se está se mantendo afastada, é porque precisa recompor a cabeça. Seu coração vai recompô-la rapidamente, e estará pronta para falar.

Pela primeira vez desde a ligação do Axel, hoje de manhã, tenho o pequeno sentimento que pode ser que haja alguma esperança e que ficaremos bem. Neste ponto, tenho que acreditar, porque se a Lilly não tiver razão, não sei o que farei.

— Por que você não me culpa, Lilly? — Sussurro as palavras e quase espero que não as tenha escutado.

— Te culpar pelo que, exatamente? Por sofrer uma perda terrível? Oh, querido, você é apenas uma grande vítima, como nós. Perdeu alguém que amava, e ninguém deveria te culpar pelo maneira como decidiu lidar com isso. Todos passamos pelo luto de forma diferente. Você fez o que pôde para proteger a minha Sofia, inclusive sem a

conhecer e, querido, e isso só me faz gostar um pouco mais de você. Nada disso, o que está acontecendo entre a Meli-Kate e você, ou o que aconteceu com Grace, ou com a minha Sofia, jamais, deveria estar sobre os seus ombros. Seu coração estava no local certo o tempo todo; você só não percebeu.

Não tive uma figura materna na minha vida por muito tempo e, com tudo o que aconteceu desde ontem, isso se torna demais neste momento. Saber que a própria mãe da Melissa não olha para mim e deseja que eu morra depois de saber tudo, quase me faz sentir como se tivesse sido perdoado por falhar. Pela primeira vez, desde que perdi a Grace, não sinto aquela culpa esmagadora.

— Sinto muito — murmuro, antes de me inclinar e apoiar a cabeça nas mãos. — Sinto muito — demoro um segundo para me acalmar, mas ela simplesmente continua sentada, acaricia o meu cabelo suavemente, oferecendo palavras tranquilizadoras. Não existe nada no mundo como o toque de uma mãe, mesmo quando essa mãe não é a sua.

Quando finalmente controlo o turbilhão que está girando dentro de mim, olho para cima e encontro seus olhos. Ela enxuga os olhos com uma toalha e sorri docemente. — Greg, se alguma vez tivesse havido

CAGE

alguma dúvida na minha mente, do quanto o seu coração é grande, você acabou de provar isso, sem dúvida nenhuma.



Permaneço com a Lilly por algumas horas e a ajudo a terminar algumas tarefas da casa. Preciso ficar perto dela, perto de alguém ligado à Melissa, mas também preciso do conforto que me oferece. Quando vou embora, me dá um abraço e me deseja sorte.

O último lugar para o qual quero ir, é para casa. Quero dirigir por Hope Town até encontrar a minha garota e a levar para casa. Neste exato momento, sinto que poderia dirigir até encontrar o oceano, se isso significasse que teria a minha garota nos braços. A necessidade de tê-la nos meus braços é esmagadora, mas sei que Lilly tem razão. Ela precisa de tempo. Então serei forte e darei tempo para ela.

Só estou há alguns minutos em casa, quando a porta da frente é aberta. No mesmo instante, silencio a televisão e levanto do sofá, esperando para ver quem caminha pelo corredor. Podia ser um dos caras, mas rezo para que seja Melissa.

Quando ela fica à vista, minhas pernas vacilam e quase tenho que me sentar. Mesmo vendo o quanto está irritada, ela ainda é a coisa mais bonita na qual coloquei os olhos.

— Oi — diz baixinho.

— Bela — sussurro. — Deus, baby.

CAGE

23

Melissa

Quando entro pela porta, meio que esperava que ele viesse até a mim, mas quando o encontro parado no meio da sala de estar, parecendo pior do que eu, não posso evitar de me sentir como a maior cadela do mundo por ter desaparecido. Mas, precisava de tempo. Tempo para ordenar minhas ideias e para garantir que não faça ou diga algo que vá me arrepender depois. Se o tivesse visto antes, então, realmente, não teria maneira de saber onde estaríamos agora. Só sei que não seria bonito.

Parece que ele passou pelo inferno e não saiu vencedor. Está parado ali, com a mesma roupa que saiu para o trabalho no dia anterior; o cabelo está completamente bagunçado, como se tivesse passado a mão por ele várias vezes. Mas não é a roupa ou o cabelo que me fazem congelar; são os olhos. Os brilhantes olhos azuis pelos quais me

CAGE

apaixonei, exibem um olhar destroçado. O rosto bonito está pálido. Com a barba de um dia inteiro por fazer, e os olhos injetados têm círculos escuros embaixo deles. Minha noite pode ter sido difícil, mas algo me diz que a noite dele foi ainda pior.

Ficamos parados por alguns minutos, nos sentindo inseguros onde estamos, mas quando vejo uma lágrima deslizar pela sua bochecha, encurto a distância. Largando as chaves e a bolsa no chão, me apresso e corro para os seus braços.

— Sinto muito, sinto muito mesmo — sussurra, de maneira entrecortada, contra o meu cabelo.

— Eu sei — e sei, depois de despejar tudo ontem à noite e sentir como se o meu mundo tivesse acabado. Quando acordei esta manhã, a dor tinha desaparecido, mas não a raiva. Sei, no fundo do meu coração, que Greg nunca me machucaria intencionalmente, mas ainda dói. Apesar de todo aquele lixo que a Mandy jogou aos meus pés, ontem à noite, sei que não poderia dito tudo aquilo para ela. Podia ter mencionado o Simon, em alguma oportunidade, mas nunca teria falado sobre mim... sobre nós, dessa maneira. É mais fácil começar a entender sua motivação, quando começo a pensar nisso.

CAGE

Depois que pedi à Emmy para me buscar hoje de manhã e me levar até o Heavy's para pegar meu carro, dirigi direto para a lápide da Fia e falei com a única pessoa que sabia que me compreenderia.

Horas. Passei horas deitada na grama fresca junto ao túmulo da minha irmã e conversei com ela. Não é fácil conversar com alguém que não pode responder, mas precisava dela e este era o melhor lugar.

Quando terminei a conversa com a lápide fria da Fia, percebi uma coisa. Aquele homem faria qualquer coisa para me proteger. Protegeria meu corpo com o dele. E protegeria meus sentimentos e meu coração, escondendo algo que poderia ser prejudicial. Sabia que ele estava fazendo o que achava que era certo. Não é o certo a fazer, mas é o que é.

No final, tive que perguntar a mim mesma se poderia viver sem este homem na minha vida, só porque me escondeu uma coisa. E não, não, de jeito nenhum, vou abrir mão dele e do que temos só por causa disso.

— Achei que você não ia voltar — murmura contra o meu pescoço. Me dá um beijo suave e inspira com força. — Teria caçado você para o jantar; te dar espaço foi a coisa mais difícil que já fiz em muito tempo.

— Eu sei. Precisava clarear as ideias.

— Eu sinto muito. Você não tem ideia do quanto lamento não ter contado, mas estávamos apenas nos conhecendo e não sabia como ia lidar com isso, baby. Pretendia te contar, só não sabia como — seus olhos estão buscando os meus, implorando que escute as suas palavras. — Machuquei você e isso está me comendo vivo.

— Pare, por favor? — Seus lábios se fecham e levanto a mão para passar os dedos sobre eles, delicadamente. Seus olhos seguem suplicando, pedindo o perdão que não precisa. — Agora entendo por que fez isso e está tudo bem. Esta noite estava tão enterrada na minha cabeça, que teria sido terrível se tivesse vindo para casa direto. Lamento muito fugir, mas tinha que fazer isso. Sei que parece infantil, mas eu tinha que fazer isso.

— Tinha medo que me culpasse. Porra, estive me culpando durante todos esses anos, então por que você não faria isso? — Estou claramente confusa agora, porque não consigo entender por que deveria culpá-lo por não me dizer que conhecia o Simon. Claro, a ideia que poderia ter evitado, de alguma forma, a morte de Fia, passou pela minha

cabeça na noite anterior, mas até eu mesma sei quão ridículo isso é à luz do dia.

— Bebê, como poderia culpar você? Por ter dificuldades para enfrentar a perda da sua irmã? Também tive; inferno, ainda tenho. Por não me dizer sobre a nossa conexão com aquele filho de uma cadela? Não te culpo por isso. Entendo que achava que era o melhor, e baby... não posso afirmar com certeza, mas se tivesse revelado antes, poderia ter enlouquecido.

— Não torna isso correto, Bela. Machuquei você. — Suas palavras acertam o meu coração, e o amor que sinto por esse homem apenas cresce. Se partiu em pedaços porque me machucou, indiretamente. O que quer que seja que fiz para merecer um homem como ele, me sinto abençoada por ter recebido um presente desses. Coloco as mãos em ambos os lados do rosto angustiado e o puxo para baixo, até os meus lábios. Apenas um toque suave das nossas bocas, mas o suficiente para que ele sinta o meu amor e a segurança de que estamos bem.

— Meus sentimentos foram feridos, mas, Greg, não pode me proteger de tudo. Inclusive, vai ferir meus sentimentos de vez em

CAGE

quando. O que é importante, é que não esconda nada de mim. Somos uma equipe e, de agora em diante, é honestidade completa, ok?

— Te amo tanto, baby — diz em voz baixa, antes de me beijar profundamente.

Continua devorando meus lábios em um beijo que quase deixa hematomas. Está liberando tudo o que sentiu nas últimas vinte e quatro horas, e despejando neste beijo. Me sinto possuída, amada, apreciada e marcada. Suas mãos são frenéticas contra o meu corpo, puxando minha blusa sobre a cabeça e, na pressa para desabotoar meu sutiã, arrebenta o fecho. Faz uma pausa, que é tempo suficiente para tirar a camisa pela cabeça, e me permite tirar o jeans e a lingerie. Antes mesmo de conseguir piscar, ele me encosta na parede e seus lábios estão, mais uma vez, nos meus. As mãos deslizam pela minha pele, fazendo-a formigar e um arrepio atravessa o meu corpo. Amo a sensação do corpo duro contra a minha suavidade. Como os músculos parecem tão firmes contra a ponta dos meus dedos.

Meus lábios estão doloridos e inchados, quando ele recua e fixa os olhos nos meus. Não se parece em nada com o homem que vi, quando entrei pela porta. Este homem parado na minha frente, é a minha fera.

— Preciso mostrar o quanto te amo, Bela.

Depois dessa frase, fico confusa quando ele fica de joelhos, mas quando sinto as mãos segurarem os meus quadris e me levantarem, faço a única coisa que posso. Empurro as costas contra a parede e envolvo as pernas ao redor dos ombros dele. Ele não perde tempo, agarra minha bunda com força e pressiona a boca na minha boceta. Segundos mais tarde, minha mão aperta o seu cabelo e o puxo para perto, enquanto o prazer me percorre. Ele segue sugando e lambendo, me puxando ainda mais perto da sua boca.

— Baby, não aguento, não aguento — choramingo.

— Você vai aguentar — diz, contra a minha boceta gotejante. — Você consegue.

Me levanta ainda mais alto e mete a língua profundamente, a deslizando lentamente até o clitóris e rodeando o botão inchado, antes de tomá-lo nos lábios e chupar. Repete o processo duas vezes, e então estou gritando diante do segundo orgasmo. Posso sentir minha umidade no rosto dele, quando vira a cabeça e beija cada uma das minhas coxas, antes de me ajudar a ficar de pé. Mais como ajudar a me apoiar contra a parede, então se levanta.

— Quando você tirou a calça? — Pergunto, quando está totalmente erguido e o pau ereto e orgulhoso está entre nós. Os piercings na ponta se destacam sobre o estômago plano, batendo contra o umbigo. Lambo os lábios e solto um gemido.

— Entre a primeira e a segunda vez que gozou na minha língua. Não sentiu que me afastei?

— Hum, baby... estava um pouco ocupada.

— Sim e foi delicioso — se aproxima novamente, me levanta e coloca minhas pernas ao redor dos quadris dele. A grossa ereção busca, imediatamente, a minha entrada. — Veja eu te amar — recua um pouco os quadris, estendo a mão entre nós e o guio para dentro de mim. Me penetra profunda e rapidamente, com uma só estocada, e minha cabeça volta a cair com um golpe seco contra a parede.

Com as mãos dele nos meus quadris e as minhas nos seus ombros, nossos lábios se conectam e nossos corpos se unem. Nos movemos como se já fizéssemos essa dança de acasalamento há muitos anos. Não demora muito antes de se afastar para me olhar nos olhos, e o amor que vejo refletido neles é suficiente para me levar ao limite. Me puxa para

CAGE

baixo e empurra os quadris algumas vezes antes de sentir seu gozo quente contra as paredes da minha boceta.

— Você é uma fera — falo baixinho no ouvido dele antes de mordiscar o lóbulo levemente.

— Mas eu sou a sua fera, e baby... toda Bela necessita de uma Fera.

— Sim, tenho certeza disso — sorrio e coloco os braços ao redor do seu pescoço. — Te amo.

— Também te amo. Muito, baby — o fôlego quente atinge o meu pescoço e, com nossos corpos ainda unidos, sei que vai ficar tudo bem. Nosso amor pode ser novo, mas é poderoso o suficiente para vencer.

CAGE

24
Melissa

(3 meses depois)

Despertar fortemente segura pelos braços do Greg é a melhor sensação do mundo. Mesmo enquanto dorme, mantém os braços apertados ao redor do meu corpo e as pernas enroladas nas minhas. Minha fera. Sempre pronta para qualquer coisa.

Levanto o braço dele, desenlaço minhas pernas das dele e deslizo para fora da cama lentamente. Quando me viro para olhar para ele, esperando encontrá-lo dormindo, seus olhos estão abertos, me olhando com um vislumbre de humor dançando nas suas profundezas.

— Aonde você vai, Bela? — Sua voz está rouca de sono e apenas o som dela dispara direto pelo meu corpo.

CAGE

Deslizando uma das suas camisas sobre a cabeça, me viro e tento manter o rosto sério, mas falho, depois de alguns segundos, apenas. — Você podia, pelo menos, tornar mais fácil eu escapulir e fazer o café da manhã para você.

— Baby, sério? Você já está na cama, então isso vai contra o propósito de me dar o café da manhã, quando você *sai* da cama.

Esse. Homem.

— Odeio apontar o óbvio, mas crianças de três anos de idade não dormem até tarde. Desde que já passam das oito, acho que temos sorte por ele ainda não ter entrado correndo — Greg geme e se vira, diante da lembrança que o Cohen está no final do corredor. — Creio que escuto pequenos passos, baby. Talvez queira levantar e colocar uma calça. Estou imaginando que, se o Cohen der uma olhada no tamanho do seu pau, vamos ter perguntas durante dias, sem mencionar essas deliciosas decorações que você está exibindo aí.

Ele se levanta, sorrindo, mas antes de pegar a cueca e se cobrir, me segura nos braços e me dá um tremendo beijo de bom dia. Exatamente quando estamos nos afastando, a porta se abre de supetão, batendo contra a parede, e Cohen entra voando. Com capa e tudo.

CAGE

— Melwee? — O que você está fazendo? Por que o Greg não está usando sua cueca de cara grande? Por que o Greg não está vestido? Também quero ficar nu! Você vai ver o pintinho dele e a Nana disse que garotos não devem mostrar seu pintinho para as garotas. É feio. E você fica de castigo. — Às vezes, me pergunto se respirar é, inclusive, uma necessidade para uma criança de três anos. Quero dizer, ele quer que eu responda a isso? Acho que não.

Posso sentir o Greg rindo contra as minhas costas, tratando de se esconder atrás do meu corpo, para que não tenhamos ainda mais cem perguntas do Cohen.

— Um pouco de ajuda aqui? — Sussurra no meu ouvido.

— Cohen, você escutou isso? Acho que tem um ninja lá embaixo! Vamos dar uma olhada. — E como mágica, ele está correndo para fora. Não precisou de muito. Uma menção de caras maus com os quais lutar e está, instantaneamente, pronto para proteger o mundo. Me surpreende diariamente, quanto o Cohen está se transformando em um mini Greg. Depois de anos sem figuras masculinas na sua vida, me sinto mais que abençoada por ser capaz de dar isto a ele.

Nos últimos três meses, o vínculo entre Greg e o Cohen se transformou em algo que nem tenho como mensurar. Ele fica mais tempo aqui do que com a minha mãe. Tem semanas que tenho que obrigá-los a se separar porque Greg não quer deixar ele ir. Esqueça a criança de verdade; tenho que lidar com um homem de trinta e cinco anos fazendo birra porque seu pequeno companheiro vai para a casa da Nana.

— Encontro você lá embaixo, baby — dou um rápido beijo nele, antes de sair para encontrar o meu pequeno guerreiro.

Desde o incidente com a Mandy, Greg e eu ficamos ainda mais próximos. Parece estranho termos formado este tipo de relação tão rapidamente, mas, quando estamos juntos, ninguém mais no mundo importa. Uma vez ele me disse que eu era a peça que faltava no seu quebra-cabeças e não estava errado. Como cheguei a pensar, uma vez, que seria capaz de resistir aos encantos deste homem, está muito além da minha capacidade.

Mandy já não é mais um problema, graças a Deus. Greg encontrou o pai dela. Está no alto escalão político, e a última coisa que precisa, é que sua filha cause problemas. Greg ligou para ele e explicou a situação.

CAGE

Segundo o queridíssimo papai, a razão pela qual está quieta por tanto tempo, é porque ele a colocou em algum tipo de programa de tratamento do transtorno bipolar severo. Pessoalmente, acredito que podiam a avaliar para mais algumas merdas. De jeito nenhum vou engolir essa desculpa. Esteve a dois passos de se converter em uma assassina em série e enfiar o Greg em um buraco, fazendo-o "aplicar a loção" a cada poucas horas, como aquele cara do filme *Joe Dirt*[18].

De qualquer maneira, não me importa o que vai acontecer com ela, desde que nos deixe em paz de uma vez. Claro, seria agradável ver sua bunda na cadeia, se convertendo na cadela de alguém, mas quero que isso acabe. Quero que ela desapareça, assim posso desfrutar o meu felizes para sempre.

A guarda estará sempre levantada quando se trata dela, mas na maior parte, estamos prontos para seguir adiante.

Uma semana depois de termos nos reconciliado, com a melhor maratona de sexo contra a parede, cancelei o contrato de aluguel do meu apartamento e me mudei. Do meu ponto de vista, a vida é muito curta

[18] Filme de comédia e aventura lançado em 2001.

CAGE

para ficar sentado e não viver cada minuto como se fosse o último. Greg é o meu futuro e não vou esperar para começar a vivê-lo.

Passamos muito tempo falando de nossas irmãs e como achamos que elas deram uma mãozinha para nos encontrarmos. Se foram elas, o destino ou apenas a sorte, ambos concordamos que somos mais do que afortunados.

Minha mãe concordou que, já que as coisas indo tão bem entre o Greg e eu, está na hora de, finalmente, atender o desejo da Fia, e eu ficar com a guarda do Cohen. Não há nenhum problema ao dar início ao processo, mas ainda há obstáculos a superar até conseguirmos. Independentemente do tempo que vai levar, logo, o meu garotinho vai chamar essa casa de lar. É difícil dizer quem está mais emocionado, eu ou eles.

Tivemos a primeira reunião com o serviço de proteção à criança na semana passada, e Greg estava confiante de que tudo correria bem. Podemos proporcionar uma vida estável e confortável para o Cohen. Ambos somos jovens e não temos manchas em nossos passados. Ajudou bastante descobrimos que a senhora que veio fazer a primeira entrevista em nossa casa, tem um filho nos Marines. Quando Greg mencionou que

CAGE

estava honrado de conhecer a mãe de um homem tão valente, achei que ia parar por ali. Mas começaram a falar sobre várias preocupações que ela tinha sobre o filho estar no exterior, e acabou evoluindo para uma daquelas conversas que se tornam tão emotivas, que tive que pedir licença. Quando ela partiu, Greg me deu a segurança que eu necessitava, mas se isolou por algumas horas.

Conversamos sobre a época em que prestou serviço, mas geralmente é muito lacônico nas suas respostas. Uma vez me disse que não é que não queira me contar, mas, simplesmente, não pode. É um homem orgulhoso e nunca deixa de dizer que estava apenas servindo o seu pais, mas não gosta de falar sobre isso. Os detalhes nunca são profundos; apenas mal falamos sobre como se sentiu durante aqueles oito anos. É uma dessas coisas sobre as quais vai falar se pedir a ele, mas posso ver a dor que está lá, por isso não pergunto muitas vezes.

Passo pelo novo quarto do Cohen no final do corredor e caminho para o andar de baixo com um sorriso no rosto. Ainda não podia acreditar no tanto que a minha vida mudou em poucos meses.

Que tal isso para viver, Fia?

CAGE

— Melweee! Peguei, peguei todos! Posso comer Coco Puffs[19] esta manhã?

— Bom para você, C-Man! — Ofereço a ele a palma da mão levantada, na qual bate com a dele, e prossigo para a geladeira. — Nada de Coco Puffs, bebê. Vamos fazer o favorito do Greg, hoje. — Me viro esperando um sorriso, porque diante da menção das panquecas com pedaços de chocolate, essa é normalmente a reação que ele tem. Mas está sentando na mesa apenas me olhando. Sem mostrar nenhuma emoção, mas as pequenas sobrancelhas estão franzidas e os lábios estão fazendo biquinho, em uma adorável careta que sempre faz quando está pensando.

— O que está se passando nesse supercérebro? — Pergunto, começando a preparar o café da manhã. Fica em silêncio por tanto tempo, que paro o que estou fazendo e olho para ele. Ainda está na mesma posição. — Cohen, querido, o que está acontecendo? — Largo

---

[19] Na realidade, o nome é Cocoa Puffs, um cereal que se come no café da manhã, como Sucrilhos;



tudo, apago a chama do fogão, dou a volta no balcão e me agacho no chão, diante dele.

— Melwee, por que não tenho um pai? — O tom normal, feliz e despreocupado, que está sempre presente foi substituído por um tipo de tristeza, que acredito nunca ter escutado na voz do meu sobrinho.

— Oh, Cohen, quando era bebê você teve um pai e ele te amou muito — quase engasgo ao pronunciar as palavras. — Mas seu pai agora é um anjo, lembra? Ele e a sua mãe são anjos, e Deus disse que são os anjos mais sortudos em todo o céu, porque estão sentados na nuvem mais brilhante e cuidam de você.

— Mas por que o meu pai não pode vir brincar comigo, como o Greg brinca? — Pergunta com toda a inocência de uma criança.

Me levanto e o pego nos braços, antes de sentar na cadeira em que ele estava.

— Cohen, querido, às vezes, Deus quer que as pessoas aprendam a voar, mesmo que não estejam prontas. Ele queria que o seu pai tivesse asas e voasse para poder ser um anjo no céu. Quando as pessoas conseguem suas asas e vão para o céu, não podem voltar e brincar

CAGE

conosco. Sei que não é justo, querido, mas não quer dizer que o seu pai não te ama.

— E a mamãe. Não se esqueça da mamãe. Ela também me ama, você disse. Ela me ama até a lua, as estrelas e tudo mais.

— Claro que ama, homenzinho — dou um abraço nele e, com os pequenos braços ao redor do meu pescoço, levanto a mão e seco uma lágrima que escorre pela minha bochecha. Exatamente quando estou prestes a me levantar, ergo o olhar e encontro os olhos do Greg, que está parado na porta, nos olhando com um pequeno sorriso. Começo a retribuir o sorriso quando a próxima pergunta do Cohen me faz parar.

— Então, isso significa que Greg vai ser o meu pai? — Os olhos do Greg se arregalam levemente e sua boca forma um "O". Eu, pelo contrário, permaneço parada e silenciosa. — Melwee, agora o Greg pode ser meu papai e você minha mamãe? Realmente quero ter um papai, mas só se você puder ser a minha mamãe.

— Oh, querido — sussurro e o abraço de novo. Não percebo quão apertado o estive abraçando, até que ele sorri e pula do meu colo.

— Seu rosto está engraçado, Melwee — sorri e quando se vira e vê o Greg parado ali, seu pequeno corpo inteiro se ilumina e sai correndo.

CAGE

— GREG! Você ouviu? Você vai ser o meu pai, porque quero ter o melhor pai do mundo.

— Sim, C-Man, ouvi. Acredito que é o melhor presente que alguém já me deu — se inclina para a frente e dá um beijo na cabeça dele, antes de bagunçar seu cabelo. — Corra para o banheiro e lave as mãos bem rápido. Tenha certeza de retirar todos os germes daqueles ninjas nojentos.

— Está bem... pai — sussurra a última palavra e corre para o lavabo, ao lado da entrada da garagem.

Meus olhos não deixaram os do Greg, e quando vejo que seus olhos começam a ficar pesados com a umidade não derramada, perco o controle. Tenho certeza que pareço um desastre e Cohen teria o grande prazer de lembrar quão engraçado está o meu rosto agora.

— Bela, venha cá — o rugido suave enche meus ouvidos e corro para os seus braços.

— Você está bem? — Pergunto, quando me acalmo.

— Muito melhor do que bem. O momento mais importante da minha vida, junto com aquele em que te conheci, foi ouvir aquele menino me chamar de pai. Eu o amo tanto quanto amo você, Melissa, e

esse momento é um daqueles para celebrar. Pare com as lágrimas. Ok, baby?

— Você está feliz? — Quando olho para cima e vejo os olhos claros e o sorriso que me cega, sei que aqui, na nossa cozinha, com o cheiro de panquecas com pedaços de chocolate no ar, acabamos de nos transformar em uma família.

— O homem mais feliz do mundo.

— Te amo — sussurro.

— Também te amo, Bela. Agora vá para lá e faça um pouco de comida para os seus homens.

Me viro, soltando uma gargalhada, e salto levemente quando ele dá uma palmada na minha bunda, mas quando escutamos o sorriso do Cohen, ambos olhamos para ele.

— Eu disse que você ia ficar de castigo! Você não deveria olhar o pintinho, Melwee!

Passamos o dia no Georgia Aquarium e passamos bons momentos, só nós três. Isto é bastante normal para um domingo quando

sabemos que o Cohen vai ficar na casa da minha mamãe durante a semana. Greg tem um monte de trabalho no escritório e vai pegar o Cohen dali a alguns dias. Agora que começamos a ficar mais e mais com o Cohen em casa, está ficando mais difícil o deixar com a minha mãe. Sei que ela também vê isso, mas estamos administrando.

Esta noite vamos para um jantar "familiar" com a equipe da Corps, no Heavy's. Isto também é algo que começamos a fazer, pelo menos, uma vez ao mês. Parece que esses homens ficam loucos, quando ficam muito tempo sem sair para tomar uma cerveja. Isso funciona perfeitamente para as garotas do grupo. Sejamos realistas, há uma quantidade de tempo que você pode passar no telefone com as mesmas garotas, em chamadas de grupo, gritando uma com a outra.

Somos os últimos a chegar e nos acomodar na mesa. Nossas cadeiras ficam exatamente na frente da Izzy, do Axel e do Nate. Junto à Izzy, está a Dee, e do outro lado do Axel, está o Coop. Dou um leve empurrão no Maddox, quando me sento, e recebo uma elevação do seu queixo como cumprimento. Emmy está do outro lado do Coop, junto ao Greg. Cohen sai do nosso lado imediatamente, para se sentar ao lado do Nate. Apesar do Nate ter acabado de fazer um ano, é o melhor amigo do

Cohen. Quando Cohen está por perto, o rosto do Nate nunca deixa o dele.

— Izzy, quanto você quer apostar que esses dois já estão conversando sobre as formas de deixar nosso cabelo grisalho, no futuro? — Sorrio quando suas cabeças se aproximam e Cohen começa a gaguejar para um Nate sorridente.

— Não duvido, amiga. Você parece feliz hoje — acena para o Greg e dá uma piscada.

— Oh, sim, te conto amanhã, ok? — Sorri e olha por cima do meu ombro para o outro lado da sala. Me viro para ver o que chama a sua atenção e observo, surpresa, quando o Beck se inclina sobre uma atraente mulher no bar, para lhe dar um beijo. Bom, isso explica o olhar no rosto da Dee.

Me virando, vejo o olhar arregalado da Izzy. Ouvi dela e da Emmy, que a maneira dele forçar a Dee a admitir que tem, de fato, sentimentos por ele, é fazer ela sentir ciúmes. Izzy acena levemente com a cabeça e, imediatamente, muda o assunto para os planos de todo o mundo para o Halloween.

Olho para a Dee, enquanto as outras pessoas na mesa falam sobre fazer algum tipo de festa; não, obrigada... odeio Halloween. Seus olhos não se desviaram do Beck, mesmo quando regressa para a mesa e se senta entre o Greg e a Emmy. Apenas segue enviando seus olhares mortais. Depois de alguns minutos, respira fundo e se une à conversa ao redor.

Crise evitada, aparentemente.

— Pai ! — Levo um segundo para perceber que isso vinha da nossa mesa. Quando percebo que todo mundo parou de falar ao nosso redor e que Greg aperta com força a mão que está apoiada na minha coxa esquerda, vejo que a voz, de fato, veio da nossa mesa.

— Sim, amigo ? — Cohen pergunta.

Demoro um segundo para olhar os rostos ao redor da mesa. Dee parece confusa, o que é compreensível, já que tenho certeza que sua mente ainda está processando a última tentativa do Beck de deixá-la com ciúmes. Izzy já tem lagrimas deslizando pelas bochechas. Axel, Emmy e Coop, têm todos, a mesma expressão surpresa, mas feliz. Beck ainda está olhando para Dee, então é seguro dizer que ele nem percebeu. Termino de examinar todos e olho para o Maddox, do meu lado. Pela primeira

vez, desde que o conheço, seu rosto exibe um sorriso brilhante, o tipo de sorriso que transforma por completo o seu rosto, de inacessível para pecaminosamente lindo.

Uau.

— Quando for grande como você, meu pintinho também vai ser grande? — Jesus Cristo. Sério, que maneira de acabar com esse momento, menino.

Greg, apesar de tentar, não consegue conter o riso diante da pergunta do Cohen. Logo, toda a mesa está rindo. Vejo o Maddox se inclinar, se movendo para frente até o Cohen, e logo o observo sussurrar algo no ouvido dele. Cohen sorri e sacode a cabeça rapidamente, algumas vezes. Sua pequena mão se ergue e bate os cinco dedos contra a enorme mão do Maddox, antes de voltar para sua conversa com o Nate.

— O que você disse? — Pergunto ao Maddox em voz baixa, quando se reclina na cadeira.

Ele coloca os olhos negros sobre mim, aquele sorriso brilhante ainda presente.

— Disse para ele comer todas as verduras e ser um bom garoto, então terá o maior pinto da cidade.

CAGE

Fico parada, boquiaberta, completamente surpresa por acabar de receber não somente um sorriso, mas também uma piada desse homem, antes de jogar a cabeça para trás e sorrir. Greg envolve o braço ao redor dos meus ombros e me puxa para perto. Demoro algum tempo para parar de rir e ser capaz de me sentar e desfrutar do nosso jantar de família.

Não ficamos muito tempo, mas quando estamos saindo, recebo um longo abraço da Izzy, com promessa de uma ligação amanhã de manhã. Axel e Greg dão aquele abraço típico dos homens durante alguns minutos, e posso ver a cabeça do Axel se mover para poder falar no ouvido do Greg. Quando se afastam, vejo a mão do Greg subindo e limpando os olhos. Vou deixar que tenha seu momento. Sei que este dia significou muito para ele, então, ser chamado de pai pelo Cohen perto das pessoas mais próximas a ele, tem que estar o afetando emocionalmente.

Chegamos na casa de minha mãe com tempo suficiente para dar banho no Cohen e o colocar na cama. Enquanto Greg lê uma estória, conto para a mãe o dia que tivemos. Ela tem lágrimas nos olhos quando Greg volta, mas não diz nada. Fazemos planos para jantar daqui a alguns

CAGE

dias e vamos embora pouco depois que o Cohen dorme. Quando me dá um abraço de despedida, sussurra no meu ouvido como está feliz do Cohen, finalmente, ter um pai que vale a pena.

A viagem para casa é feita em silêncio, mas é confortável. E quando chegamos em casa, o silencio continua, até que o Greg me tem nua, montando os seus quadris e gritando seu nome.

O final perfeito para um dia perfeito.

CAGE

25

Melissa

Quando o telefone me desperta de um sono profundo, pulo na cama e quase caio de lado. Greg já está se esticando e pegando o telefone no criado mudo, enquanto me endireito na cama e acalmo um pouco o meu coração.

Jesus, quem, diabos, liga às quatro da manhã?

— Cage — o escuto murmurar. Em um momento de silêncio, sua voz perde a rouquidão do sono e grita as seguintes palavras com tanto ódio, que meus olhos vão se viram abruptamente para ele, com terror.
— O. Que. Você. Disse?

Quando joga os cobertores para o lado, lança uma blusa na minha direção e começa a colocar a própria roupa, sei que esta não é uma agradável chamada de despertar. Aconteceu alguma coisa. Nunca me tiraria da cama dessa maneira.

— Quando? — Grita ao telefone, paralisado como se fosse de pedra, a calça na altura dos joelhas e me olha. Quando vejo o medo nos seus olhos, sei que não é nada bom. — Vá para lá agora, Coop. Chame a polícia no caminho e descubra o que puder — arremessa o telefone, e depois de pegá-lo no chão, caminha até mim. — Baby, vai ficar tudo bem, ok?

— Você está me assustando, Greg — apenas olho para ele e espero que fale tudo. — Quem era?

— Ligaram para o Coop, da companhia de vigilância que cuida do sistema de segurança da sua mãe. Lembra do sistema que coloquei há alguns meses? Está conectado direto com nossos servidores, assim reportam todas as ligações, tanto para nós quanto para as autoridades locais. Merda, baby. Alguém apertou o botão de pânico. Coop ligou para mim primeiro, mas não sabe de mais nada. Vista-se e vamos nos assegurar que esteja tudo bem.

Quando claramente não posso forçar os movimentos por mim mesma, me ajuda a colocar a roupa e me guia até a caminhonete. Fazemos a viagem até o bairro onde vive a minha mãe em menos de dez minutos. Quando entramos na sua rua e vejo a casa toda acesa, e os

CAGE

veículos de emergência ao redor, meu coração para e sei que vou vomitar.

— Pare a caminhonete! PARE AGORA! — Grito e coloco a mão na boca. Estaciona e para o carro. Quando chega ao meu lado, já despejei o que tinha no estômago, na calçada.

— Baby, fique aqui e me deixe ver o que está acontecendo, ok? — Sei que está tentando fazer o que é melhor, mas não, é a minha família que está naquela casa.

— NÃO! Vamos fazer isto, juntos. Preciso saber, Greg. Preciso saber o que está acontecendo e não posso estar sem você quando souber.

— Certo. Vamos, baby, e fique do meu lado.

Andamos os poucos passos restantes até onde está a fita de isolamento da polícia. Tenho que lutar contra cada instinto que me diz para correr até a porta da frente, para encontrar minha mãe e o Cohen e garantir que estejam bem. Ele olha ao redor por alguns segundos, até que o escuto chamar alguém. Não ouço as palavras, meus olhos estão focados, apenas, na porta principal, enquanto uma dezena, ou algo assim, de homens uniformizados entra e sai da casa da minha mãe.

CAGE

Nem sequer percebo que estou tremendo até que Greg me puxo para o seu lado e me envolve nos braços. Posso sentir sua voz contra minha orelha, mas não consigo decifrar as palavras. Depois de alguns segundos, sinto seu corpo ficar tenso e olho nos seus olhos.

Mesmo na escuridão da noite e das estranhas sombras que as luzes piscando criam no seu rosto, posso dizer que sua pele perdeu toda a cor. Parece pálido, vazio e ferido.

— O quê? O que foi?

— Temos que ir para o hospital, baby — abaixa o olhar até mim e posso ver no seu olhar, que não está me dizendo tudo.

— Me diga agora, Greg. Não posso suportar não saber — as lágrimas já estão voltando rapidamente e posso sentir os soluços começando a se formar. — Me diga agora, cacete! — Grito.

— Sua mãe, baby, foi ferida, e temos que ir para lá — ainda não está me dizendo tudo. Suas próprias lágrimas estão começando a encher seus olhos e pisca algumas vezes, tentando se recompor o melhor que pode. — É o Cohen, baby, ele... não está aqui.

Não escuto mais nada depois disso. Sinto meu corpo receber onda após onda de arrepios de gelar os ossos. Escuto o Greg chamar o meu

nome e o sinto estender as mãos para me segurar, enquanto minha visão se turva e meu corpo cai.



Pela milionésima vez, olho para Melissa, o corpo dobrado, os braços segurando fortemente as pernas, exatamente como nas últimas nove horas. Parece tão pequena, sentada ali, na fria sala de espera do hospital. Com as pernas levantadas e pressionadas fortemente contra o corpo e os braços as mantendo no lugar, abraçando a si mesma, os olhos olhando para longe, mas sem ver nada. Nem mesmo acredito que esteja, emocionalmente, aqui na sala.

Maddox e Cooper acabam de trazer notícias que eu não queria ouvir. Parece que o Simon Wagner consegue nos alcançar, inclusive do seu túmulo. O sistema de monitoramento que havia instalado na casa da Lilly é o melhor dos melhores. Tínhamos aprendido uma importante lição, depois do que tínhamos passado com ex marido da Izzy, um ano

atrás. Agora, tem uma câmera em cada ponto de entrada da casa. Quando se trata da minha família, não vou correr nenhum risco.

Maddox pegou as fitas de segurança e, quando verificou o que aconteceu com o Cohen, fui a primeira pessoa com a qual ele falou. Parece que Susan Wagner não foi embora tão silenciosamente, como pensamos anteriormente. Explicou que, na gravação, está caminhando com um homem não identificado e, depois de uns minutos trabalhando na porta, conseguem entrar. As coisas ficam silenciosas durante uns cinco minutos, antes de sair correndo com o Cohen nos braços. Não tenho como afirmar, mas posso dizer pelo tom da voz dele, que não tinha sido bonito. Só sei que o Cohen estava acordado, alerta e parecia ileso.

Essa é a pouca segurança que tenho, agora mesmo.

O homem que tinha entrado na casa com Susan Wagner tinha permanecido outros dez minutos, ou algo assim, lá dentro, antes de sair. O mais certo é que a Susan o deve ter contratado para cuidar da Lilly, enquanto ela pegava o Cohen. Coop estava monitorando os rádios da polícia, mas até agora eles não tinham aparecido. Foi emitido um alerta

CAGE

Amber[20] enquanto falamos, mas todos temos medo que seja muito tarde para evitar que cruzem as fronteiras do estado.

Antes de saírem, me informaram que, depois de investigar os antecedentes da Susan, sua melhor suposição é que está se dirigindo para o oeste da área de Las Vegas, a última localização conhecida da sua irmã, Ann.

Lilly está em cirurgia nas últimas oito horas e não parece bem. Quando Izzy chegou, algumas horas atrás, fui buscar alguma informação sobre Lilly. Tinha esperado dar alguma esperança para a Melissa, mas essa ideia se foi rapidamente, quando descobri quão grave era a situação.

Sofreu não somente uma pancada na cabeça, mas também múltiplas facadas, e vários órgãos vitais tinham sido afetados. Não parecia bem, mas não podia perder a esperança, e com certeza, não podia mostrar o quanto estava morrendo por dentro, quando tinha que ser forte para minha garota.

[20] Sistema de notificação de menores de idade desaparecidos, implementado em vários países desde 1996. AMBER é s sigla para America's Missing: Broadcasting Emergency Response.

CAGE

A única coisa que posso fazer agora é garantir que o nosso menino volte para casa.

Caminho até a Melissa e me ajoelho na frente dela. Seus olhos encontram os meus, mas não têm foco, até que eu diga seu nome várias vezes.

— Bela, vou fazer uma ligação. Izzy vai ficar aqui com você, ok?

Apenas olha nos meus olhos e toda a luz, que normalmente está brilhando ali, já não está. Seus olhos são inexpressivos e sua expressão está imobilizada, em tensa aflição.

— Ok, baby, volto em seguida — me inclino para a frente e beijo a sua testa, deixando meus lábios sobre ela por alguns segundos, antes de me levantar. Aperto o ombro da Izzy e caminho para o corredor.

Só existe um homem que pode me ajudar, agora. Se Susan Wagner levou o Cohen, ameaçou a minha família e possivelmente tirou a vida da mãe da minha mulher, não vou me deter diante de nada, até me garantir não apenas de ter de volta o Cohen, mas que a fodida Susan Wagner não vai se atrever a ameaçar a minha família de novo.

Levo alguns segundos para me controlar suficientemente, para discar um número para o qual não ligo há anos.

— Breaker — escuto através da linha.

— É Cage. Break... neck. Caralho, Breakneck. — Espero, me afogando na preocupação que ameaça escapar. Depois que perdi a Grace e fui embora, me juntei com Braxxon Breaker, no Oeste. Seu clube de motoqueiros estava fazendo uma viagem de caridade e cruzamos nossos caminhos no momento correto. Depois de uma noite de festa, decidi ficar com eles por alguns dias e desfrutar dos benefícios que vinham com um monte de motoqueiros. Desde esse dia, sei que tenho um irmão, por toda a minha vida, em Braxxon Breaker e só porque se passaram anos, não significa que não virá correndo com uma palavra minha.

— Cage, irmão. O que houve? — Não parece irritado por eu ter aparecido na sua vida, agora. Curioso, talvez, mas não irritado.

— Me dói profundamente precisar fazer essa ligação, Braxx. Tenho um problema e não é uma situação da qual possa me encarregar. — Não preciso falar mais nada. Sabe o que estou dizendo, sem que eu precise dizer.

— Diga, irmão — fala. Escuto movimentos ao fundo, assim, espero um segundo para responder.

— Minha garota, porra... não há tempo suficiente para explicar o quão ferrado estou. O sobrinho da minha garota. A outra avó o levou, o arrancou da cama e não deixou nada bom para trás. Sua mãe está em estado crítico. O máximo que consegui averiguar é que o levou até aí. Braxx, não deixarei que mais ninguém machuque o que é meu. Nunca mais. Isso acaba agora — quando termino de falar, meu controle está escapando ainda mais. Me controlo para soar muito mais tranquilo do que, na realidade, estou. Não posso enlouquecer, não aqui, e não antes de ter o Cohen seguro firmemente nos braços.

— Cage, irmão, preciso que fale, o que precisa de mim?

— Estarei em Las Vegas em umas doze horas, no mais tardar. Tenho que encontrar o meu garoto e trazê-lo para casa. Não estaria fazendo essa ligação se não precisasse. Coloque essa merda em alerta vermelho, Braxx. — Não restará nenhuma dúvida quando isto estiver feito. Susan Wagner não vai se meter com o que é meu e sair ilesa.

Só leva um segundo antes da voz rouca e profunda chegar ao meu ouvido. — Está feito, Breackneck. Estou indo para lá. Me ligue de novo quando chegar em Las Vegas.

— Assim que aterrissar. Te devo uma das grandes, irmão — jamais terei como pagar essa dívida, mas darei, com gosto, qualquer coisa que quiser como pagamento, se isso significar que a minha família estará nos meus braços, completa e a salvo.

Quando escuto a linha ficar muda, volto para dentro e puxo Melissa para os meus braços. Continuamos sentados ali, olhando para a porta e esperando notícias da Lilly.

CAGE

26

Greg

É quase impossível me afastar de Melissa. Uma hora depois de ter ligado para o Braxxon, recebemos a notícia que sua mãe não resistiu. Segurá-la nos braços enquanto grita pela dor da perda, é doloroso. Sabendo bem demais como é perder um dos pais, a única coisa que nos resta, sei como seu coração está sofrendo. A abraço com força e sigo relembrando o quanto a amo e que encontrarei o Cohen. A cada lágrima e gemido que sai do seu corpo, meu coração se parte um pouco mais.

Quando finalmente se torna claro que ela não vai ser capaz de se acalmar por si mesma, trazemos o médico para a sedar. Ela está descansando pacificamente quando me inclino e pressiono os lábios nos dela.

Não a quero deixar quando sei que mais precisa de mim, mas o que importa agora, é encontrar o Cohen e tê-lo novamente a salvo em

seus braços. Nenhum de nós sobreviveria ao golpe de perde-lo. Com a Izzy me garantindo que vai me manter atualizado, vou até em casa, faço a mala e parto para o aeroporto.

Quando desembarco em Las Vegas, já estou acordado há mais de vinte e quatro horas. Dormir não é necessário, quando você está carregado de pura adrenalina e esperança.

Caminho até as portas e para o sol do deserto, e encaro os olhos do homem que vim ver.

Braxxon Breaker, em carne e osso.

— Braxx — digo, nem sequer levemente envergonhado quando minha voz falha. Parece exatamente igual quando tínhamos nossos vinte e poucos anos e passávamos pelas festas e pelas mulheres como se não houvesse amanhã. Naqueles dias, para mim, não havia amanhã. Porra, seria agradável encontrá-lo sem aquela nuvem de merda. — Obrigado por ter vindo, irmão.

— Cage, sem essa merda. Você fala Breackneck, meu traseiro está aqui em um segundo. Irmãos, homem, irmãos.

— Apesar de tudo, você está aqui quando não precisa estar. Você sabe o que estou pedindo e ainda assim, veio... então merece a minha

gratidão. — Teimoso filho de uma cadela, agora lembro que foi isso que nos conectou. — Você se lembra do Locke? Fez o que faz melhor e conseguiu uma área provável de onde a cadela levou meu garoto. Não vai ser fácil, pelo que posso dizer, estão se mantendo fora do caminho. — Observo seus olhos e vejo se essa informação o incomoda. Não tenho certeza do porquê pensei que incomodaria, mas tenho que ter certeza que está disposto para o que necessito.

Se afasta da caminhonete branca na qual está encostado e anda os poucos passos que nos separam. Me oferece um pequeno sorriso, os piercings nos seus lábios brilhando sob a luz do sol.

— Essa localização geral, sabe quantas existem por aí? Necessito de números, irmão. Trabalho melhor com números — sua voz é firme, mas cheia do calor que preciso e o poder que colocará por trás da sua promessa. Você fala Breackneck e é sua prioridade principal. Ele necessita do seu suporte, mas isso não esconde a confiança que vem alta e clara no seu tom.

— Caminhonete — digo e movo a cabeça até o veículo. — Legal, Braxx, tudo o que necessitamos é de uma sacola de doces, agora. — Pode

ser que tenha murmurado idiota baixinho, mas anda até a parte de trás e desliza no banco.

— Essa caminhonete é quente, nenhum vestígio — afirma enquanto se instala e espera que eu continue.

— Correto, Susan Wagner, idade desconhecida e sem importância. Cohen Wagner, idade três, meu menino e meu objetivo. Ann Matthews, irmã da Susan, e a única conexão que temos com Susan e Las Vegas. Um homem de idade desconhecida também está com elas. O bastardo esfaqueou a mãe da minha mulher, Braxx; aquele filho de uma puta vai sofrer. Não acredito que tenha alguém mais ajudando. A cadela não é estúpida, mas também não é esperta.

— Bem, irmão. Seu garoto pode não ser amável comigo. Odeio dizer isto, merda, ter que dizer isto, mas você tem que vir. Entende?

— Como se tivesse que mencionar isso. A única coisa que está me impedindo de ir agora mesmo, é a ideia de que o Cohen logo estará nos meus braços.

Nos dirigimos para uma área perto de Naked City; pelo que o Coop me disse, esta área tem altos níveis de crimes, drogas e prostituição, o típico assentamento urbano, com pequenos apartamentos, lugares de merda superlotados e alguns 7-Eleven[21], espalhados aqui e ali. Meninos que deveriam estar na escola estão vendendo drogas na rua, e cadelas que parecem estar a um passo da morte, implorando que paguem por elas. Esta não é uma área na qual você queira estar.

— Jesus Cristo — murmuro pela janela. Não quero estar aqui, mas, com certeza, não quero o Cohen aqui. — Temos que encontrá-lo, Braxx.

— Cage, você me conhece, homem. Não ferro as coisas por aí. Vamos ter o seu garoto de volta — sua voz já não é questionadora. Seu tom não somente exibe confiança e fúria, mas posso sentir a compaixão vindo dele, em ondas. Braxxon pode ser o único cara que conheço que não importa se sujar as mãos, mas seu coração é ouro puro quando se trata de alguém a quem considera sua família.

[21] Cadeia de fast-food, assim como o MacDonald's.

Braxx não fala mais nada, mas, por outro lado, muito menos eu. Buscamos pelas ruas de Naked City e esperamos. Esperamos receber a ligação, mas procuramos por algum sinal que possa nos levar ao meu garoto.

Estamos dirigindo ao redor e sem objetivo nos últimos trinta minutos mais ou menos, quando a chamada finalmente chega. "Contole C. S." aparece na tela, mostrando que um dos caras encontrou alguma coisa.

— Cage — vocifero ao telefone. Minha paciência está diminuindo lentamente, a cada mendigo, prostituta ou drogado pelos quais passamos. Não posso suportar a ideia da inocência do Cohen sendo fodida por essas pessoas. A ideia do meu garoto sozinho e assustado está me comendo vivo. — Fale, maldito.

— É o Coop; Maddox o encontrou. Bom, Maddox encontrou o lugar onde deve estar. O falecido marido da irmã dela tem uma propriedade um pouco ao norte de onde você está agora. Tenho sua localização no GPS, então continue avançando para o norte e avisarei quando tiver que virar.

—Entendido — respondo ao Coop. — Siga para o norte até que me enviem o sinal — digo ao Braxx. De nenhuma maneira vou revelar o seu nome ao Coop. Maddox é o único que sabe com que me encontrei, e só essa pessoa já é muito.

— Greg, com quem, diabos, você está? — Pergunta Coop.

— Não é problema seu. Apenas mantenha os olhos na tela e me diga como chegar ao meu garoto. — Sim, minha paciência se foi.

— Jesus Cristo, você vai terminar preso ou algo pior, Greg. Espero que saiba o que está fazendo.

— Me encarreguei disso. Estamos perto? — Acabar com essa merda; tenho que acabar com essa merda. Respiro fundo várias vezes e espero o sinal para virar.

Depois de mais alguns minutos, estacionamos no mais sujo pedaço de merda que já vi na minha vida. Como esta casa ainda está de pé, está muito além da minha compreensão. Caixas e mais caixas se alinham na entrada, e lixo e sucatas de carros usados, estão jogados no quintal, mas o que não vejo é gente. Não há nenhum só veículo nesse quintal, que pareça funcionar. Só um monte de merda, luzes de natal e gatos.

— Cage, fique quieto, homem. Sei que isso está te comendo vivo, saber que o seu garoto está lá. Mas é por isso que estou aqui. Voltarei. Enquanto isso, pegue a bolsa preta atrás da caminhonete e a abra para mim, ok? Pegue uma arma, por garantia. Não está identificada, sem amarras, se chegar a precisar dela. Deixa a bolsa aberta. Meus brinquedos favoritos estão lá. E algo me diz que estou a ponto de brincar. — Deixa sair umas risadas baixas que são pura maldade, e não é a primeira vez que fico feliz de o chamar de amigo, e não de inimigo. Braxxon Breaker não é um inimigo que você quer ter.

— Greg? Que caralhos você está fazendo? — Escuto o Coop gritar pelo telefone. Porra.

— Esqueça que escutou isso, Zeke Cooper, e não me diga que não faria todo o possível para ter certeza de sair vitorioso dessa situação. Não vou deixar que minha mulher ou minha família sejam ameaçados de novo. — Começa a falar, mas desligo e jogo o telefone no banco, esperando para sair em silencio e ir para a parte de trás da caminhonete, seguir as instruções do Braxx. Me acomodando novamente no assento, o vejo mover silenciosamente ao redor da casa. Cuidadoso, se mantém escondido enquanto revisa todas as janelas, e para por um segundo na

frente da porta principal, antes de se mover para a caminhonete com um sorriso malicioso. Sinaliza para a parte de trás da caminhonete e saio do assento para descobrir o que o está divertindo.

— Parece que o jogo começou.

Dá a volta até a parte de trás e levanta a mão, esperando a bolsa. Depois de passá-la pela abertura, a abaixa e começa a pegar seus "brinquedos". Já vi de quase tudo, mas quando vejo a merda que pega, inclusive eu dou um salto de surpresa. Dois pregos enormes de trilhos de ferrovias, um martelo, fita adesiva e uma pistola 9mm. Entendo a fita e a arma, mas as duas primeiras me confundem.

— Irmão, não tenho certeza se quero saber o que você planeja com os pregos e o martelo, mas o espetáculo é seu, agora. Me diga o que fazer, onde ficar e como pegar o meu garoto.

— Por agora, quanto menos souber é melhor. São quatro pessoas no total, irmão. Escutei duas cadelas gritando e gemendo, a outra caminhando na parte da frente da casa. Deixe-os comigo. Pegue o seu garoto e dê o fora daqui. Não dê oportunidade de machucarem você ou ao seu garoto. Ele vai precisar de você. Vou primeiro. Você fica atrás de

mim, homem. Ande, corre, não me importo. Só fique fora do meu caminho.

Posso lidar com isso. Ofereço um aceno da cabeça e logo o sigo através da porta. Braxx pode soar rude para alguns, mas sei que este é seu espetáculo, sua cidade e quero isto. Posso confiar nele para terminar o trabalho sem nenhuma pista me seguindo até em casa, e se a merda esquentar, vai garantir que esfrie rapidamente. Como disse, não o quer como inimigo, mas não pode ter um melhor aliado.

A primeira coisa que noto quando atravessamos a porta é o cheiro. Cheira como se essa casa tivesse sido usada como banheiro ou cemitério por anos. Misturado com o calor do deserto e nada de ar condicionado, podre nem sequer chega perto.

Braxx faz um rápido trabalho silenciando as cadelas que estão sentadas na mesa da cozinha, cheirando linhas de cocaína e, então, sinaliza que eu siga pelo corredor escuro até a parte de trás da casa. Enquanto me movimento, minhas extremidades começam a formigar, meu sangue começa a pulsar e posso sentir a adrenalina passar através do meu organismo. É quase como se meu corpo soubesse que estamos no lugar certo.

Quanto mais me aproximo da parte de trás, mais posso escutar os sons de sexo, corpos batendo rudemente com o som molhado de pele e um pesado som de golpes, que posso assumir que é a cabeceira da cama batendo na parede. Os baixos gemidos do homem fazem meu interior ferver, mas quando escuto o grito agudo, cada músculo do meu corpo tem espasmos. Conheço aqueles fodidos gritos estridentes.

Que diabos?

Com um poderoso grunhido, suficiente para estremecer os alicerces, abro a porta e vejo a cena diante de mim. Lá está ela, a maldita Mandy, completamente nua, fazendo sua melhor versão de vaqueira em cima do filho da puta mais feio que já vi na minha vida.

Seus gritos atingem meus ouvidos, mas só tenho olhos para o filho de uma cadela embaixo dela. Faz um trabalho rápido em retirá-la de cima do seu corpo; tenho que lutar para segurar o vômito quando vejo o pau ereto entre nós.

— Você! Vou lidar com você depois — aponto para Mandy. Separando as pernas e pronto para aceitar qualquer coisa, nivelo o olhar com homem que sei que é o responsável por tirar a vida da mãe da minha

mulher. Com um tom que me dá arrepios, falo a única coisa que me importa. — Onde está o meu filho?

A confusão deve ter alertado o Braxx porque, imediatamente, sinto sua presença atrás de mim.

— Você conhece essa cadela? — Pergunta, apontado para o lado do quarto onde a Mandy está tentando se colocar de pé.

— Sim — falo entre os dentes, mas não chego mais longe quando vejo o homem fazer seu movimento.

Não tirei os olhos do homem, ainda nu e cuspindo como um louco, então quando se move na minha direção, não é difícil bloquear seus esforços. Meu punho acerta sua bochecha e faz um som nojento quando escuto o osso se romper com a força do meu golpe. Dou uma rápida olhada para o Braxx e o vejo lidando com a Mandy. — Ela continua respirando até que eu tenha umas palavrinhas com ela, irmão — falo por cima do ombro. Me dá uma elevação de queixo, antes de a arrastar para fora do quarto pelo cabelo.

Movendo minha atenção novamente para o homem, o observo enquanto tropeça levemente, mas faz parte para cima de mim novamente. Desta vez, não desperdiço nem um segundo. Dois rápidos

golpes na sua garganta o deixam se encolhendo. Outro poderoso golpe no rosto o faz balançar levemente. E quando finalmente tomo sua cabeça nas mãos e a atinjo com o joelho levantado, ele cai. Sangue sai do seu nariz, boca e orelhas.

Quando finalmente cai no chão, ataco de novo e chuto seu estômago com as botas.

— Onde está o meu filho, imbecil? — Grito na sua cara.

Não obtenho resposta, então ajoelho junto ao corpo machucado e pergunto de novo.

— Onde, diabos, está o meu filho?

— Vá se fer... rar! — Geme.

— Resposta errada.

Perco por completo o sentido da realidade quando minha visão fica vermelha e foco nesse filho de uma cadela. Quando o sangue cobre completamente as minhas mãos e estou ofegante, sou finalmente capaz de parar, caindo de bunda sobre o piso coberto de sangue.

Salto levemente quando a voz ameaçadora do Braxx soa no quarto.

— Irmão, acabou. Vá, eu resolvo isso. Vou arrumar esta merda, Cage. Vá.

— Não consigo encontrar o meu garoto — falo, levantando o olhar para encontrar os olhos do Braxx. Por trás da fúria que está enchendo seu rosto, posso ver a compaixão e a dor por mim. — Meu garoto, Braxx.

— Cacete, Greg. Se recomponha. Procure por toda a casa, cada canto e cada fresta. — Seu tom duro faz eu me endireitar e me ergo, afastando a decepção que tomou conta do meu organismo.

Levanto da minha posição no chão e tiro a camisa por cima da cabeça, para limpar as mãos. De maneira nenhuma vou tocar alguma coisa nesse quarto.

Além do lixo que enche o piso e cada superfície disponível, não há muito mais no cômodo. Me virando e preparando para sair, noto pela primeira vez, uma porta em um canto. Meus pés estão se movendo para a porta antes mesmo que perceba que tive essa ideia. Em minha pressa, quase tropeço no corpo que o Braxx está arrastando para fora do cômodo.

Alcanço a trava e a encontro trancada. Faz com que a minha esperança se renove. Não posso pensar em nenhuma outra razão para haver um cômodo trancado nesta merda.

— COHEN — grito e bato na porta. — Cohen, querido, você está aí? — Permaneço em silêncio por alguns minutos, a esperança morrendo lentamente. — Cohen... filho, por favor, esteja aí.

Estou me preparando para derrubar a porta, quando escuto um pequeno soluço e a única palavra que pode fazer meu coração bater de novo.

— P-p-pai?

— Braxx! — Grito. — Eu o encontrei.

Tento abrir a porta com meu ombro, mas ela não cede. A esmagadora necessidade de segurar o Cohen nos braços, de ter certeza que está bem, está me dirigindo, agora.

— C-Man, preciso que se afaste da porta. Está bem, amigo? — Quando escuto a resposta baixa, me afasto e chuto a porta com todas as minhas forças, vendo-a se estilhaçar e abrir. Imediatamente, meus olhos começam a vasculhar o pequeno quarto escuro. Antes mesmo de poder processar todo o quarto, Cohen vem voando para os meus braços. O

levanto e coloco sua cabeça no meu ombro pela primeira vez, desde que recebemos a ligação, sentindo que tudo vai ficar bem.

— Cohen, preciso que você feche os olhos até que eu diga para os abrir, ok? Tem alguns ninjas maus aqui, um dos meus amigos está lutando e não quero que você veja. Você entende? — Posso senti-lo concordando com a cabeça contra meu ombro, o corpo pequeno tremendo com a força dos soluços e as lágrimas molhando a minha camiseta. — Papai está com você, Cohen.

Não perco tempo em atravessar a casa, lançar ao Braxx um rápido olhar e o ver ocupado, cumprindo sua promessa. Duvido que um centímetro desse cômodo não esteja pintado de vermelho quando terminar.

Apenas algumas horas depois, estamos acomodados em um pequeno motel de beira de estrada, assim posso alimentar e limpar o Cohen. Braxx foi até a loja de conveniência para pegar algumas coisas para o Cohen comer, enquanto dou banho nele e o troco. Ainda bem que, mesmo com a pressa para chegar em Las Vegas, tive o cuidado de trazer uma roupa reserva para os dois.

Cohen dormiu nos meus braços imediatamente depois de comer cada saco de salgadinhos que o Braxx trouxe. Está desmaiado, mas está salvo. Nos. Meus. Braços.

Mesmo com o Cohen aqui, não conseguirei descansar facilmente sem saber o que aconteceu, sem saber que a ameaça se foi, finalmente. Levanto o olhar e encontro o do Braxx. Está esperando; me conhece muito bem e sabe que vou perguntar. — Bem?

— Olha nos meus olhos por alguns segundos. Posso dizer que está tentando decidir o quanto vai dizer. O que quer que seja que vê no meu rosto, o satisfaz. — A cadela número um está amarrada a uma cadeira, sangrando lentamente, irmão. Longa e lenta morte. A cadela número dois... bom, essa cadela lutou, então, esmaguei seu crânio. A cadela número três está amarrada a outra cadeira; não tem como desamarrá-la até que o meu contato a leve. Estava implorando para soltá-la, implorando por essa merda. Está tão vidrada em você, irmão. Bastante obcecada. Você não estava no seu juízo perfeito para tomar essa decisão, irmão. Você não quer essa cadela perto da sua família novamente. Lidei com isso. O idiota lá? Bom, vamos apenas dizer que não vai se levantar daquela cadeira, porque cravei os pregos nos seus joelhos, furei sua

garganta e o deixei sangrar. Disse para dar o sinal vermelho, Cage. Tornei toda essa merda vermelha. — Seus olhos parecem cansados, mas posso dizer que ainda está cheio de adrenalina.

Devia ser difícil escutar isso, mas essas pessoas não merecem caminhar nesta terra. Prometi que não deixaria que alguém mais ameaçasse minha família de novo, e mesmo com diante da batalha entre o certo e o errado, sinto que fiz o correto.

— O que vai acontecer com ela? — Pergunto. Meu estômago se aperta diante da mera ideia que possa me causar mais problemas.

— Não será mais um problema. Meu contato tem planos para ela. Não voltará a tocar na sua família de novo. — Você não é amigo de alguém por tanto tempo como nós somos, sem saber ler as entrelinhas. Ele sabe o que está me comendo vivo.

Concordo e abaixo o olhar novamente para o Cohen.

— Não posso te agradecer o suficiente por sua ajuda, Braxx. Realmente, não posso. Junto com a Melissa, esse garoto significa o mundo para mim, e você me ajudou a tê-lo de volta. Se precisar de algo, qualquer coisa, me ligue, ok?

— Ligarei, irmão, ligarei — me dá um aceno com a cabeça, os olhos indo até o Cohen uma vez mais, antes de se afastar da parede na qual está apoiado. Leva alguns segundos para tirar algo do seu bolso e, então, anda até a cama. Coloca as chaves e uma nova placa na cama, encontra meus olhos uma última vez, e sai pela porta. Palavras não são necessárias neste ponto. Sabe que meu respeito por ele é profundo e sei que, para um homem como Braxxon, meus agradecimentos não são desejados, mas conhecidos.

Está na hora de levar o meu garoto para casa, ter a minha mulher e juntar as peças deste fodido desastre.

CAGE

27
Greg

Não perco tempo, troco as placas e saio rumo à nossa casa. Cohen se move algumas vezes, e toda vez termina gritando, antes de o sacudir até acordar. Quando olha ao redor e vê meu rosto, uma calma instantânea o cobre. Quebra meu coração pensar pelo que ele passou, mas tenho que nos considerar um pouco sortudos, por não ter sido muito, muito pior.

Cerca de cinco horas depois de começar nossa viagem, ligo. Izzy diz que tiveram que sedar Melissa de novo, quando percebeu que eu não estava lá. Tem a esperança que, quando der a notícia que estou a caminho com o Cohen, ela recupere um pouco de sentido da realidade. Neste momento, está perdida demais em sua dor. Me mata saber que está em um frio quarto de hospital, assustada, angustiada e sozinha.

Quando finalmente não consigo permanecer acordado por mais tempo, estaciono em algum lugar no meio do Texas. Estou dirigindo

muito rápido, mas vai se transformar em um problema para nossa segurança, se continuar acordado. Cohen deve estar no mesmo barco que eu, porque só acordou por poucas horas, antes de cair no sono novamente.

Faço nosso registro em um hotel qualquer, por algumas horas. Pegando o Cohen e trancando a caminhonete, entramos no quarto. Tranco a porta e o levo até a cama, sem nem sequer me preocupar em tirar os lençóis. Deitando e o segurando perto do meu corpo, envolvo os braços ao redor dele e, segundos mais tarde, estou fora de combate.

Quando acordo algumas horas depois, minha mente está confusa e levo alguns minutos para lembrar onde estou e por que estou aqui. Quando não sinto o Cohen imediatamente, pulo da cama, em estado de pânico.

Olhando ao redor do quarto, solto a respiração quando o vejo sentado do outro lado da cama, vendo televisão alegremente.

— Cohen — digo, com um longo suspiro.

— Seu rosto parece divertido, pai — e, simples assim, me estabilizo. Caio de joelhos na frente dele, o puxo para mim e só o abraço,

CAGE

agradecendo a Deus que esteja bem. — Está fazendo cócegas no meu pescoço — sorri.

— Sinto muito, homenzinho, não tive tempo de cuidar de todos meus dedos com cosquinhas — brinco, antes de esfregar a barba no pequeno pescoço.

Depois que terminamos de sorrir, o empurro para trás e olho para ele, da cabeça aos pés.

— Você está bem? Sei que deve ter sido assustador. É um homenzinho tão corajoso.

Olha para mim por alguns minutos, seu rosto fazendo careta antes de relaxar e, como se nada tivesse acontecido, sorri. — Bobo, sabia que você viria. Você tem superpoderes, lembra?

Claro, superpoderes.

— Está certo. Sempre irei — passo a mão pelo seu cabelo e dou um beijo na sua testa antes de me levantar. — Muito bem, hora dos companheiros. Todos os grandes heróis têm isso. Seu trabalho é ajudar a levar nossa caminhonete mágica até em casa, tão rápido quanto seja possível. Acha que pode fazer isso?

Pula da cama e começa a correr animadamente, me contando como vamos chegar em casa antes que o desenho do Bob Esponja tenha terminado.

Me perdi com o Bob Esponja, mas posso seguir com isso.

As próximas quinze horas da nossa viagem são esgotantes. Cohen está inquieto, mas cada vez que dorme, acorda com um grito. Estou começando a me preocupar sobre o que pode ter acontecido antes de chegar. Quando tento falar com ele, diz que as pessoas que cheiravam mal o fizeram entrar na banheira, e disseram que se fizesse um ruído, machucariam sua tia. Não falamos mais sobre isso, mas faço uma nota mental para perguntar à Izzy o nome do médico que a ajudou, depois de encontrar seu ex marido.

Quando finalmente cruzamos a fronteira da Geórgia, estou longe de casa há três dias. Três dias que precisava estar em casa. Três dias nos quais minha mulher está sofrendo, sem mim.

A última ligação da Izzy me fez sentir muito melhor. Me disse que está com a Melissa na sua casa e está aguentando melhor. Ainda tem momentos em que se quebra, mas na maior parte, parece estranhamente imperativa e, obviamente, esperando demais a nossa volta.

CAGE

A tarde está terminando quando finalmente chegamos na cidade. Faço com que Maddox e Coop se encontrem comigo na fronteira da cidade com a minha caminhonete, para que possam se desfazer daquela na qual estou viajando, enquanto vou para casa, com a Melissa. De forma alguma, vou arriscar tudo levando essa caminhonete até a porta da minha casa. Já vou ter um tempo bastante complicado ao explicar como apareci com o menino que todos estão procurando.

As rodas nem sequer encostam na calçada, quando a vejo. Voando através da porta principal, correndo tão rápido como pode pelo pátio para chegar até o carro. No segundo em que abre a porta da frente, paro a caminhonete, saio, ela me alcança, se chocando contra o meu corpo com força o suficiente para quase me deixar de joelhos, estou pronto.

Sempre estarei pronto.

Não fala nada; só me abraça com uma força que esmaga meus ossos. Depois de me abraçar e deixar sair toda a dor durante um minuto, se afasta e me olha nos olhos. Estou seguro que os meus estão tão vermelhos e úmidos como os dela. Não tenho necessidade de manter a compostura agora. A pressão, o estresse, a preocupação e a angústia dos

CAGE

últimos dias me deixam. A adrenalina com a qual estive agindo, se desvanece no instante em que a seguro nos meus braços.

— Ele está realmente bem? — Pergunta, passando as pequenas mãos pelas minhas bochechas, através da minha barba e pelo meu peito, como se estivesse avaliando algum tipo de lesão.

— Realmente está bem, Bela. Tendo problemas para dormir a menos que esteja segurando minha mão ou o esteja abraçando, mas realmente está bem.

— Você? — Suas mãos ainda estão deslizando pelo meu corpo. Quando chega nas minhas mãos e vê o estrago nos meus nódulos, não pergunta nada. Só leva as mãos aos seus lábios e começa a chorar de novo.

— Melissa, me olhe — espero ela se acalmar e erguer os olhos até os meus. — Preciso que se acalme. Busque essa força que sei que você tem, e me ajude. Quero desmoronar também, baby, mas nesse exato momento, temos que lutar pelo nosso filho, ok?

Ela respira profundamente algumas vezes e concorda com a cabeça. Tem que se recompor visivelmente, quando começamos a caminhar até o lado da caminhonete, onde está o Cohen.

— Esteve acordado desde o Mississipi, finalmente caiu no sono em algum ligar no meio do Alabama, mas está bem. — Paramos e o observamos. São e salvo.

Seus lábios se franzem ligeiramente no sono, mas, a cada poucos segundos, se curvam em um sorriso. O cabelo castanho claro está embolado e a roupa tem várias manchas de comida sobre cada centímetro do tecido. Mas neste exato momento, agora mesmo, não podia parecer mais perfeito.

Essa noite, tenho que lidar com a polícia, ao relatar que o Cohen está em casa. É uma coisa muito boa, ter uma relação estreita com quase todos os policiais, detetives e investigadores da área. Não fazem muitas perguntas quando digo que fui eu que o encontrou. Bom, um deles fez, mas Maddox interveio, e com um movimento de cabeça, o policial novato fechou a boca. O garoto está a salvo e isso é tudo o que importa, também. Um deles me puxou de lado quando ia saindo e perguntou se ainda deveria continuar procurando Susan Wagner e seu parceiro. Não digo uma palavra, mas seria um idiota se perdesse o olhar que envio para ele.

Informo aos caras o que aconteceu e deixo que preencham os espaços em branco.

Enquanto ia para Las Vegas, Maddox começou a fazer o que melhor faz. Se sentou em sua sala cheia de computadores e procurou, até que encontrou a pista.

Quando Mandy começou a perceber que realmente tinha terminado com ela, ficou obcecada em fazer com que eu e Melissa terminássemos. Fez da sua missão pessoal averiguar todo o possível sobre nós. Não era difícil ver que havia estado perseguindo a Melissa durante meses. Quando Coop foi ao seu apartamento, tinha paredes e paredes cobertas com fotos. Algumas da Meliisa, algumas minhas, algumas do Cohen, mas a maioria eram aquelas com os três juntos. A única diferença é que havia colocado seu rosto sobre o da Melissa. Havia criado toda essa vida de fantasia onde iríamos viver felizes para sempre com nosso pequeno filho.

Desgostoso nem sequer se aproxima do que sinto sobre isso. Todos concordamos que o melhor é não mencionar isto a ninguém.

Ainda não sabemos como, mas ela entrou em contato com Susan e contratou o homem que, mais tarde, identificamos como Bruno Clark

CAGE

para sequestrar o Cohen. Não pareciam ter um plano estabelecido depois disso, porque a pista terminava em Las Vegas.

Quando descobri o quanto a Mandy estava doente, me alegrei que estivesse apodrecendo em algum lugar profundo nas entranhas de Las Vegas. Lutei para não saber exatamente o que aconteceu. No final, tive que ligar para Braxx. Sua resposta foi que deixasse para lá e soubesse apenas que a cadela não tocaria na minha família de novo. Ela se foi e estou certo pra cacete que o melhor é não saber onde terminou. Ter certeza que estava vivendo um inferno em vida.



As primeiras noites em casa foram difíceis. Nos sentamos e explicamos para o Cohen que sua Nana conseguiu suas asas e agora estava sentada nas nuvens e cuidando dele. Ele entendeu tão bem quanto qualquer garoto de três anos entende, mas no final do dia, quando se cansa, começa a perguntar pela Nana de novo. Melissa tem que sair do quarto porque não quer que a veja chorando, mas sei que isso é o que está acontecendo.

Depois de outra conversa sobre os anjos e o céu, parece entender um pouco melhor.

Essa noite, dorme entre nós dois.

A noite seguinte é um pouco mais fácil, mas ainda não consegue deixar a nossa cama.

Somente uma semana depois do funeral, finalmente, é capaz de dormir na sua própria cama.

Melissa está melhorando. Tem seus momentos, mas no geral, se desculpa quando acontecem. Algumas vezes, a encontro na ducha ou sentada no fundo do closet, se desmanchando, mas sou capaz de desviar do assunto.

Resultado final, ninguém na minha casa está digerindo bem a situação. Até que se passa outra semana e lembro da psicóloga da Izzy. É especializada em sofrimento e transtorno do estresse pós-traumático, e ajudou tanto à Izzy, quanto a mim, depois que quase perdi a vida tentando salvar a dela. Não é preciso muito esforço para convencer Melissa. Sabe que não vamos melhorar até falarmos com alguém, possamos expressar nossas perdas, nossos medos e tudo mais.

Esse é o primeiro dia que vejo um pouco de vida voltar aos seus olhos. É quando sei que ficaremos bem, que vamos superar isso.

CAGE

Melissa

Não lembro muito dos dias depois da morte da minha mãe. Lembro de acordar algumas vezes e ver a Izzy ou um dos caras. Lembro de chorar pelo Cohen e chorar pelo Greg, mas na maior parte, os dias seguintes estão em branco. Não quero lembrar daqueles dias em que a dor era tão crua que tive medo que me consumiria. Não queria lembrar o medo que me consumia quando pensei que nunca voltaria a ver o Cohen novamente, nunca mais escutá-lo falar e falar sobre ninjas e pintinhos. E não quero pensar no que senti quando pensei que também ia perder o Greg.

O que lembro claramente é o que senti quando vi sua caminhonete estacionar na calçada e vi seu rosto e a sombra do meu homenzinho dormindo no banco de trás. Lembro da reação, da cabeça aos pés, que teve meu corpo quando Greg saiu da vcaminhonete e caí em seus braços.

Quando Izzy me disse que estava a caminho de casa com Cohen, soube sem dúvida, que não havia nada que este homem não faria se sentisse que era o melhor para sua família.

Não falamos dos detalhes da sua viagem para trazer o Cohen para casa. Não quero saber. Do que falamos agora é quão sortudos somos. Nos deram uma oportunidade que poucos na nossa posição têm alguma vez. Uma segunda oportunidade na vida.

CAGE

28
Melissa

Já se passaram dois meses desde que perdemos a minha mãe e quase perdemos o Cohen. Hoje vamos comemorar meu vigésimo nono aniversário. Os planos não são realmente especiais, mas é outra maneira de levar nossas vidas para a normalidade.

Cohen quase voltou a ser o mesmo menino que era antes de tudo isso. Ainda tem dias que pergunta por minha mãe, mas agora que seu tempo está cheio de momentos com o Greg, finalmente seguiu adiante.

— Melissa? — Estava no banheiro me arrumando, nos últimos quinze minutos. Tem sorte de eu não passar anos me arrumando, mas meus homens estão prontos para comer, então não importa para eles, e me apressam.

— Aqui, baby! — Grito através da porta, antes de me virar para o espelho para terminar de aplicar o rímel.

— Quase pronta? — Pergunta e se inclina para beijar minha testa. — Cohen está pronto, de capa e tudo.

— Claro que sim. Um dia desses, pode ser que tire aquela coisa, mas agora até pode estar conectada cirurgicamente a ele.

— Quase. — Tampo o rímel e me viro, agarrando sua camisa com as mãos e o puxando para mim. Quando nossos lábios se encontram, passo as mãos pelo peito rígido, antes de passar os dedos pelo seu cabelo. Geme sua aprovação na minha boca e, dessa forma, nos esquecemos do mundo ao nosso redor.

Quando agarra minha bunda e me puxa contra o seu corpo, sei que despertei a fera acidentalmente. Recuando, ofereço um olhar de arrependimento antes de falar.

— Sinto muito, só queria um beijo antes de irmos.

— Estou feliz por te agradar, Bela, mas vamos garantir que a próxima vez que você quiser um beijo assim, que não estejamos a ponto de nos reunir com os caras para jantar. Me sentar por horas e falar um monte de merda, não é divertido quando meu pau está a ponto de ser estrangulado pela minha própria calça. — Começo a sorrir e me viro para sair do quarto, quase me chocando com o Cohen no processo.

— Pai, o que é um pau e porque suas calças o estão machucando? — Viro e olho para o Greg. Seu rosto está atordoado de espanto e suas bochechas estão um pouco ruborizadas. Quem teria pensado que é realmente possível surpreender esse homem.

— Hum, C-Man, lembra aquele dia que eu falei que haviam perguntas que não podia fazer até que tivesse dez anos? — Espera que a pequena cabeça do Cohen concorde antes de continuar: — Bom, essa é uma dessas perguntas que não pode fazer até esse momento, ok?

— Está bem, pai. Vou perguntar ao Maddox Locke! — Desde que Cohen voltou de Las Vegas, Greg não pode suportar a ideia de colocá-lo no pré-escolar. Acha que é cedo demais. Por isso, Cohen se transformou no mais novo membro da equipe Corps Security. Já que os homens têm o costume de serem conhecidos pelos sobrenome, nome, ambos, ou às vezes, nenhum, Cohen esteve um pouco confuso de como deveria os chamar. Finalmente decidiu os chamar como quisesse. Nem todos eram chamados pelo primeiro nome e sobrenome. Parecia guardar isto somente para seus favoritos.

Beck agora é Beckett. Maddox é Maddox Locke e, o meu preferido, Sway é Dilbert.

— Boa ideia. Pergunta para ele.— Greg retira o Cohen do quarto rapidamente para que eu possa continuar me arrumando. Ainda estou sorrindo quando desço as escadas para me encontrar com os meus caras.

Não demoramos muito para chegar ao restaurante. Decidimos nos encontrar em um dos restaurantes italianos que todos apreciamos e, como de costume, somos os últimos a chegar. Um desses dias, seremos os primeiros, quem sabe. Provavelmente, não.

Quando entramos, caio em uma armadilha imediatamente. Recebo um sorriso do Greg antes de pegar a mão do Cohen e se dirigir para a mesa. Quando Izzy, Dee e Emmy finalmente me levam até o banheiro as perguntas começam a voar.

— Que infernos? — Pergunta Izzy.

— Teria sido agradável receber uma ligação! É muito pedir isso? — Solta Dee.

— Engravidou você? — Surpreendentemente, isso vem Emmy.

Todas olhamos para ela e sorrio quando suas bochechas marfim ficam coradas no mesmo instante.

— O quê? — Sussurra. — Vocês também estavam pensando isso.

Sorrio diante do comentário. A verdade é que é algo que sabia que ia vir. Greg e eu temos conversado sobre o que aconteceria se o fizéssemos. A reação que nós, ou melhor, eu, teríamos que lidar. Parece que tinha razão. As minhas amigas não gostaram da ideia de ter perdido o casamento. Mas, eu sei, é mais que isso. Izzy e Greg são como família, então nosso desaparecimento e escapada para as montanhas para um casamento rápido, somente ele, Cohen e eu, bom, não foi bem aceito pela Izzy.

— Sinto muito? — Ofereço. — Na verdade não, mas podem acreditar nisso se as fizerem sentir melhor — todas sorriem, mas posso dizer que Izzy ainda está um pouco amarga.

— Desejaria poder ter estado lá. Estou tão feliz por vocês dois, mas desejaria poder ter visto ele se casando. — Entendo de onde está vindo isso. E Greg também. Mas isto é sobre nós e isto é tudo o que importa.

— Eu sei, Iz. Realmente eu sei, mas precisávamos disso. Era algo especial para nós. Foi somente uma pequena cerimônia entre nós e o Cohen, então tivemos um dia especial fazendo coisas que nossas irmãs e minha mãe teriam desfrutado. — E o fizemos. Fizemos coisas pequenas como jogar plumas por uma montanha na qual saímos em excursão, as

CAGE

observando enquanto flutuavam. Inclusive encontramos um poço dos desejos. Essas coisas pequenas significarão algo para o Cohen algum dia.

— Então isso significa que você não está grávida? — Pergunta Dee com esperança.

— Não, não estou grávida. — Sorrio quando seu rosto fica triste. — Ainda não, mas não estamos evitando. Se acontecer, que aconteça. É uma dessas coisas que decidimos abrir mão do controle e agora somente estamos vivendo nossas vidas.

— Bom, estou feliz por vocês — oferece Emmy e envolve os pequenos braços ao meu redor.

— Eu também. Eu juro. Estava um pouco chateada, mas entendo. — Izzy sorri e seus olhos verdes piscam com lágrimas. — Você é uma espécie de irmã para mim, agora. — Dá um passo para frente e me abraça. Não tinha pensado nisso dessa maneira, mas tem razão. Penso, e não pela primeira vez nos últimos meses, em quão verdadeiramente sou abençoada.

— Qual é o problema? — Escuto Emmy perguntar à Dee. — Você está decepcionada por ela não estar grávida?

Nos olha um momento, demorando um pouco nos olhando nos olhos. A garota louca realmente está decepcionada e está fazendo um péssimo trabalho para esconder isso.

— O quê? Sim, estou um pouco chateada. Estava esperando ter um outro bebê por aqui, agora que o Nate se transformou em um "bebê alfa".

— Que cacete é um bebê alfa? — Pergunta Izzy, soltando uma gargalhada.

— Ah, sério? Está dizendo "meu" constantemente. Mas fala sobre coisas normais das quais um bebê de um ano pode querer? Nãooooo, é o filho de Axel Reid. O bebê reivindica peitos, Izzy. O levei ao shopping comigo no outro dia e, quando entramos na Victoria Secret para conseguir leggings novas, porque oi, estavam em oferta, então por que não? De todas formas, entramos e começa a sinalizar para cada manequim, e para o peito de cada vendedora. Quando estou pagando, abaixa minha blusa e grita "meus". Você vai ter problemas com esse bebê, se já está perseguindo peitos com um ano.

Antes que esteja na metade de história, todas nós estamos limpando as lágrimas e rindo como bobas. Jesus, as coisas que saem da sua boca são simplesmente incríveis.

— Alguma vez te ocorreu pensar que, quem sabe, estava somente faminto? — Pergunta Izzy. Como se a mera ideia que seu bebê alimentado no peito estivesse faminto pudesse nem sequer estar no radar da Dee.

— Não. Não me ocorreu, porque é raro que ainda esteja dando peito, e seu filho tenha dentes. E se morder o seu mamilo?

— Você está falando sério? — Disse Emmy, surpresa.

— Infernos, sim. Quando tiver filhos, de maneira alguma, vão se aproximar das minhas garotas com seus dentes. Nenhuma maneira.

— Você é ridícula, é bom para ele. E de verdade, Dee, eu coloquei piercings nelas. Realmente acredita que um mordisco aqui e ali vai machucar essas máquinas de leite? — Posso dizer que Izzy está começando a ficar irritada. Este é um debate que nós temos constantemente, "nós" sendo a Dee contra o resto. Não há forma de a convencer de toda essa coisa de dentes e mamilos.

— Uh! Pode não as chamar de máquinas de leite? — Grita Dee.

— Você sabe, Dee, não sei porque está tão assustada. Amo quando Greg usa os dentes. — Sorrio quando abre a boca. Realmente é muito fácil a surpreender estes dias. Estou muito segura que a última vez que ela conseguiu algo disso, o Bush pai era o presidente.

— Não preciso saber isso sobre o Greg — olha para Izzy, que ainda está rindo. —Por que você está rindo? Isso é nojento!

Izzy se acalma e olha para Dee com alegria dançando nos olhos brilhantes.

— Então suponho que você não quer que ela conte quando descobriu que ele tem, não um, não dois, mas três piercings nas partes intimas! — Começa a sorrir de novo quando Dee começa a sentir náuseas e sai do banheiro.

— Cruel, mas engraçado pra caralho — sorrio junto com a Izzy por alguns segundos. Quando conseguimos parar, olho para ela e ofereço um pequeno sorriso. — Sério, você está bem? Sei que queria estar conosco, mas isto era realmente algo que necessitávamos fazer, somente nós três.

— Meus sentimentos ficaram feridos por um instante, mas então Axel me explicou. Entendo isso, realmente entendo. — Nos abraçamos

um momento antes de se afastar e segurar as minhas mãos. — Ao menos ele fez algo bom.

Ela não está enganada nisso. Enquanto ela e Emmy se revezam para elogiar o anel que ele escolheu para mim, levo um momento para o apreciar de novo.

Meu coração se expande diante do que significa usar esse anel. Meu esposo. É tão novo e, honestamente, não assimilei ainda. Não tenho certeza de que assimilarei ainda por um tempo, mas pensar que o homem que eu estava tão determinada a evitar e escapar é agora meu esposo e logo, pai adotivo do Cohen, faz que meu coração se expanda.

Quando voltamos para a mesa, Greg se levanta e puxa uma cadeira para mim. Justamente quando estou me preparando para cumprimentar o Beck, sentado à minha direita, Greg se inclina e sussurra no meu ouvido:

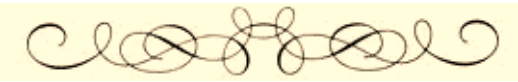
— Você sabe porque a Dee saiu antes de vocês três, falando algumas bobagens sobre eu ser nojento? — Olho através da mesa para Dee. Ainda está olhando para o Greg como se fosse o portador de cada doença incurável que existe e tem as mãos fechadas em punhos de novo.

— Esqueça isso, Dee! — Grito através da mesa.

Sacode a cabeça algumas vezes e olha para o Greg.

— Há tantas coisas que não quero saber de você. Três? Realmente?

Greg envolve o braço ao redor do meu ombro e me puxa para mais perto dele. Posso sentir seu sorriso vibrando através do corpo que está sacudindo enquanto ri da Dee. Com os braços do meu esposo envolvidos ao redor de mim, Cohen no seu colo e todos os nossos amigos ao redor de nós, agradeço à minha irmã pela milionésima vez, por sempre me recordar de viver.



Decidimos sair um pouco mais cedo. Quando Izzy pergunta se o Cohen pode ficar esta noite em sua casa, um menino de três anos muito emocionado grita "sim" através da mesa e Greg não perde tempo em pagar a conta e me arrastar para fora do restaurante.

— Você está agindo como uma fera, Greg. — Sorrio, lutando para seguir o ritmo das suas passadas longas.

— Eu te disse, cada Bela necessita da sua Fera, e para a sua Fera, foi garantida uma noite de sexo sem interrupções, com sua esposa. Então

vamos nos mover, mulher. — Quando não consigo seguir o ritmo dos seus passos largos para a caminhonete, se vira e, antes que eu tenha oportunidade de protestar, coloca meu estomago em seu ombro e estou pendurada em suas costas.

— Greg! —Nem sequer posso fingir indignação neste ponto. Este é meu homem e o amo pra caralho.

Quando chegamos na caminhonete, não me joga no assento. Toma seu tempo para se inclinar sobre o meu corpo e devorar meus lábios em um beijo que consome minha alma, cheio de promessas do que está por vir. Quando se afasta, solta um gemido e sorri.

— Sim, você me sente agora.

— Fera.

A viagem para casa é cheia de intenso calor. Não pela temperatura, porque ambos sabemos que, com sorte, daremos dois passos em cima da cama, antes de gozarmos juntos.

Desde que o Cohen veio viver conosco em tempo integral, tivemos que começar a ser criativos com a nossa vida sexual. Aquela vez que me empurrou para a despensa e me deu os cinco minutos mais quentes entre as latas de comida foi um dos meus favoritos. Quase ser descobertos pelo

Cohen não foi. Estou convencida que o menino vinha com um bloqueador de pau incorporado. Em todo caso, ter um menino pequeno conosco nos faz sentir mais quentes um pelo outro, quando podemos desfrutar de algum tempo juntos.

Mas de novo, com Greg Cage, cada vez parece como a primeira.

Quando chegamos ao portão, cumprimento o Stan com a mão, nos dirigimos para casa, desato meu cinto e me preparo para o que virá. Previsível como sempre, vai até a porta, estaciona e segue até a minha porta. Ao menos dessa vez me pega nos braços ao estilo noiva, enquanto caminha rapidamente para a porta. Estendo a mão e me encarrego da fechadura e, em dois segundos, estamos do lado de dentro, com porta fechada e trancada, e minhas costas contra o aço frio.

— Não posso esperar, Bela — diz contra meus lábios. — Preciso te sentir. Preciso te amar.

— Não quero que você espere — respondo e começo a ajudá-lo a tirar a roupa. Tropeçamos, caindo no chão. Antes de acertar o chão, ele gira o corpo , para aguentar a pior parte do impacto.

Somos uma mistura de roupa e membros enquanto nos apressamos a nos conectar. Às vezes, sinto que momentos como este são

nossa forma de recordar que estamos vivos, que superamos e ainda estamos aqui, vivendo nossas vidas e amando duro.

— Te amo — falo para ele, inclinando para frente e olhando entre nossos corpos para o observar guiar seu pau dentro da minha boceta. Agarro seus peitorais firmes e começo a me mover contra ele. Meu piercing favorito acrescenta a fricção perfeita contra meu clitóris.

Sinto que suas mãos começam a deslizar sobre o meu estômago, antes de segurar meus peitos e começar a girar e beliscar os mamilos. Minha cabeça se inclina para trás e começo a me mover mais rápido, desfrutando de uma das raras vezes em que me permite estar por cima.

Quando começo a falhar no movimento, agarra meus quadris e começa a me levantar e abaixar meu corpo, me penetrando, golpe após golpe, uma e outra vez. Nossos gemidos dançam juntos e quando sinto que começo a desmoronar, me inclino para frente levemente, esperando que ele se erga para encontrar meus lábios.

E bem ali, em um emaranhado de membros e com os lábios unidos, ambos alcançamos o orgasmo ao mesmo tempo. Completamente conectados. Mente, corpo e alma.

Vivendo a vida que temos a benção de ter.

A Bela e a sua Fera.



EPÍLOGO
Melissa

— Não venho aqui há meses. Poderia culpar o clima, mas o inverno terminou faz semanas. Poderia culpar o trabalho, mas ambas saberíamos que estaria mentindo. Poderia culpar uma série de coisas, mas a única verdade é que tive medo. Uma coisa é vir com os caras. Com eles ao redor, não posso desabar e fingir que você ainda está aqui. — Suspiro profundamente e me deito na grama fresca. — Tinha que vir desta vez. Queria ser quem contasse para vocês. Queria que fossem as primeiras pessoas para as quais contar. Nem sequer disse ao Greg ou ao Cohen, ainda, embora tenho a sensação de que quando o fizer, vão celebrar tão ruidosamente que, ainda assim, vão os escutar.

Olho para o céu claro com um sorriso e continuo com minha razão para ter vindo: — Só levou seis meses, mas os trâmites da adoção chegaram hoje. Greg e eu somos oficialmente os pais legais do Cohen. Cohen acha que é maravilhoso receber um novo sobrenome. Cohen

Cage. Disse que é o melhor nome para um super-herói. — Sorrio algumas vezes antes de me acalmar.

— Gostaria que ambas estivessem aqui, ainda. Sempre pensei nesse momento e todas as vezes, as teria comigo. Mas, da mesma forma que dissemos ao Cohen, ainda sei que estão aí em cima e felizes por mim.

Levo alguns minutos antes de poder falar, por causa do nó na minha garganta.

— Fui ao médico hoje — sussurro. — Espero que seja uma menina, Fia. Você lembra todas aquelas vezes que conversamos sobre ter um filho primeiro, e logo depois uma filha, por isso teria sempre proteção? Mal posso esperar para ver o Cohen se transformar em um irmão. — Fico ali por alguns momentos mais, com um sorriso no rosto, e penso em todas as vezes que planejamos nosso futuro. Fica mais simples sentir saudades da minha família, mas nunca deixa de doer.

— Sinto falta de vocês, garotas. Só queria que soubessem, deixar que sejam as primeiras a saber que Cohen está bem e que logo nossa família crescerá. Desejo com tanta força que estivessem aqui para compartilhar isso comigo. Te amo, mãe. Te amo, Fia.

Fico de pé e dou mais uma olhada nas duas lápides que marcam a minha família.

Amo as duas, muito, muito.

Quando dirijo do cemitério para casa, sinto a pressão do luto diminuir no meu coração, e disparar até o céu, pela primeira vez desde que perdi Fia.

Quando estaciono na calçada e vejo meu esposo e o nosso filho rolando na grama, sei que, inclusive através da angústia e da dor, nós dois aprendemos a voar.

Temos vivido.

E, agora, podemos ensinar nossos filhos a fazerem o mesmo.

FIM

CAGE